



Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Patrícia Portela Fernandes de Souza

**ENTRE O DISCURSO DAS POLÍTICAS
SOCIAIS E AS PRÁTICAS DE JOVENS EM UM
BAIRRO POPULAR DE SALVADOR:
o caso do Alto das Pombas**

**SALVADOR - BAHIA
2005**

Patrícia Portela Fernandes de Souza

ENTRE O DISCURSO DAS POLÍTICAS SOCIAIS E AS PRÁTICAS
DE JOVENS EM UM BAIRRO POPULAR DE SALVADOR:
o caso de Alto das Pombas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, concentração em Sociologia.

Orientadora:

Profa. Dra. *Iracema Brandão Guimarães*

Salvador – Bahia
2005

SOUZA, Patrícia Portela Fernandes

Entre o discurso das políticas sociais e as práticas de jovens em um bairro popular de Salvador: o caso do Alto das Pombas / Patrícia Portela Fernandes de Souza. – Salvador, 2005.

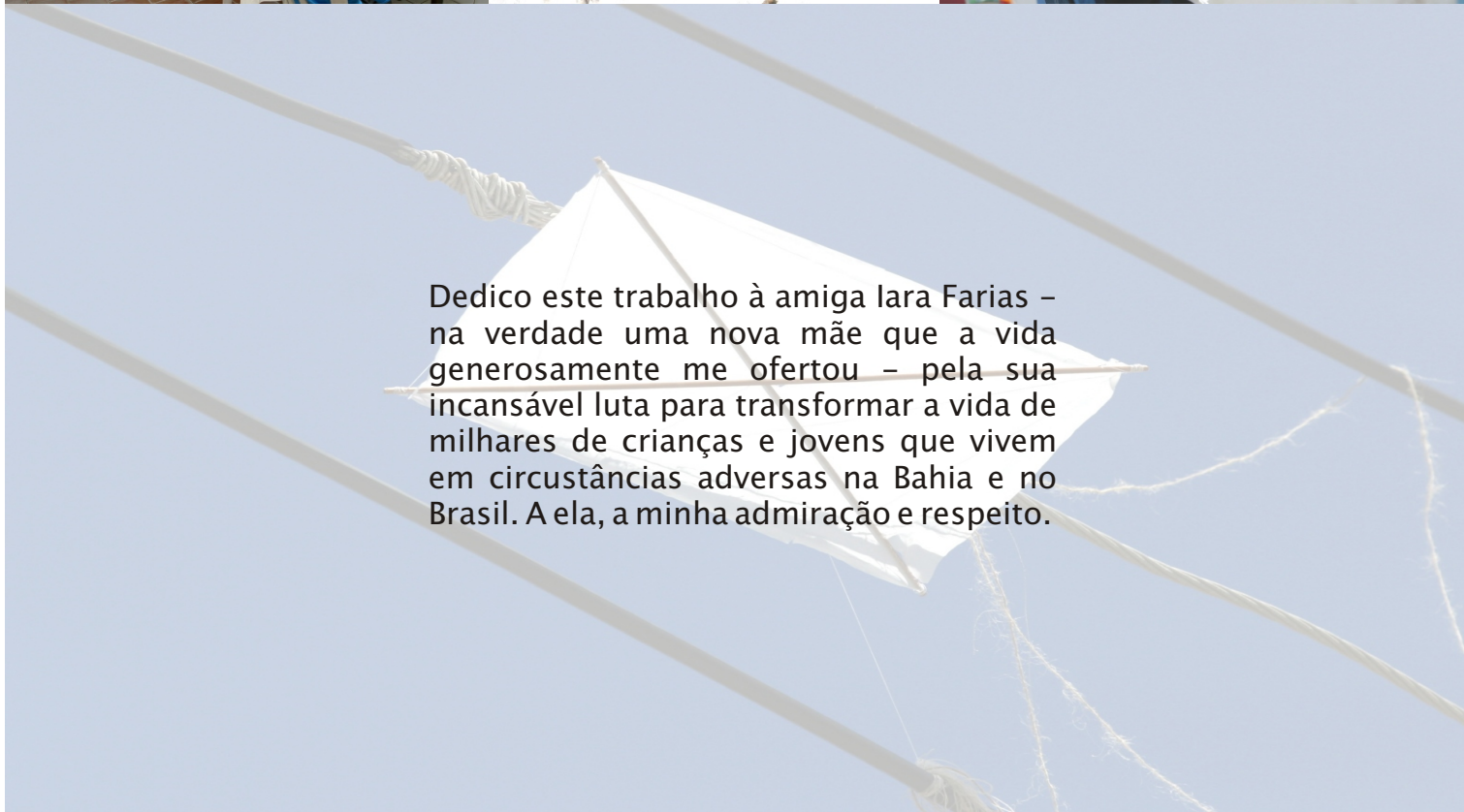
113 f.

Orientador: Professora Dra. Iracema Brandão Guimarães.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

1. Políticas sociais – Alto das Pombas (bairro) – Salvador. 2. Assistência social – Salvador. I. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. II. Guimarães, Iracema Brandão.

CDU 36 (813.8)



Dedico este trabalho à amiga Iara Farias – na verdade uma nova mãe que a vida generosamente me ofertou – pela sua incansável luta para transformar a vida de milhares de crianças e jovens que vivem em circunstâncias adversas na Bahia e no Brasil. A ela, a minha admiração e respeito.

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas contribuíram diretamente para a realização deste trabalho e a elas dedico minha eterna gratidão. O apoio e incentivo nos momentos mais difíceis foram fundamentais para tornar este trabalho uma realidade, apesar das limitações naturais impostas pela distância entre o Brasil e Moçambique, país onde me mudei desde junho de 2004 por motivos de trabalho.

Em primeiro lugar, agradeço muito aos jovens moradores do Alto das Pombas por compartilharem comigo suas experiências e vivências, fazendo destes encontros de trabalho momentos de descobertas e alegrias.

À minha orientadora, Profa. Iracema Guimarães, meu muito obrigada por aceitar o desafio de iniciar uma simples jornalista no mundo das ciências sociais. Agradeço as conversas e o novo olhar que trouxe para as minhas práticas profissionais.

Meus agradecimentos especiais a Profa. Inaiá Carvalho, cujo trabalho intelectual sempre foi fonte de inspiração.

Meus mais sinceros agradecimentos à amiga e socióloga Profa. Terezinha de Lisioux Fagundes que, na reta final, esteve sempre ao meu lado, me ajudando na construção deste trabalho. Seu apoio e amizade foram fundamentais para a conclusão desta dissertação em terras africanas. Aos meus professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA pelos ensinamentos e estímulos durante as discussões e conversas em sala de aula. Agradeço também aos funcionários do Programa, especialmente Dôra, por toda a ajuda dada ao longo deste processo.

Desde o início desta jornada, a socióloga Iara Farias esteve ao meu lado dialogando e contribuindo com esta análise em torno das políticas sociais voltadas para os jovens de baixa renda de Salvador. A ela, meus agradecimentos. Agradeço também a todos os colegas do escritório zonal do UNICEF em Salvador, especialmente Ruy Pavan, pela paciência e incentivo constantes, permitindo que eu vivenciasse os papéis de profissional e estudante simultaneamente.

Agradecimento especial para minha amiga e companheira Cida Lima pelo incansável apoio dado ao longo deste trabalho, sem o qual a jornada teria sido muito mais difícil.

Agradeço muito a meus pais – Neta e Remy – pelo incentivo constante e estímulo para o estudo dado desde a mais tenra infância. Obrigada a meus irmãos, cunhados, sobrinhos e amigos pelo carinho de sempre.

E, finalmente, agradeço a Deus, aos santos e orixás da Bahia pela eterna presença em minha vida, redobrando as forças e as energias no momento certo.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo compreender as práticas dos jovens moradores do bairro do Alto das Pombas participantes e não participantes de instituições sociais voltadas para o atendimento de jovens de baixa renda de Salvador. A partir da sua relação com a escola, a família e o bairro, comparamos as práticas e as opiniões dos meninos e meninas que estão e não estão envolvidos nos projetos das instituições sociais, sejam elas governamentais ou não-governamentais, para saber se essas políticas sociais estariam reelaborando as práticas dos jovens.

A pesquisa de campo foi realizada através de entrevistas abertas com jovens moradores do Alto das Pombas, seus pais, professores e líderes comunitários. A análise dos dados empíricos demonstrou que, na perspectiva dos jovens participantes de projetos sociais e dos adultos que os apóiam, as instituições sociais fortalecem a auto-estima dos jovens, estimulam o desenvolvimento das suas capacidades e os informam sobre seus direitos e deveres. Quando comparados com os não participantes, em relação aos estudos, parece haver um desenvolvimento do senso de responsabilidade por parte dos jovens participantes e um maior envolvimento nas atividades escolares. Em relação à família, observamos a ampliação do diálogo mas não um acompanhamento mais próximo dos estudos dos filhos. Já na relação dos jovens participantes com o seu bairro, notamos a tendência de haver um maior envolvimento nas lutas do bairro e uma preocupação em transformá-lo em um local com oportunidades de lazer e educação para seus moradores.

Constatamos, portanto, o efeito das instituições sociais nos jovens, quando estas os ajudam a reelaborar as práticas a partir do fortalecimento da auto-estima, do estímulo para o estudo e da conscientização em torno dos seus direitos e deveres. Entretanto, percebemos, que os projetos sociais não são suficientes para promover uma mudança de *habitus* ou uma reelaboração das práticas sociais dos jovens de forma mais radical e duradoura. A frágil situação econômica das suas famílias, as limitações do ensino público, a falta de oportunidades de lazer e de educação complementar (inglês, informática, etc) e a frágil infra-estrutura dos bairros onde vivem parecem estar inibindo e/ou restringindo a inclusão social dos jovens das camadas empobrecidas da população. Portanto, por mais que as instituições sociais – e principalmente os jovens – se esforcem, há questões estruturais de iniquidades que precisam ser enfrentadas com políticas sociais e econômicas de largo alcance.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to comprehend the practices of young people living in “Alto das Pombas Neighborhood” participants and non-participants in social institutions devoted to the assistance of young people with low income in Salvador. Based on their relation with school, family and neighbourhood, we compare the practices and views of boys and girls involved or not in the social institutions’ projects, either governmental or non-governmental, in order to find out if such social policies are re-conceiving the young people practices.

The field survey was done through open interviews with young people living in Alto Pombas, their parents, teachers and community leaders. The data analysis demonstrated that young people participating in social projects have their self-esteem strengthened and are stimulated to develop their skills. They also seem to be more aware of their rights and duties. When compared with the non-participants, in regard to studies, it seems that the participating ones develop the sense of responsibility more and they are much more involved in school activities. In regard to family, we observed a broadening of the dialogue; however there is not a close monitoring of the children’s education process. Among young people who participate in social institutions, we noted a wider participation in their neighborhood daily life and a tendency of more involvement in disputes/fights and a concern in turning the neighborhood into a place with opportunities for learning and leisure for the residents.

Therefore, we witnessed an impact of social institutions in the young people, when they support the re-conceive the practices based on the strengthening of the self-esteem, of the stimulus for studying and awareness on their duties and rights. In the meantime, we learned that the social projects are not sufficient to promote behavior change or reformulation of social practices of the young people in a more radical and long-lasting way. The fragile economic situation of the families, the limitations of the public education, the lack of opportunities for leisure and complementary education (English, computer science, etc) and the fragile infra-structure of the neighborhood where they live on seem to prevent the young people from social inclusion. Therefore, despite efforts from social institutions- particularly the efforts from young people - there are structural inequities that should be addressed through comprehensive social and economic policies.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	
A QUESTÃO SOCIAL DA INFÂNCIA E JUVENTUDE	
A INFÂNCIA E A JUVENTUDE COMO UMA QUESTÃO SOCIAL	21
A INFÂNCIA E A JUVENTUDE NAS POLÍTICAS SOCIAIS	30
CAPÍTULO II	
O BAIRRO DO ALTO DAS POMBAS E SEUS JOVENS MORADORES	
A POPULAÇÃO JOVEM	39
O BAIRRO	40
OS JOVENS ENTREVISTADOS	42
AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS	43
A COLETA DE DADOS	46
ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS ENTREVISTADOS	48
OS JOVENS MORADORES PARTICIPANTES DE INSTITUIÇÕES E O BAIRRO	48
OS JOVENS MORADORES NÃO-PARTICIPANTES DE INSTITUIÇÕES E O BAIRRO	55
OS PROJETOS SOCIAIS E O BAIRRO	60
OS GRUPOS DE JOVENS DO BAIRRO	68
CAPÍTULO III	
A ESCOLA, A FAMÍLIA E OS JOVENS	
A ESCOLA E OS JOVENS	73
A FAMÍLIA E OS JOVENS	86
OUTROS TEMAS LEVANTADOS PELOS JOVENS	92
CAPÍTULO IV	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
ANEXOS	109

APRESENTAÇÃO

Na última década o nosso interesse pessoal e profissional tem se voltado para a juventude e as diversas nuances do ser jovem, em consequência de uma experiência profissional proporcionada pela instituição de âmbito internacional, onde estamos atuando.

Percebermos os jovens brasileiros, seus interesses e necessidades e, mais especificamente, o que é “ser jovem” das camadas sociais empobrecidas do país, observando como eles desenvolvem e criam suas estratégias de sobrevivência, foi aos poucos se tornando uma necessidade de conhecimento para nós.

A partir desta relação profissional, na qual crianças, adolescentes e jovens eram objetos prioritários de trabalho, e da sensação de bem-estar e prazer por estar ao lado desses meninos e meninas, fomos atuando no dia-a-dia e aos poucos construindo o objeto central desta dissertação de mestrado. Ao lado de profissionais de várias áreas e através do monitoramento e acompanhamento de várias frentes de trabalho junto a esse público, convivemos com jovens das camadas mais pobres do país. Enquanto nos debruçávamos sobre questões reais e concretas como a violência, o trabalho infanto-juvenil e a baixa qualidade do ensino, discutíamos programas e políticas sociais de curto, médio e longo prazos. Os desafios se mostravam grandes e profundos. Participamos de grupos de trabalho, de debates e reflexões sobre o tema. O interesse crescia e a visibilidade dos limites impostos aos jovens de baixa renda – principalmente para aqueles que vivem em áreas urbanas das grandes cidades brasileiras – aumentava perante os nossos olhos.

Nasceu aí a necessidade de estudarmos e analisarmos o objeto desta pesquisa. Tornava-se imperioso fazermos uma leitura mais apurada e uma reflexão mais analítica sobre as questões sociais dos jovens de baixa renda da Bahia, nosso estado de origem e de atuação profissional. Portanto, o trabalho de pesquisa que ora apresentamos nasceu de uma necessidade concreta e das conversas e convivências com os próprios jovens. Através de seus depoimentos e das atitudes e das reflexões feitas no ambiente profissional, o escopo deste trabalho foi sendo desenhado e articulado. A certeza de que a academia seria o foro mais adequado para o desenvolvimento deste trabalho nos levou de volta à Universidade Federal da Bahia, onde fomos à procura da nossa orientadora e de seus colegas de trabalho. E, desde o início, as conversas e as leituras dos trabalhos produzidos pelas Profas. Iracema Brandão Guimarães, Inaiá Carvalho, Ruy Pavan e Iara Farias serviram de inspiração para esta pesquisa.

O trabalho que ora apresentamos divide-se em quatro capítulos, além da introdução. Na introdução, apresentamos a pesquisa a partir dos seus objetivos e recortes

teóricos, pontuando os autores trabalhados nesta análise sobre as políticas sociais voltadas para os jovens de baixa renda de Salvador.

O primeiro capítulo analisa a infância e a juventude como uma questão social e as políticas sociais implementadas no país para este segmento populacional ao longo da história. Já no segundo capítulo, focalizamos os jovens moradores do Alto das Pombas, o bairro onde vivem e as instituições que os acolhem. Fazemos ainda uma análise dos jovens participantes e não participantes de projetos sociais com o bairro. No terceiro, fazemos uma análise da relação dos jovens com a escola e a família, além de apresentar temas levantados pelos próprios jovens durante a pesquisa. Complementamos às falas dos jovens com as dos adultos que os apóiam, ou seja, seus pais, professores e líderes comunitários. E, finalmente, tecemos as considerações finais deste trabalho no quarto e último capítulo, retomando a questão central da pesquisa e reelaborando as reflexões teóricas realizadas no início do trabalho, na tentativa de sintetizar uma posição que possa gerar novas reflexões e análises sobre o tema trabalhado.

INTRODUÇÃO

A juventude é um período de reorganização pessoal e social que é vivido com a quebra de valores, contestações, rebeldias, inquietações, sensibilidade, podendo gerar transgressões de quem quer conhecer o desconhecido. A passagem do universo infantil para o mundo adulto passa pela ansiedade de construir rapidamente sua nova identidade: “Quem sou eu?”, “O que eu quero?”, “O que serei?” e “Para onde vou?” são indagações feitas por indivíduos jovens de todas as classes sociais. Entretanto, nas camadas populares existem especificidades no modo de ver e de lidar com o mundo, pelo fato das pessoas buscarem inserir-se em um contexto social no qual é preciso conquistar espaços, quebrar tabus, derrubar barreiras e vencer desafios diante de um contexto de desemprego/sub-emprego, violência e difícil acesso a uma educação de qualidade.

Partindo da teoria praxiológica de Pierre Bourdieu (1996), que reivindica um olhar que opere não com dicotomias, mas com práticas unificadas – a chamada economia unificada das práticas e do poder simbólico –, construímos o objeto desta pesquisa, tentando demolir o pré-construído, as impressões e reflexões da atuação profissional junto aos jovens de baixa renda e baixa escolaridade de Salvador. Buscamos entender como se estrutura o *habitus* (BOURDIEU, 2002) destes jovens, tendo em vista as instituições de ressocialização voltadas para jovens de baixa renda que atuam na cidade de Salvador. No caso, os sistemas generativos (que presidem as escolhas e, conseqüentemente, as oportunidades) estariam presentes na realidade dos jovens pesquisados, articulando o sujeito com a estrutura social, entendendo os agentes não só como meros reprodutores e executores da estrutura, de algo que lhes é exterior e se encontra programado, estruturado, mas sim agentes capazes de executar a ação conscientemente, interferindo na estrutura. Através do *habitus*, o sujeito interioriza as determinações e percebe os limites da sua ação.¹

Através da reflexão acadêmica, revisitamos o *habitus*, ou seja, o conjunto das práticas dos jovens moradores de um bairro popular de Salvador, buscando perceber em que medida a frequência em programas e projetos sociais implicaria em repensar e reelaborar as suas práticas sociais. E ainda, se isso os leva a planejar/replanejar suas vidas.

Em que medida a passagem desses jovens por instituições sociais conduziria as suas práticas, reelaborando seu *habitus*? Segundo a teoria, ao se inserir em outros campos, o agente reelabora suas práticas e é justamente nesse momento que se conhece o

¹ “O *habitus* exprime a contribuição que cada prática (cultural, econômica, doméstica, etc.), em universos aparentemente diversos, presta à produção e à reprodução da identidade social do agente”, Pinto (2000, p. 50).

habitus, entendido como sistemas de disposições duráveis. Para Bourdieu (2002), há uma correspondência entre a estrutura social e as estruturas mentais. São os esquemas de pensamentos coletivos que são sociais e esses são transmitidos pelos educadores. Estudos como os de Santos (2002) afirmam que há uma mudança apenas no plano subjetivo dos jovens, ou seja, o sujeito se recoloca no espaço social, com sua identidade valorizada e auto-estima fortalecida, mas sem mudanças estruturais profundas, reproduzindo, portanto, as atividades profissionais dos pais, geralmente de baixo prestígio social e baixos salários.

Na teoria de Bourdieu, o objeto está no mundo social e nas especificidades dos sujeitos. Quais as disposições dos jovens de baixa renda e baixa escolaridade de Salvador para buscar a inserção social, ressaltado que o *habitus* tende a conformar e orientar a ação, mudando as práticas dos jovens? Até que ponto, os projetos e políticas sociais estão influenciando as práticas dos jovens de um bairro específico, visando sua integração no tecido social?

Entendendo *habitus* como estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, em que medida os meninos e meninas que são atendidos nos projetos sociais teriam condições de executar as ações que desejam se as chances para efetivá-las encontram-se objetivamente estruturadas no interior da sociedade, ou seja, da sua comunidade? Como destaca Santos (2002), a noção de *habitus* permite uma historicização do sujeito, ao desmontar o sistema socialmente constituído de esquemas incorporados que comandam suas estratégias. A estratégia é vista como uma prática conferida pelo *habitus*. Uma ação estratégica é a ação de um agente que internalizou um *habitus* e, por isso, age a partir de um senso prático e não a partir de obediência as regras. “O senso prático que o indivíduo apreende desde a infância, participando do mundo social, é o *habitus* adquirido na família que está no princípio da estruturação das experiências escolares, enquanto o *habitus* transformado pela ação escolar está no princípio da estruturação de todas as experiências ulteriores”, Santos (2002, p. 30).

Todo objeto científico é consciente e metodicamente construído (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1999) – o objeto é a realidade que quer se tornar notada. A partir das questões colocadas, o objetivo central deste estudo foi compreender as práticas sociais dos jovens participantes e não-participantes dos projetos sociais governamentais e não-governamentais, oriundos de uma mesma comunidade, para perceber em que medida elas se aproximam e se distanciam, e, como se dá a inserção desses jovens nos campos sociais. Em última instância, buscamos entender se, de fato, estas instituições sociais contribuiriam para a reelaboração das práticas dos jovens quer seja na esco-

la, na família ou na comunidade. Procuramos saber se esses jovens estariam repensando suas práticas (*habitus*) e se isso os teria levado a um planejamento racional das suas vidas, na perspectiva da ação social calculada weberiana (WEBER, 1981), estimulando-os a desenvolver e implementar seus projetos de vida.

A nossa experiência prática aponta que os jovens envolvidos em projetos e/ou programas sociais voltados para o desenvolvimento individual e social buscam melhorar a sua qualidade de vida e a de seus familiares, além de despertarem para a necessidade de traçar planos e metas para suas vidas e participar da vida comunitária. O senso comum diz que o jovem participante de projetos sociais conhece seus direitos e deveres, passa a identificar-se como uma pessoa integrante de um determinado grupo social (valorizando-se), procurando melhorar sua relação com a família e a escola e, ao mesmo tempo, buscando melhorar a vida da comunidade e vislumbrando caminhos para garantir sua inserção no mercado de trabalho em um futuro muito próximo.

Trabalhamos com jovens de baixa renda do bairro do Alto das Pombas, situado no centro de Salvador e cercado por bairros de classe média. Investigamos como eles vivem essa etapa de vida, como percebem o mundo e suas relações com a família, a escola e a comunidade. Como analisa Guimarães (1998), a realidade das famílias pobres coloca alternativas diferentes para os homens, mulheres, jovens e crianças nos seus atuais contextos de vida. Essas alternativas devem ser relativamente diversas do contexto de estratégias familiares que foram estudadas no final dos anos 70 por diferentes pesquisadores (BILAC, 1978).

Investigamos as práticas sociais e as possibilidades acessíveis aos jovens do bairro de Alto das Pombas, que freqüentam uma escola pública e têm dentro de sua casa pais desempregados ou subempregados, como conseqüência da atual lógica socioeconômica. Foram identificados alguns traços da experiência desses jovens, ouvindo-os sobre temas como família, escola e vida na comunidade, indagando até que ponto as instituições sociais estariam contribuindo, de fato, para a ressocialização da juventude pauperizada de Salvador.

Mas em que medida as representações sociais destes jovens se aproximam ou se distanciam dos programas e projetos direcionados para esse segmento populacional? Investigamos se o comportamento e as condições de vida dos adolescentes são afetados pelo fato deles participarem de uma iniciativa educacional/social específica para averiguarmos se a própria dinâmica da vida comunitária não lhes daria acesso aos mecanismos de inclusão social, como a inserção em cursos profissionalizantes e no mundo do trabalho. Nossa meta era observar as semelhanças e diferenças em relação ao tripé esco-

la-família-comunidade dos jovens envolvidos em programas e projetos sociais e compará-los com os não atingidos por essas políticas sociais, e como irão se realizar como pessoas adultas diante de uma economia política excludente e um mercado de trabalho cada vez mais seletivo e restrito. Essas e outras indagações são questões respondidas a partir do conhecimento e da vivência do próprio jovem e sua relação com três dimensões de sua vida: a convivência dentro da escola, da comunidade e a relação com pais e irmãos.

Os jovens das classes trabalhadoras podem ser analisados a partir da discussão de Norbert Elias e John L. Scotson (2000).² Eles identificam grupos sociais distintos dentro de uma mesma comunidade que chamam de estabelecidos e *outsiders* (excluídos) e afirmam que os primeiros se colocam com recurso de poder suficiente para tratar as pessoas do outro grupo como socialmente inferiores, tratando-as coletivamente com desprezo, como pessoas menos educadas e, portanto, de valor humano inferior. Por outro lado, os *outsiders* internalizam a inferioridade determinada pelo *establishment* e são estigmatizados como grupo de menor prestígio social. Os *outsiders* são os outros, mas a relação estabelecidos-*outsiders* é complementar. O carisma de um grupo pressupõe a desonra do outro, se erguendo aí barreiras e preconceitos sociais e se realizando uma batalha pelo poder (estigmatização versus contra-estigmatização). E dessa estigmatização pode surgir um efeito paralisante nos grupos de menor poder e prestígio social, tornando-se um elemento central nas tensões e conflitos ligados ao equilíbrio de poder, uma vez que atrapalha e entrava a capacidade de retaliação do grupo com menor poder e, conseqüentemente, sua capacidade de mobilizar as fontes de poder ao seu alcance para reverter este quadro. Muitas vezes os estabelecidos sequer percebem os insultos ou o movimento reativo dos outros, principalmente quando a distribuição de poder é muito desigual. Quando os *outsiders* começam a incomodar o grupo dominante, a ser percebidos como um grupo social de fato, é o indício de que há alguma mudança no ar.

Os segmentos populacionais jovens de baixa renda e pouca escolaridade de Salvador, moradores dos núcleos de pobreza, compõem um grupo social com menor poder e prestígio social, se contrapondo aos grupos dominantes, onde estão as pessoas com maior poder aquisitivo e maior escolaridade. São os detentores das posições sociais mais altas, das instâncias de decisão e da grande maioria dos bens materiais e econômicos disponíveis na cidade. Concretiza-se aí uma relação estabelecidos-*outsiders*, onde os outros são os pobres, os “deseducados”, os “inferiores”, os “favelados” e, no caso da capital baiana, os negros. O grupo estigmatizado como *outsider* ou excluído, socialmente in-

² Ver “Os estabelecidos e os *outsiders*” (2000).

ferior, precisa dispor de mecanismos que lhe permita acessar as fontes de poder para que ele tenha visibilidade social e, a partir daí, construa a luta pela divisão mais igualitária de poder, derrubando as barreiras dos preconceitos e da estigmatização. A educação e o capital cultural seriam fontes de poder que poderiam abrir caminhos para reverter esta lógica excludente.

A pesquisa buscou perceber até que ponto os jovens de baixa renda, especialmente os participantes dos projetos e programas sociais, cuja ideologia é justamente colocar as crianças e jovens como sujeitos de direitos (discussão que se impõe no Brasil a partir da Convenção Internacional dos Direitos da Criança – 1989 – e, principalmente, com o Estatuto da Criança e do Adolescente – 1990), levam para dentro de suas comunidades *outsiders* uma nova perspectiva de ver e perceber a vida (a perspectiva dos direitos humanos), um novo olhar sobre eles mesmos, sobre suas famílias e vizinhos. Nosso trabalho verificou até que ponto a perspectiva dos direitos humanos ou, como dizia o slogan do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no Brasil na década de 90, “o direito a ter direitos”, chega aos jovens pauperizados de um bairro de Salvador, oferecendo-lhes recursos de poder.

No caso abordado por Elias e Scotson (2000), a clivagem entre os grupos incluído e excluído (estabelecido e *outsider*) se dá não pelas diferenças entre classes sociais (o capital econômico é basicamente o mesmo na comunidade por eles estudada), mas em função do capital cultural. As diferenças culturais e o status social são as dimensões que fazem a distinção entre um e outro grupo. No nosso caso, também não há distinção de classe social entre os grupos a serem pesquisados, uma vez que se trata de jovens que vivem na mesma comunidade pauperizada, freqüentam as mesmas escolas públicas da vizinhança e suas famílias sobrevivem com uma parca renda mensal *per capita*. O que os diferencia é o fato de estarem ou não freqüentando alguma instituição de assistência social.

Hobsbawn (2000), analisa os aspectos culturais que determinam uma distinção social entre grupos de uma mesma classe social. Entretanto, quando comparados aos jovens das classes sociais mais favorecidas economicamente, os jovens de baixa renda têm características similares entre si e distintas daqueles de maior poder aquisitivo, uma vez que a necessidade de sobrevivência imediata e apoio às suas famílias vão determinar as suas práticas.

Ao longo dos últimos treze anos, centenas de organizações não-governamentais e algumas instituições governamentais pautaram seus trabalhos nesta lógica, e milhares de crianças, adolescentes e jovens moradores dos cinturões de pobreza de Salvador fo-

ram objetos destas ações. Com isso, teriam alterado as suas práticas sociais ou acessado algumas fontes de poder simbólico, como diria Bourdieu (2002), no intuito de lutar contra a estigmatização dos *outsiders* ou, pelo menos, dar visibilidade às suas demandas sócio-econômicas, que os aparatos estatais não conseguem suprir. Mas será que os jovens levam para dentro de suas comunidades uma nova visão de si e do mundo e, com isso, estariam rompendo o efeito paralisante imposto aos *outsiders* pelo equilíbrio tão desigual de poder existente na sociedade soteropolitana? Será que os grupos de *hip-hop*, de teatro e de protagonismo juvenil são alguns exemplos disso? Nossa pesquisa analisou e comparou esses discursos com as práticas vivenciadas por esses jovens.

Em função das normas e regras dos seus opressores, os excluídos, pessoas com baixo padrão de vida ou os pobres e negros, como no caso em questão, se posicionam como socialmente inferiores e até com menor valor humano. Como pontuam Elias e Scotson (2000), a anomia e a sujeira estão associadas aos *outsiders*. Crescer como membro de um grupo *outsider*, estigmatizado, portanto, pode resultar em déficits intelectuais e afetivos profundos. Desde crianças, estas pessoas são colocadas como inferiores, como menos capazes ou fadadas ao baixo prestígio social. Portanto, inverter esta lógica ou este paradigma na cabeça dos mais novos, como pretendem alguns discursos dos projetos sociais, seria travar uma luta com o *establishment*, oferecendo novas alternativas para os segmentos pauperizados da população, a partir das suas crianças, adolescentes e jovens.

A partir desta discussão, poderíamos constatar que as questões relacionadas à raça (cor da pele ou tipo físico), ao gênero, ao poder aquisitivo ou à escolaridade podem estabelecer relações do tipo estabelecidos-*outsiders*. Alunos de escola pública são colocados em contraposição aos alunos da rede particular de ensino, negros em relação aos brancos ou pobres aos ricos. Mas, em todas estas relações os elementos centrais são as diferenças de poder e a exclusão dos grupos socialmente inferiores das instâncias de decisão e influência na sociedade, como ressaltam Elias e Scotson (2000).

A superioridade de poder confere vantagens, inclusive materiais, econômicas e políticas, o que permite aos estabelecidos perpetuarem seu poder na sociedade. Quando os *outsiders* têm que viver apenas para sobreviver, para garantir a subsistência imediata, sua demanda primordial é atender às suas necessidades básicas. Porém, quanto mais eles se colocam acima das suas necessidades básicas, mais a sua renda (recursos econômicos) serve de meio para atender outras necessidades humanas que não sejam apenas a satisfação das necessidades mais elementares e, assim, mais agudamente os grupos nessa situação tendem a sentir a inferioridade social, a inferioridade de poder e de *status* que sofrem. Segundo os autores, a luta entre estabelecidos e *outsiders* deixa de ser, por parte

dos excluídos, uma simples luta para aplacar a fome e se transforma numa luta para satisfazer outras aspirações humanas. Essas aspirações desempenham papel real nos conflitos entre grupos humanos interligados. O estigma não desaparece, mas transforma-se na imaginação dos estabelecidos num estigma material, é coisificado, materializado. Surge como algo objetivo, implantado nos *outsiders* pela natureza ou pelos deuses, mas nunca por eles. As características inatas ou biológicas dos *outsiders* são postas, então, como a função objetificadora. O sinal físico (cor da pele) ou a pobreza são, nesta perspectiva, símbolos tangíveis da pretensa anomia do grupo, de seu valor humano inferior, de sua maldade intrínseca. Segundo Elias e Scotson (2000), estes sinais têm também uma função de defesa e de culpa.

Se trouxermos essa discussão para os segmentos populacionais pesquisados, de início nota-se a necessidade da sobrevivência imediata e, neste caso, os jovens são pressionados pelos pais para ingressar no mercado de trabalho cada vez mais cedo, no intuito de complementar a parca renda familiar. Portanto, o sentimento de inferioridade dilui-se e se naturaliza diante da demanda pela subsistência, perpetuando séculos de iniquidades sociais e não acesso às fontes de poder e de prestígio social por parte dos *outsiders*. Entretanto, na medida em que os movimentos sociais, sindicatos, centros de pesquisa e universidades trazem para a agenda política brasileira as discussões sobre desigualdades sociais e econômicas, a distribuição desigual de poder aparece e, mesmo tendo que garantir a sobrevivência imediata, as pessoas são convidadas a lutar contra as injustiças sociais, travando uma luta pelos seus direitos e por justiça social.

As entidades que lidam com jovens na perspectivas dos direitos humanos engrossam estas fileiras acima mencionadas, buscando dar visibilidade à estigmatização sofrida por este segmento populacional, comumente associado à violência, sujeira e ao desregramento social. Os estabelecidos exercem pressões e lutam pela conservação de poder ou aumento desses diferenciais, enquanto os *outsiders* exercem pressões e lutam para reduzir os diferenciais de poder responsáveis por sua situação de inferioridade. Por causa da sua energia vital, a juventude estaria mais propensa a conduzir esta luta em busca do equilíbrio de poder e, assim, alterar as estruturas profundamente arraigadas nos sujeitos excluídos, que naturalizam a condição de inferioridade imposta pelos grupos dominantes.

Este argumento é referendado por Mannheim (1978), quando coloca que a juventude e as novas gerações são forças transformadoras da modernidade e elementos dinâmicos de um tempo em constante mudança. A juventude não é, na visão do autor,

nem conservadora nem progressista por índole, mas é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade.

Segundo Serrão e Baleeiro (1999), algumas características podem ser identificadas no segmento populacional objeto deste estudo como, por exemplo, auto-estima fragilizada; medo de expressar-se; auto-imagem contaminada por preconceitos de classe social, etnia, local de moradia e outros; dificuldade em reconhecer em si atitudes de racismo; presença da sensualidade; música e dança como forma de expressão; ataque como forma de defesa; falta de perspectiva; percepção das limitações das suas famílias e da escola; preocupação com inserção no mercado de trabalho; falta de privacidade na vida pessoal; o papel de destaque da religião; forte relação com a mãe; ausência da figura paterna e, finalmente, percepção da cidadania como conceito abstrato. Seriam esses os jovens que precisariam reconstruir suas identidades e laços perdidos na infância não vivida em sua plenitude, porque não lhes foram garantidos os direitos à educação, saúde, lazer, convivência familiar saudável, entre outros. Eles sabem que têm pela frente muitos desafios para vencer.

Pesquisas como as de Castro (1998) apontam que os bairros populares das grandes cidades do Brasil não oferecem ou oferecem de forma precária serviços e espaços para socialização de crianças e jovens. Faltam espaços para o lazer como quadras e praças, além de serviços públicos de qualidade nas áreas de saúde, educação e infraestrutura sanitária. As fragilidades das políticas públicas e a falta de oportunidades do modelo econômico vigente os colocam em situações de risco. Os projetos sociais voltados para a juventude em bairros populares pretendem dar alternativas a esse esses sujeitos, apesar dessas condições adversas.

CAPÍTULO I
A QUESTÃO SOCIAL DA INFÂNCIA E JUVENTUDE

A INFÂNCIA E A JUVENTUDE ENQUANTO UMA QUESTÃO SOCIAL

Sob a ótica das ciências sociais, consideramos que a categoria juventude engloba adolescentes e jovens, incluindo indivíduos em torno dos 13 aos 25 anos de idade.³ As fases da adolescência e juventude correspondem a um período de mudanças biopsíquicas e sociais para o ser humano, inaugurando uma nova forma de se inserir na sociedade. Como analisa Muza (1997a), as mudanças nas dimensões biológica, psicológica e social do indivíduo, com todos os seus elementos, são partes de um incessante interjogo essencialmente dialético, no qual cada dimensão modifica e é modificada pela outra. Todo esse movimento, no entanto, não se dá num espaço circunscrito exclusivamente ao indivíduo, dele faz parte o contexto histórico, cultural e socioeconômico. E mais, trata-se de um processo, e como processo é construído desde o nascimento e na relação com o outro. Primeiro os da família e, depois, com as demais instâncias sociais. É um período de reorganização pessoal e social. Eles desorganizam-se para organizar-se (SERRÃO; BALEIRO, 1999).

Enquanto um conceito sociológico, a juventude é entendida como uma categoria social e não um grupo social coeso ou uma classe de fato. Mannheim (1982) diz que a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. Groppo (2000) endossa o pensamento de Mannheim e dialoga com Margulis (2000), quando afirma que a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica em relação aos seus comportamentos e atitudes a ela atribuída.

Nesse sentido, esses autores focalizam não só limites etários naturais e objetivos, mas também as representações simbólicas e situações sociais com as suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades. Isto porque estas sociedades, por sua vez, não são constituídas apenas sobre estruturas de classe ou estratificações sociais, mas também sobre faixas etárias e a cronologização do curso da vida. Para Groppo (2000), instituições modernas tais como a escola, o Estado, o Direito, são baseadas no reconhecimento das faixas etárias e na institucionalização do curso da vida. “A sociologia trabalha com a concepção de juventude quando se trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto”, Groppo (2000, p. 14).

³ Segundo a lei brasileira, mais especificamente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência compreende a faixa etária entre os 13 anos completos e os 18 anos incompletos. Jovens são aqueles que têm entre 18 e 24 anos. Mas, para a Organização Mundial de Saúde, a adolescência se inicia aos 10 anos e se estende até os 19 e a juventude se prolonga até os 24 anos.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o fato de não existir a juventude como categoria uniforme e linear, mas sim “juventudes”, com seus diversos recortes culturais, de classe social, gênero, étnicos, religiosos, urbano/ rural, entre outros. Há uma pluralidade de grupos sociais jovens com características, símbolos, linguagem e comportamentos próprios, formando uma série de subcategorias dentro da categoria social “juventude”. Portanto, ao se pensar em jovem, devemos ter em mente um vasto leque de grupos de pessoas com a mesma faixa etária, mas que se relacionam de diversas formas com o mundo e entre si, a depender da inserção no seu contexto social.

Sem dúvidas, o mais razoável é utilizarmos o termo “juventudes”, livrando-nos da generalização que induz a uma uniformidade de comportamentos e situações concretas, que estão distantes de representar a pluralidade de jovens que vivem nas sociedades contemporâneas.

“Contemporaneamente, parece ser um traço das vivências juvenis a formação de grupos concretos que constroem identidades juvenis, diferenciadas de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada grupo em particular, inclusive, nos casos em que há coincidência étnica, de classe, gênero e localidade. Essa característica vem sendo considerada prova da diversidade sócio-cultural contemporânea apregoada pelos autores pós-modernos”, Groppo (2000, p. 17-18).

Margulis (2000, p. 11) considera que a juventude é mais que uma palavra ou um signo difundido largamente pelos *mass media*: “Juventude é um conceito esquivo, construção histórica e social e não mera condição de idade. Cada época e cada setor social postula formas de ser jovem. Há muitos modos de experimentar a juventude e variadas oportunidades de apresentar e representar a pessoa nas múltiplas tribos que emergem da sociedade urbana”. Este autor acrescenta que as diversas situações sociais e culturais, historicamente constituídas, intervêm nas maneiras de ser jovem, nos modelos que regulam e legitimam a condição de juventude. Além disso, a juventude não é somente uma modalidade social e cultural dependente da idade, da classe ou da geração. Nas sociedades contemporâneas, a juventude é também um signo e, por isso, condiciona uma quantidade de atividades produtivas, ligadas ao corpo e a imagem, que comercializam a “juvenilização” da vida, aparecendo novas mercadorias relacionadas ao prolongamento do tempo de vida. Os meios de comunicação bombardeiam a todos com essas mensagens diretas e subliminares.

Margulis (2000) ressalta que a partir de meados do século XIX e no século XX, certos setores sociais lograram oferecer aos seus jovens a possibilidade de postergar as

exigências da vida adulta – sobretudo face às exigências da vida familiar e do trabalho , oferecendo um tempo legítimo para que os jovens se dediquem ao estudo e ao crescimento pessoal, retardando, assim, o casamento e o ingresso no mundo adulto e do trabalho. A sociedade lhes brindaria com uma especial tolerância, que o autor chama de moratória social, que seria este tempo outorgado aos jovens para que eles complementem a sua formação pessoal e social, para que arrisquem, ousem e conheçam as opções e caminhos que estariam à sua frente. Aliada à moratória social, Margulis (2000) cita a moratória de vida (ou moratória vital) e a memória social incorporada como eixos fundamentais para se pensar esta etapa de vida. A moratória de vida diz respeito à própria vida – os jovens estão longe da morte e cheios de saúde e energia, tendo uma espécie de crédito temporal real (jovem não é velho e, portanto, estaria mais longe da morte, do ponto de vista biológico). A memória social incorporada traz à tona a questão geracional – pessoas de idades diferentes foram socializadas em épocas distintas, com códigos próprios e mundos diferentes.

É importante destacar, como pontua ainda Margulis (2000), que as classes populares vivem a juventude de forma distinta dos setores altos e médios da sociedade. O jovem de baixa renda e pouca escolaridade, apesar de compartilhar com os de maior poder aquisitivo a moratória vital e a memória social incorporada, certamente experimentam a moratória social de forma diferente, pois são obrigados a ingressar no mundo do trabalho cada vez mais cedo (atividades mais duras, com menos prestígio social e econômico), além de contrair o matrimônio e filhos mais precocemente. Certamente, o período juvenil é mais curto nos setores populares e maior nas classes médias e altas.

A condição de ser jovem se dá de formas diferentes também entre o gênero. Há mais probabilidade de ser “juvenil” sendo homem do que sendo mulher, uma vez que a maternidade, os filhos e as desigualdades sociais de gênero implicam em prioridades distintas para investir o crédito vital e social disponível.

A juventude é uma condição que se articula social e culturalmente em função da idade (como crédito energético e moratória vital), com a geração a que pertence (memória social incorporada), com a classe social de origem (moratória social), com o gênero e com a família – marco institucional em que todas as outras variáveis se articulam, como analisa Margullis (2000).

Variando entre as classes sociais e os gêneros, a condição de ser jovem é historicamente condicionada e, como tal, no dizer de Margullis (2000) e Mannheim (1978), os jovens poderiam ser considerados na ótica de Touraine (1994) como sujeitos de mudan-

ças estruturais. Enquanto sujeitos, poderiam não ser somente suporte das estruturas, mas ao contrário, criticá-las e alterá-las.

Para Touraine (1994), o século XX é uma sucessão de movimentos de afirmação de produtos simbólicos, de novas narrativas, visando a busca da identidade dos sujeitos. Na sua crítica sobre a modernidade, a sociedade moderna é movida pela racionalização, pela razão, pela técnica e pelo planejamento. Instala-se a idéia de um projeto – uma intenção bem definida. A noção de razão está ligada à noção de integração social.

Sugerimos que as atuais intervenções de assistência sociais voltadas para a infância e juventude buscam racionalizar o papel das crianças e jovens na sociedade, reivindicando do Estado, da família e outras instituições a proteção social desses meninos e meninas. Por outro lado, projetos de vida são desenhados junto aos jovens para que planejem a sua inserção no espaço social, observando suas necessidades e desejos diante da sua realidade concreta.

Historicamente, a criança e o jovem se mostravam presentes nas sociedades a partir da sua inserção dentro do contexto social (ARIÈS, 1975). A família e seus integrantes se organizam e têm papéis sociais diferenciados ao longo da história da humanidade, de acordo com o contexto sócio-econômico e geográfico em que se encontram.

Nas sociedades antigas, a socialização da criança e a transmissão de valores e conhecimentos não eram tarefas da família. Ao contrário, a criança se afastava de seus pais e, segundo Ariès (1975), durante muito tempo, a educação foi garantida pela aprendizagem prática, através da convivência com os adultos. A afetividade não era, necessariamente, desenvolvida dentro da família, uma vez que este núcleo não tinha por obrigação desenvolver esta função, mas sim a de conservação dos bens e a manutenção da prática de um ofício comum. A criança e o jovem apreendiam o mundo ajudando os adultos a fazer as coisas.

“Se a criança morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato” (Ariès, 1975, p. 10).

No modo de produção feudal das sociedades ocidentais, por exemplo, a criança e o jovem não tinham papéis definidos na sociedade, sendo entregues ao anonimato até que pudessem ingressar no mundo adulto, vivendo, portanto, uma “marginalidade natural” até que estivessem prontas para entrar no mundo dos homens e mulheres. Segundo Ariès (1975), não existia nesta época a noção de infância como concebida contemporaneamente pelas sociedades ocidentais.

Nas sociedades pré-capitalistas, que vivenciaram o início do processo de industrialização, a criança e o jovem eram vistos como mão-de-obra importante para complementar a renda familiar, uma vez que eles ajudavam os outros membros da família nas suas tarefas de produção de bens. Nas sociedades agrárias, os membros mais jovens da família também tinham um papel importante no ciclo de produção, ajudando no plantio e colheita da agricultura e no manuseio dos animais (ARIÈS, 1975).

A sociedade parecia não dar maiores atenções às crianças e jovens. “A duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos” (ARIÈS, 1975, p. 10). De criancinha pequena, se transformava em homem adulto, sem passar, necessariamente, pelas etapas da adolescência e juventude – fases do desenvolvimento humanos consideradas como essenciais, nas sociedades contemporâneas.

A partir do fim do século XVII e início do XVIII, com o surgimento das sociedades industriais no mundo ocidental, uma mudança considerável alterou a forma de inserção social da criança: a escola substituiu a aprendizagem caseira como processo educativo. Os pais tiveram que deixar sua produção doméstica e sua moradia para ir às fábricas e outros locais de produção externos. Nesse contexto, aprender a ler e escrever passa a ser uma necessidade para melhor se inserir e produzir no ambiente industrial. Era preciso ler as instruções sobre como manusear as máquinas. A escola se instala como uma instituição que vem também atender às necessidades do modo de produção capitalista e do novo tipo de organização familiar onde seus integrantes passam a ter papéis específicos e diferenciados, como analisa Fagundes (2000).

A criança, então, deixa de crescer e conviver com os adultos e, conseqüentemente, reduz o seu aprendizado sobre a vida através do contato familiar. De certa maneira seria como se ela se mantivesse à distância dos adultos, numa espécie de quarentena, até ser “solta no mundo dos adultos”. Nesse sentido, era preciso melhor prepará-la e cuidá-la para que melhor pudesse se inserir no espaço social e ascender dentro da nova lógica de produção, que se instalara nas sociedades capitalistas ocidentais. Segundo Ariès (1975), essa separação é também fruto do movimento de moralização dos homens promovido pelos reformadores católicos e protestantes ligados à Igreja, às leis e ao Estado, visando o chamado “ordenamento” da sociedade. Mas tal fato não teria sido possível sem a cumplicidade sentimental das famílias que “tornaram-se um lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos, algo que não acontecia antes. Essa afeição se expressou, sobretudo, através da importância que começou a se atribuir à educa-

ção. Não se tratava mais apenas de estabelecer os filhos em função dos bens e da honra. Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos filhos...” (ARIÈS, 1975, p. 11–12).

Alvim e Prado Valladares (1988) reforçam a idéia de Ariès quando colocam que a questão da infância se fortalece no período da revolução industrial, sendo um fenômeno recorrente em contextos de rápida industrialização e desenvolvimento urbano acelerado. Para as autoras, a preocupação da sociedade com a infância pobre remonta ao século XIX, nas grandes cidades européias cujas contradições do rápido processo de urbanização e êxodo rural contribuíram para o aumento do abandono, desemprego, vadiagem e mendicância de adultos e crianças. Nesse contexto, a pauperização e a miséria se associariam à geração do abandono da criança nascida de relações “ilegítimas”, com péssimas condições de habitação e vivendo em ambientes promíscuos e viciosos. Essas crianças teriam como destino “natural” o mundo dos despossuídos e dos desordeiros. Contrapondo-se a essa visão de “desorganização social”, o discurso da ordem, da disciplina e trabalho pretende explicar e justificar a inserção das crianças trabalhadoras no emergente mundo do trabalho.⁴

Portanto, o processo de industrialização e modernização política, social e econômica altera de forma significativa o papel e as funções da família na sociedade ocidental cristã, a partir do século XIX. A família passa a valorizar a criança, retirando-a do anonimato, tornando-se impossível perdê-la ou substituí-la sem dor, sendo também necessário reduzir o número de crianças para melhor serem cuidadas. Diferentemente das sociedades predominantemente agrárias que valorizavam a quantidade de seus filhos como capital, mão de obra necessária para a produção e reprodução familiar, com o novo modelo de industrialização e organização social, segundo alguns autores (ARIÈS, 1975 e PRADO VALLADARES, 1988), quanto menos filhos, maiores as chances de lhes ofertar uma boa educação e formação, para que isto se revertesse em melhores oportunidades no campo de trabalho. Para alguns autores, esta é uma das origens do discurso do planejamento familiar, no sentido de “melhor” estruturar a família e “melhor” integrar e cuidar de seus membros na sociedade. Para Ariès (1975), uma das conseqüências dessas mudanças foi a aparente polarização da vida social do século XIX em torno da família e da profissão e o desaparecimento das antigas formas de sociabilidade.

Ao longo do século XX, a família passa por transformações, mas mantém-se como o lugar da socialização primária dos filhos. Como pontua Parsons (1967), apesar do

⁴ “Os empresários se juntam a setores da Igreja e aos reformadores sociais na veiculação de uma concepção onde o trabalho é a via de condução à cidadania da classe trabalhadora” (ALVIM; PRADO VALLADARES, 1988).

número de divórcios e novos rearranjos familiares, o “lugar familiar” é a unidade residencial nas sociedades contemporâneas e tem se mantido como local preferido para a população viver. Com sua visão estrutural e funcionalista, ele sugere que as experiências da família norte-americana, na primeira metade do século XX, indicam uma diminuição da importância da família ampliada (sistema de parentesco) e fortalecimento da família nuclear (pai, mãe e filhos). Esta surge, assim, como consequência, mas é ao mesmo tempo geradora da transferência de várias funções da unidade familiar para outras estruturas da sociedade, como o Estado, as igrejas, as empresas, as universidades, os meios de comunicação e as associações profissionais. “Isso significa que a família se converteu em uma agência mais especializada que antes, talvez mais especializada do que em qualquer outra sociedade conhecida. Isto representa uma declinação de certas características que tradicionalmente são associadas às famílias, mas não o seu fim”, afirma Parsons (1967, p. 49), lembrando que as sociedades modernas precisam da família para exercer certas funções vitais, tais como garantir a sobrevivência e a socialização primária de seus membros.

Afastando-se aos poucos da produção econômica (exceto nos casos onde o trabalho permanece no âmbito familiar), a família não é mais vista como uma unidade importante para o sistema de poder político, e não é uma significativa agência direta de integração da sociedade mais ampla, perdendo, portanto, suas funções macroestruturais, segundo Parsons (1967). Seus membros participam de todas essas funções como indivíduos e não como membros da família. Neste caso, a primeira função da família é a socialização dos filhos, sendo responsável por sua educação e inserção primária na sociedade. A família teria o papel de assumir e ajudar seus filhos desde o nascimento até sua emancipação para que eles mesmos possam, em seguida, se tornar membros da sociedade e constituir as suas próprias famílias. O foco central da socialização é a “interiorização da cultura da sociedade no seio da qual a criança nasce”. Assim, caberia à família a transmissão de valores, idéias e conceitos fundamentais da sociedade. Para isso ela deveria ser um subsistema diferenciado de uma sociedade e não uma “pequena sociedade”. Os membros adultos devem ter papéis distintos dos papéis familiares na sociedade, mas o papel de pais é primordial (PARSONS, 1967, p. 55).

Outra função da família, segundo ainda este autor, é a regulação do equilíbrio das personalidades dos membros adultos dos dois sexos, uma espécie de suporte emocional para os indivíduos. A relação do casal/pais se torna muito importante, contando apenas um com o outro para resolver os problemas mais subjetivos.

Entretanto, a visão parsoniana sobre o papel da unidade familiar nas sociedades ocidentais do século XX se defronta com duas correntes de pensamentos distintas. Uma

que identifica a família como instituição em crise, em processo de desagregação e destruturação e a outra, que pretende explicar os “novos arranjos familiares”, reconhecendo a família como uma instituição em mudança. Esta última perspectiva pode ser vista através dos argumentos de Bilac (1978, p. 73): “Não se trata mais de discutir a clássica tese parsoniana de generalização do modelo “família nuclear” associado à sociedade urbano-industrial para todas as sociedades, mas sim de discutir o momento seguinte, ou seja, o da fragmentação desta mesma família nuclear em uma pluralidade de formas que, no entanto, se repetem nas sociedades de capitalismo avançado, como nos países do Primeiro Mundo e nas sociedades de capitalismo tardio, como no Brasil”.

Enquanto instituição social básica, parece haver consenso de que a família mantém a tarefa primordial de garantir a sobrevivência e socialização dos filhos, tanto nos países ricos, como nos países pobres ou socialmente desiguais. Ou seja, a transmissão de valores, normas e idéias continua a cargo da família nas sociedades contemporâneas. Entretanto, vale ressaltar que ela não é o único agente de socialização das suas crianças, dividindo esta tarefa com a escola, os grupos de pares e outras instituições atuantes na sociedade para satisfação das crescentes necessidades sociais e econômicas.

Pesquisadores como Carvvalho e Almeida (2003) e Bilac (1978), ao focalizarem as famílias de baixa renda na sociedade brasileira, analisam a reprodução social dos trabalhadores e observam o papel da família dentro do contexto de baixos salários, desemprego, violência e ausência de políticas públicas que garantam uma rede de proteção social⁵ eficiente e segura. Expressões como “estratégias familiares” ou “estratégias de sobrevivência” foram cunhadas para dar conta de um conjunto de práticas de trabalho, não trabalho, consumo e reivindicações. Por meio dessas práticas, rendas seriam obtidas e reunidas em um orçamento comum e despendidas, segundo critérios estabelecidos no âmbito da unidade familiar, com o objetivo de atender da melhor forma possível às necessidades de seus diversos membros. Os baixos rendimentos do principal provedor são complementados com o trabalho do cônjuge e dos filhos, aumentando o número de mulheres e jovens na População Economicamente Ativa (PEA) – Carvvalho e Almeida (2003).

Nesse sentido, os integrantes da família, adultos, crianças e jovens passam a ter papéis sociais e econômicos diferentes a depender da classe social e sua inserção nas forças produtivas. Trabalhos como os de Bilac (1978) e, mais recentemente, os de Fonseca (2000), falam em estratégias familiares de sobrevivência onde são criadas redes de apoio familiar, especialmente nas camadas populares, visando a complementação de renda e

⁵ Entendemos rede de proteção social como uma série de serviços sociais e apoios dentro e fora da comunidade oferecidos às famílias, non intuito de ajudar a criar seus filhos.

apoio mútuo para a sobrevivência e socialização dos membros da família. Portanto, a noção de família para a classe trabalhadora brasileira contemporânea extrapolaria a família nuclear ou as unidades domésticas analisadas por Parsons (1967).

O que se percebe, conseqüentemente, é que o conceito de família pode ser amplo e distinto, variando segundo as culturas, indo desde o casal (pai e mãe) até uma rede complexa de parentesco interligada entre si por laços consangüíneos ou ligações jurídicas. Nas sociedades capitalistas contemporâneas ocidentais o modelo predominante é o da família nuclear, constituída de casal e dos filhos não emancipados residentes em um domicílio independente. Entretanto, os novos arranjos familiares não seguem necessariamente este padrão e, a exemplo do Brasil de hoje, há um crescente número de lares chefiados por mulheres e/ou monoparentais, unidades familiares chefiadas por casais homossexuais e outro. Em todos os casos, o espaço familiar parece se manter como um espaço de sociabilidade e socialização primárias, de solidariedade e de proteção social, apesar da realidade sócio-econômica impor limites para o desempenho desse seu papel em plenitude.

No Brasil, como analisaram Carvalho e Almeida (2003), as crises econômicas e o crescente número de desempregados (principalmente nas grandes cidades brasileiras) e o recrudescimento das desigualdades sociais têm impactado fortemente as famílias, afetando negativamente sua capacidade de atender às necessidades básicas de seus membros e propiciar-lhes efetiva proteção social.

“À medida que o desemprego e os baixos níveis de remuneração inviabilizam essa divisão sexual de responsabilidades dentro da família, o projeto feminino de melhorar de vida com o casamento é frustrado, enquanto o homem, impossibilitado de cumprir o seu papel, sente-se fracassado, enveredando pelo alcoolismo ou abandonando a família”, pontuam Carvalho e Almeida, (2003, p. 116).

As famílias sob a responsabilidade feminina são marcadas geralmente pela precariedade de renda e condições de subsistência, recorrendo à sua complementação a outros membros da família. Isto porque, geralmente, as mulheres são remuneradas com valores inferiores aos soldos dos homens e, quando entram no mercado de trabalho, via de regra, conseguem as posições de menor prestígio social. Entretanto, esta contribuição no orçamento familiar tem sido prejudicada pelo alto índice de desemprego e vulnerabilidade ocupacional entre diversos segmentos da população, especialmente, entre os jovens.

Nesse contexto, as famílias das classes populares do país têm dificuldades em assegurar um espaço de socialização das suas crianças e jovens, garantindo o seu desen-

volvimento e formação até se tornarem adultos devidamente inseridos na sociedade. A partir desta constatação, esta tarefa passa a ser compartilhada com outras agências de ressocialização.

A INFÂNCIA E A JUVENTUDE NAS POLÍTICAS SOCIAIS

No Brasil, a infância e a juventude urbana e empobrecida estão sendo objetos de investigação desde o final do século XIX, no bojo de uma discussão em torno da emergência de uma nova ordem social que se delineava com o advento da República. Dentro de um novo contexto urbano, marcado pelo crescimento acelerado das duas maiores metrópoles (Rio de Janeiro e São Paulo), pela abolição da escravatura e a conseqüente criação de uma força de trabalho urbana livre – também constituída por contingentes de imigrantes estrangeiros – surge a preocupação com a infância pauperizada urbana, como parte da questão social brasileira.

As metrópoles, inclusive Salvador, conviviam com problemas decorrentes de um processo de urbanização acelerado: insalubridade, alta taxa de mortalidade infantil, epidemias diversas e dizimadoras e pauperização de amplos segmentos da população que não conseguiam se inserir no mercado formal de trabalho. Em paralelo, corriam a violência, a criminalidade, a mendicância e a vadiagem.⁶ As crianças eram vistas, pela sociedade burguesa que então se estabelecia, como vítimas dos adultos, que as exploravam das mais variadas formas (a indústria da esmola, por exemplo), induzindo-as ao mundo da mendicância e do crime. Nesse contexto, os filhos dos negros escravos eram vistos e considerados como futura mão-de-obra para as famílias mais abastadas.

Pensada em oposição ao espaço familiar, privado, a rua é entendida como *locus* da não-subordinação à família e ao trabalho, lugares de socialização legítimos por excelência. “No início do século XX (década de 20), a questão da infância pobre brasileira se torna objeto da alçada jurídica, dando seqüência a um conjunto de leis voltadas para a regulamentação do trabalho do menor”, afirmam Alvim e Prado Valladares (1988, p. 6). Em 1923, os juristas conseguem pressionar o Estado para a criação do Juízo de Menores do Distrito Federal e, em 1927, nasce o primeiro Código de Menores, cujo objetivo era consolidar as leis de assistência e proteção aos menores. A partir de então, a palavra “menor” passa ao vocabulário corrente, tornando-se uma categoria classificatória da infância pobre. Atuando em duas frentes, o Juízo de Menores preocupava-se em proteger a

⁶ Sobre este tema ver Kowarick, 1987; Fausto, 1985 e J.M. Carvalho, 1987.

mão-de-obra infantil largamente utilizada pelas fábricas e combater o mal-estar social provocado pela mendicância e criminalidade.⁷

Em 1937, é publicado no País o primeiro romance inspirado nas crianças empobrecidas: *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, que se constitui em um documento de época, mostrando que em uma cidade como Salvador (também vivenciando neste momento um contexto de “modernização”, assim como Recife), o problema era encarado como uma calamidade pública, mobilizando a imprensa, o Juízo de Menores e a polícia. Na cidade de Salvador, por exemplo, manchetes do Jornal *A Tarde* da época demonstravam o incômodo causado pelos meninos e meninas que nas ruas perambulavam, a exemplo de: “Crianças Ladronas”, “A Cidade Infestada por Crianças que Vivem do Furto” ou “Urge uma Providência do Juiz de Menores e do Chefe de Polícia”.

Ainda dentro do contexto brasileiro surge em todo o país, em 1938, por iniciativa da então primeira-dama do Brasil, Darcy Vargas, a Casa do Pequeno Jornaleiro, cuja idéia já reconhecia a presença de crianças e jovens empobrecidos nos centros das cidades, exercendo atividades remuneradas. O objetivo da iniciativa era organizar o trabalho dos garotos que vendiam jornais nas grandes cidades. Vale destacar que a política social para a infância pobre brasileira nasce associada à idéia de que estas deviam trabalhar, pois a atividade laboral seria uma alternativa, uma condição natural para as crianças e jovens pobres do país. O trabalho “retomava” a “ordem”, como pontuam Alvim (1987) e outros.

De 1940 em diante, são criadas inúmeras instituições voltadas para atender de diferentes formas as crianças e jovens das classes populares como a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e os organismos que compõem o sistema S (SENAC, SESC e SENAI).

O perfil demográfico do Brasil aponta que grande parte das crianças e jovens sempre integrou os segmentos mais pobres do Brasil. Mantendo por um período de quase cem anos um percentual muito elevado, a população de zero a 19 anos cresceu consideravelmente em todos os períodos intercensitários (BERQUÓ, 1996). É dentro desse contexto, no qual o número de crianças e jovens é bastante significativo na sociedade brasileira, que, em meados dos anos 60, o Estado intervém novamente na questão da infância empobrecida, sob diferentes moldes. Dentro de uma perspectiva modernizadora, expressa também em outros setores da política social (habitação e previdência social), é criada a

⁷ Esta perspectiva intervencionista se aproximava da proposta do médico Morcorvo Filho que, em 1926, publicou o livro *Histórico da Proteção à Infância no Brasil - 1500 a 1922*. Após criticar as ações religiosas e filantrópicas (do século XV ao XIX), ele sugere que os poderes públicos atuem em convergência com o trabalho dos institutos já existentes, voltadas para as crianças e os jovens pobres do Brasil.

FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor) que tinha como objetivo rever a atuação até então desenvolvida pelo governo. “Era o reconhecimento oficial da falência da ação das agências governamentais de proteção à infância empobrecida” (ALVIM; PRADO VALLADARES, 1988, p. 9).

Nos anos 70, durante o endurecimento da ditadura militar que se instalara em 1964, o cerceamento das liberdades aumenta e muitas associações e sindicatos são obrigados a viver na clandestinidade e/ou se dissolverem. A sociedade civil encontra na Igreja Católica espaços para organização e debates. Nasce, dentro deste contexto, a Pastoral do Menor, marcando a preocupação da Igreja Católica com a infância e juventude pobre do país. Ribeiro (1987) afirma que em meados da década de 70, assiste-se “à invasão dos grandes centros urbanos brasileiros por um contingente, cada vez mais numeroso, de crianças e jovens que transformavam os espaços públicos em locais de produção de renda e de moradia” (RIBEIRO, 1987, p. 29).

Sub ou superestimados, os números não deixavam de traduzir uma realidade que tendia a se agravar, colocando em situação “de risco” a infância pauperizada. Neste cenário surge, na Câmara dos Deputados, em 1976, a Comissão Parlamentar de Inquérito da Criança – CPI do Menor, reconhecendo que o tema tornou-se prioritário e que o Código de Menores de 1927 já estaria defasado por não possuir mecanismos eficazes para o tratamento do problema. A CPI revelou a existência de 13.542.508 crianças e adolescentes em situação de carência (aqueles cujos pais ou responsáveis não têm condições de atender suas necessidades básicas) e 1.909.570 abandonados (sem vínculo familiar). No final desta década, com a celebração do Ano Internacional da Criança (1979), a ampliação da atuação do UNICEF no Brasil⁸ e o surgimento do Movimento em Defesa do Menor de São Paulo dá origem ao novo Código de Menores. Aprovado pelo Congresso Nacional, a legislação tinha como foco as crianças “em situação irregular”, voltando-se muito mais para o adolescente infrator do que para a criança trabalhadora, cujos direitos e deveres passaram, desde 1943, a serem regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).

Na década de 70, a questão da infância fora colocada como um grave problema, na sociedade brasileira (ALVIM; PRADO VALADARES, 1988). Portanto, houve um estímulo para que cientistas sociais estudassem o tema, visando fornecer subsídios para aqueles que lidavam diretamente com a infância e juventude pauperizadas.

Encomendados pelo Tribunal de Justiça de São Paulo e pelo Juizado de Menores do Rio de Janeiro, os trabalhos do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP)

⁸ O UNICEF chegou no País em 1948 e, gradativamente, passa de uma função puramente assistencial para o apoio direto às comunidades pobres através de suas próprias organizações.

de 1972, publicados sob o título de “A Criança, o Adolescente e a Cidade”, marcam o início das investigações das ciências sociais em São Paulo sobre o tema. Estudo semelhante é desenvolvido por sociólogos no Rio de Janeiro, então Estado da Guanabara, sob o título Delinquência Juvenil na Guanabara. O estudo realizado em São Paulo abordou as crianças internadas em 1971 em todas as instituições públicas e privadas do Município, combinando o uso de questionário com a entrevista, história de vida, o estudo de caso e a observação direta. No caso do Rio, a pesquisa centrou-se na delinquência juvenil e baseou-se em fontes secundárias como os “autos de investigação” do Juizado de Menores (1970/71). Tais estudos marcaram, segundo Alvim e Prado Valladares (1988), a entrada das ciências sociais na área, despertando o interesse de assistentes sociais, sociólogos, psicólogos, antropólogos e pedagogos, que vieram a subsidiar as políticas sociais para a infância e juventude.

Os temas que mais despertaram a atenção e os interesses dos pesquisadores passam a incluir além do “trabalho do menor” e da “delinquência juvenil”, assuntos como a criança institucionalizada, as políticas públicas de atendimento à criança e ao jovem e a educação básica. A criança institucionalizada, neste caso, é aquela que vive em abrigo e orfanatos sob a tutela do Estado ou de organizações específicas.

Com o agravamento do fenômeno da infância pauperizada em todo o país, a produção científica desloca-se do eixo Rio-São Paulo, sendo feitos estudos esparsos, porém importantes, em outras regiões do Brasil como: Manaus (ARAÚJO, 1965), Salvador (MACHADO NETO, 1979/1980), Belém (GONÇALVES, 1979) e outros. O tema “menino de rua” vai aparecer na produção mais recente. Antropólogos e sociólogos tanto estudam a delinquência (ARRUDA, 1983; QUEIROZ, 1984), o menor institucionalizado (CEBRAP, 1972; ARAÚJO, 1979; SADER et alli, 1987) e a política de atendimento ao menor (PASSETTI, 1982) como outros temas como o trabalho, sendo este um tema privilegiado de investigação para os cientistas sociais que ressaltam a participação do trabalho da criança no conjunto da força de trabalho (SILVA et alli, 1982; SPINDEL, 1985) ou estudam o trabalho infantil como estratégia de sobrevivência (MACHADO NETO, 1979, 1980; MEDEIROS, 1985).

A relação da criança com sua família é outro tema que desperta interesse dos pesquisadores sociais, seja pelo processo de socialização da criança na família e na comunidade (FONSECA, 1982, 1985, 1986; ZALUAR, 1983, 1985; VALLADARES, 1986), ou a articulação entre o trabalho infantil e a família da classe trabalhadora (ALVIM, 1985). Da mesma forma, a legislação sobre a criança, tema tratado tradicionalmente por juristas, começa a ser repensado à luz da sociologia e antropologia (GONÇALVES, 1987; ALVAREZ,

1987; SIMÕES, 1987). O menino em situação de rua é outro tema lançado pelas ciências sociais com grande ênfase, tendo destaque o trabalho de Fisher Ferreira (1979), em São Paulo, e de Gonçalves, no Pará (1979).

Ao analisar lacunas importantes que precisam ser preenchidas pelas ciências sociais brasileiras, Alvim e Prado Valladares (1988) destacam temas como a questão da adoção de crianças dentro e fora do país; a realidade da criança dentro da questão racial e outros que precisam ser mais investigados. Há que se apontar novas direções para a pesquisa sobre a infância pobre no País: “a) haveria que privilegiar o estudo da infância em detrimento do estudo do menor; b) abandonar a categoria “menor”, bem como o sistema classificatório do qual ela é parte, o que representa romper com a visão clichê que tem marcado a maioria dos estudos até agora realizados; c) pensar mais a criança na família, na vizinhança, no bairro ou favela e as articulações aí presentes; d) estudar mais a criança em relação à família, mesmo quando o recorte do pesquisador for a criança na rua ou na instituição” (ALVIM; PRADO VALLADARES, 1988, p. 22).

A década de 80 é marcada pelas ações e movimentos em torno da criança e do jovem em todo o mundo, buscando eliminar o estigma, alimentado por gerações, da infância pobre ameaçadora da ordem social. Seguindo as discussões e convenções internacionais, surge um novo conceito de infância desprotegida e desprovida de direitos, principalmente nos chamados países em desenvolvimento. A Convenção Internacional pelos Direitos da Criança (1989) – resultante de um encontro realizado pela Organização das Nações Unidas com mais de cem chefes de Estado e de Governo, entre eles o do Brasil –, propõe um novo olhar sobre as crianças e jovens, principalmente aqueles mais empobrecidos. Dentro de um novo discurso difundido por organizações voltadas para a infância, crianças e jovens são citados como “sujeitos de direitos”, necessitando que o Estado, a sociedade e a família assegurem todas as condições necessárias para que a criança e o jovem se desenvolvam de forma saudável, tanto física como emocional e socialmente. Através de um intenso processo de *lobby* e advocacia, a mobilização pela infância/juventude procura deslocar a visão da infância e juventude ameaçadoras que encontram-se na chamada “situação de risco pessoal e social” e, portanto, precisam de proteção por se tratarem de seres “incapazes” de se auto-cuidarem, para a noção de que são pessoas portadoras dos direitos inerentes à qualquer pessoa humana e ainda de alguns em especial, de acordo com a sua condição de seres em desenvolvimento.

Quando o Brasil assina a Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989), o país assume como tarefa garantir a proteção integral da criança desde a sua gestação, passando pelo desenvolvimento saudável da infância e uma adolescência e juventude

protegidas. Em 1990, a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, os grupos envolvidos nos programas e políticas sociais voltadas para a infância empobrecida procuraram mudar a postura, o pensamento e a atitude em relação à visão da criança e do jovem de baixa renda no país. De meros objetos de intervenção jurídico-social, passam a ser sujeitos de direitos individuais e coletivos exigíveis com base nas leis e pessoas em condições especiais de desenvolvimento. Neste momento, há uma certa mobilização dos grupos envolvidos para propor mudanças na forma de lidar com esses meninos e meninas e até na linguagem, ao se referirem à criança e ao jovem pauperizados, antes tachados como menores. Propõem, então, que as expressões criança, adolescente e jovens sejam utilizadas, refletindo a luta pelos direitos e cidadania dos movimentos sociais.

Legalmente considerados prioridades absolutas para a sociedade e o Estado brasileiros, dos direitos que dispõem os adultos, as crianças e adolescentes desfrutam não de todos, mas dos que são aplicáveis à sua faixa etária e de alguns especiais, de acordo com a sua condição de pessoa em desenvolvimento biopsíquico e sociocultural. Para Gomes da Costa (1998), freqüentemente, crianças e adolescentes não conhecem os seus direitos, não têm condições de fazê-los valer, muito menos são capazes de satisfazer suas necessidades básicas por si mesmos. Daí seus direitos serem considerados deveres da família, da sociedade e do Estado.⁹

Seguindo essa visão e abordagem em relação à infância e propondo um novo olhar sobre a criança brasileira, fruto de várias ações e mobilizações da sociedade,¹⁰ é promulgado, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Trata-se da doutrina da proteção integral, onde a criança e o jovem devem ter assegurados todos os meios para que possam crescer de forma saudável, tendo acesso aos serviços de educação, saúde, convivência familiar e comunitária e espaços para lazer. Diferente das leis anteriores, denominadas “minoristas”, o ECA procura quebrar o estigma da infância pobre ameaçadora, criando instâncias de proteção como os conselhos tutelares, conselhos de direitos da criança e do adolescente, juizados, promotorias e delegacias especializadas. É criado o Sistema de Garantia de Direitos, visando por em prática os direitos assegurados na lei.

Quando enfocamos os jovens oriundos das famílias de baixa renda – situação em que se encontra a grande maioria dos jovens no Brasil e na Bahia – observamos a situação de vulnerabilidade em que se encontram. Além das já conhecidas carências e fragilidades

⁹ No panorama legal brasileiro, as conquistas dos direitos das crianças e adolescentes estão contidas no artigo 227 da Constituição Federal, promulgada em 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e nas Leis Orgânicas da Assistência Social (LOAS) e da Saúde.

¹⁰ Destaca-se nesse momento a atuação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua.

das políticas públicas de educação, saúde e lazer, a juventude atual enfrenta problemas críticos e estruturais como a violência, a pobreza e a falta de espaço no mercado de trabalho. O primeiro tem ceifado a vida de milhares de jovens, principalmente os homens e negros. E quando não mata, a violência deixa marcas profundas na vida de cada um deles, tendo muitos se transformado em reféns do tráfico de drogas ou dos desmandos das autoridades constituídas. Já a falta de postos de trabalho atinge quem inicia a vida adulta e os mais velhos, condenando os jovens a se manterem à margem do sistema produtivo. E o que é mais cruel, como a maioria não consegue sequer fechar o ciclo educativo básico e não tem acesso a cursos profissionalizantes – muito menos à universidade –, quando conseguem, de alguma forma, se inserir no mercado de trabalho, o fazem de forma precária.

Segundo Lipsitz (1994), é necessário situar a juventude em um tempo específico. Para ele, os jovens de baixa renda e pouca escolaridade das grandes cidades do mundo neste início de século perderam a esperança no futuro e, como resposta às injustiças sociais, se expressam com ironia através da música, da dança, da arte, da moda e outras atividades artísticas e culturais. É como se dissessem: “eu existo e quero opinar também”. Não é mero acaso que as instituições e projetos sociais voltados para esta população criam suas metodologias através de argumentos, teses e análises do comportamento social. Utilizam as linguagens artísticas e culturais para atrair os jovens para suas atividades educativas, oferecendo uma série de cursos e oficinas que se propõem a funcionar como canais de comunicação entre esses meninos e meninas e a sociedade. Além de mais prazeroso, é mais barato e tem um estímulo cognitivo que atrai os jovens.

Pesquisas como a de Costa (1997) apontam que os jovens oriundos dos setores populares da Bahia, na sua maioria afrodescendentes, são as principais vítimas da violência urbana e não protagonistas dos atos violentos como a mídia destaca. De acordo com os dados da pesquisa realizada pelo Fórum Comunitário de Combate à Violência de Salvador, o maior número de vítimas da violência na capital baiana está na população jovem, com 63,1% dos casos tendo idade entre 15 e 28 anos. Segundo a autora, as maiores vítimas da violência de Salvador são jovens negros do sexo masculino, trabalhadores do mercado informal, com pouca ou nenhuma instrução.

Visando o enfrentamento da situação dos jovens das camadas populares, os governos constituídos e a sociedade civil vêm desenvolvendo políticas e programas sociais voltados para a pobreza e a ressocialização de crianças e jovens de baixa renda, baseados nas ações normativas internacionais e nacionais da doutrina da proteção integral. Cabe à família, ao Estado e à sociedade garantir os direitos dos meninos e meninas que, ao invés

de serem vistos como meros objetos da tutela estatal quando estivessem em situação irregular, passaram a ser definidos como sujeitos plenos de direitos assim como os adultos, tendo, inclusive, alguns direitos especiais por se tratarem de pessoas em condições especiais de desenvolvimento e formação.

A partir do estímulo proporcionado por essas políticas, nos últimos tempos surgiram várias ações e programas voltados para “resgatar” a infância e a juventude da população de baixa renda do Brasil, cujas perspectivas de vida estão cada vez mais restritas em função das dificuldades financeiras e sociais do país, cuja renda se concentra nas mãos de uma elite. Dificilmente um jovem recém-saído de uma escola pública deficiente pode competir com um outro que concluiu os estudos em um sistema educacional privado e com acesso aos mais diferentes elementos da modernidade, como as novas tecnologias de comunicação, e alfabetizados digitalmente. Diante disso, os programas e projetos sociais tentam oferecer aos jovens da periferia das grandes cidades brasileiras algumas possibilidades de complementação da educação formal, através de cursos profissionalizantes e oficinas artísticas.

CAPÍTULO II

O BAIRRO DO ALTO DAS POMBAS E SEUS JOVENS MORADORES

A POPULAÇÃO JOVEM

Os jovens – vistos aqui como sujeitos de direitos –, são os protagonistas da pesquisa. Fazemos uma leitura de como a exposição a uma determinada política ou projeto social voltado para a ressocialização de jovens de baixa renda de Salvador poderá, de fato, lhes oferecer meios e mecanismos de inserção social para se tornarem “estabelecidos” no conceito de Elias e Scotson (2000). Partimos, portanto, desta hipótese inicial que visava confrontar as necessidades e questões da juventude e fazer a relação destas necessidades com os aparatos oferecidos por estes programas sociais.

Há uma realidade demográfica no mundo contemporâneo que obriga as sociedades de hoje a compreenderem a questão dos adolescentes e jovens ou a chamada “onda jovem” – denominação de Madeira e Bercovitch (1992) – que circula em quase todos os países. Mais de 1 bilhão dos 6 bilhões de habitantes do mundo têm entre 10 e 19 anos de idade (UNICEF, 2000). As projeções demográficas indicam que este número aumentará significativamente nos próximos 10 anos nos países industrializados. Na América Latina e Caribe, a população jovem de 10 a 24 anos representa 30% do total da população, ou seja, 148 milhões de pessoas. Estima-se que em 2025, esta população alcançará 166 milhões de pessoas (OPS/Kellogg, 1999).

No Brasil, o segmento populacional jovem representa, aproximadamente, 49 milhões de pessoas, ou seja, 31% da população brasileira têm entre 10 e 24 anos (BERQUÓ; BAENINGER; FONSECHI, 1996). As mudanças econômicas, sociais, culturais e demográficas do Brasil provocaram uma rápida transformação na estrutura etária da população, levando-se em conta a queda das taxas de fecundidade e o aumento da esperança de vida no país. Com a chegada da “onda jovem” brasileira, quando o número de jovens cresceu significativamente, principalmente, nas últimas décadas, torna-se necessário pensar programas e políticas sociais de garantia de direitos voltadas especificamente para este público, localizado entre a saída da infância e a entrada no mundo adulto.

A distribuição geográfica destes jovens se caracteriza pela grande concentração na área urbana, principalmente na faixa etária de 15 a 24 anos (considerada faixa de maior vulnerabilidade social). Muitos fatores sociais contribuem para que eles estejam expostos a situações de risco, como as desigualdades econômicas, a violência e a falta de oportunidades de lazer, educação, profissionalização e trabalho.

Focalizando a realidade do estado da Bahia, notamos que, em 1999, residiam 1,8 milhão de jovens entre 18 e 24 anos, 1,6 milhão entre 10 e 14 anos e 975.679 de adolescentes entre 15 a 17 anos de idade. Em Salvador, a população de 15 a 24 anos repre-

seta 21,25% do total, ou seja, 530.570 mil pessoas, sendo que a faixa de 12 a 17 anos conta com 307.380 pessoas (PNAD/IBGE, 1999).

Procedimentos Metodológicos

O BAIRRO

Ao abordar um bairro, como parte de um conjunto que é a cidade, é importante situar conceitualmente as noções de território e espaço. Para Guattari (1986), o território estaria ligado a uma ordem de “subjetivação individual e coletiva e o espaço estaria mais ligado às relações funcionais de toda espécie” (GUATTARI, 1986, p. 110). Diferentes autores, como Bauman (2003), por exemplo, reconhecem a necessidade de delimitação de espaços associados a grupos e ao sentimento de pertença que os indivíduos inscritos nestes grupos atribuem ao espaço, caracterizando-o enquanto território e legitimando-o como necessário à manutenção de traços culturais existentes no grupo, demarcados pelos processos relacionais cotidianos.

A partir dessa noção, podemos situar o bairro de Alto das Pombas, que se encontra próximo ao centro da cidade, facilitando o acesso de vários dos seus jovens aos diversos projetos sociais que aí atuam. Além disso, trata-se de um bairro de baixa renda relativamente antigo da capital baiana e que tem, aproximadamente, 25 mil moradores, com acesso a alguns serviços públicos como esgotamento sanitário, água encanada, iluminação pública, escolas primárias municipais e estaduais e um posto de saúde. Há também praças públicas e uma igreja católica atuante, que desenvolve uma série de serviços comunitários, reunindo grupos de jovens, mães e idosos. A situação das moradias é considerada precária, com muitas construções frágeis e perigosas, apesar de também apresentar casas sólidas e construções mais resistentes. Como observamos durante a pesquisa, o Alto das Pombas é um bairro pobre, cuja renda média dos pais dos jovens entrevistados varia entre um e dois salários mínimos. A maioria da sua força de trabalho atua no setor informal do mercado de trabalho, apesar das trabalhadoras domésticas que mantêm vínculo formal com seu empregador.

Em relação à profissão das mães dos jovens entrevistados, percebemos que a grande maioria trabalha como empregada doméstica (9 mães), seguida de dona-de-casa (4), serviços gerais (2), autônoma (2), aposentada (2), vendedora (1) e auxiliar administrativa (1). Já os pais desenvolvem as mais diversas atividades, desde pedreiro (2), vendedor (2) e motorista (2) a eletricitista (1), músico (1), auxiliar administrativo (1), cobrador de ô-

nibus (1), militar (1), serviços gerais (1), pintor de automóvel (1), funcionário público (1), técnico de refrigeração (1) e aposentado (1). Alguns jovens não responderam quando perguntados sobre as atividades dos pais ou responderam apenas sobre a atividade da mãe.

O número de crianças e jovens que vive no bairro é também elevado, e muitos deles passam os dias brincando e perambulando pelas ruas da cidade. Mas, por estar numa região central, eles participam de diversas iniciativas sociais, às quais o acesso é facilitado por sua localização estratégica. Uma das razões que nos levou a desenvolver este trabalho neste bairro foi justamente o fato de seus jovens participarem de várias instituições sociais da cidade. A outra foi o fato dos jovens estarem também desenvolvendo atividades sociais no próprio bairro.

No bairro do Alto das Pombas nota-se também a presença do Estado e de diversas organizações não-governamentais. Durante a pesquisa, observamos que o Estado está presente através de escolas, um posto de saúde e do Programa Agente Jovem. Já as organizações não-governamentais se apresentam sob três formas: a associação de moradores, grupos de jovens e mulheres, alguns com apoio direto da igreja católica, e ONGs com sede na região central da cidade que foram criadas a partir da mobilização de alguns segmentos sociais.

Por outro lado, trata-se de uma comunidade cuja população se caracteriza por uma história de luta pelos seus direitos e que, nos últimos anos, articulou uma associação de moradores organizada e com capital social na cidade. Alguns jovens estão vinculados a essa luta e criaram um grupo que trabalha pela melhoria da educação de seus membros. Vale registrar que a nossa entrada para a investigação no bairro do Alto das Pombas foi justamente a partir destes jovens do grupo Fatumbi, a maioria dos quais já passou por alguma instituição de ressocialização de crianças e adolescentes e que atua no bairro desde 1999. Os próprios jovens foram indicando os caminhos a serem trilhados para conversarmos com seus pares.

Portanto, o bairro foi o cenário desta pesquisa, onde buscamos entender como se dá a relação dos jovens de camadas populares, oriundos de uma realidade sócio-econômica semelhante com as instituições que os acolhem.

Essa relação se desdobrou em outras questões colocadas pelos próprios jovens, decorrentes das condições sociais adversas em que vivem, ou seja, com alternativas restritas para o lazer e a profissionalização e vulneráveis aos mais diferentes riscos. O fato dos meninos e meninas participarem de seu bairro e buscarem algum tipo de inclusão social tornou-se também uma questão da pesquisa, buscando perceber em que medida

as instituições que atuam no bairro contribuem com a ressocialização desses jovens, oferecendo meios e possibilidades para acessar “recursos de poder” no sentido de Elias e Scotson (2000) e intervindo nos seus projeto de vida.

A opção por trabalhar em um único bairro, analisando dois grupos distintos de jovens (jovens participantes de programas e projetos das instituições sociais e os não-participantes) é resultado de uma análise e trabalho intensos. O desejo inicial de conhecer a realidade dos milhares de meninos e meninas pauperizados de Salvador, na sua maioria negros, que vivenciam uma dura realidade de privação de direitos sociais, se manteve como proposta desta pesquisa. A investigação em torno do estigma cunhado pelo senso comum de uma juventude pobre, negra, ameaçadora e violenta foi a mola mestra que moveu este estudo.

OS JOVENS ENTREVISTADOS

Como já foi indicado, a pesquisa buscou identificar traços da experiência dos jovens moradores do Alto das Pombas, concretizados através da família, escola, e da convivência no bairro, investigando junto a eles e suas mães, pais, líderes comunitários e educadores a trajetória de vida desses meninos e meninas.

Para isso, foram comparados dois grupos distintos: um de meninos e meninas que participam de projetos sociais de organizações não-governamentais e/ou organismos governamentais e outro de jovens que não estão vinculados a instituições específicas, exceto à escola. A pesquisa buscou conhecer como os jovens pauperizados vivem esta etapa da vida, de que modo se relacionam com as instituições e como se inserem no espaço social: neste caso, o bairro. Entendendo aí espaço social na concepção de Pierre Bourdieu – estruturas objetivas inseparáveis das estruturais mentais. “O espaço social, bem como os grupos que nele se distribuem, são produtos de lutas históricas, nas quais os agentes se comprometem em função de sua posição no espaço social e das estruturas mentais através das quais eles apreendem esse espaço”, Bourdieu (1990, p. 26).

A amostra foi definida a partir dos jovens residentes que estão sendo atendidos por alguns projetos e programas sociais que se desenvolvem em Salvador, com qualidade reconhecida e aos quais os jovens estão vinculados. O segundo grupo foi indicado pelos próprios jovens de maneira aleatória, sendo o único requisito ser morador do Alto das Pombas. Selecionamos, assim, 29 jovens ao todo, sendo 15 participantes destes programas e projetos sociais e 14 não vinculados à estas instituições. A comparação entre os grupos se deu através das respostas obtidas a partir de questionários abertos, roteiro de

entrevista qualitativa aplicado em 2 grupos focais, além da nossa observação empírica. Além dos jovens, entrevistamos 2 mães, 1 pai, 3 educadores e 3 líderes locais. Fizemos, portanto, um total de 38 entrevistas abertas (vide roteiros em anexo).

A faixa etária dos jovens atores de ambos os grupos entrevistados encontra-se entre 12 (doze) e 25 (vinte e cinco) anos, sendo 16 meninos e 13 meninas, sendo que a grande maioria está situada entre os 14 e 19 anos. Trata-se de uma população que, na sua maioria, ainda não completou o ensino médio e reside com suas famílias. Por sua vez, a maior parte das famílias é composta por mãe, pai e irmãos, salvo os que residem com os avós e tios – ou em situações indicadas pelos próprios informantes. Existem ainda as famílias conviventes, morando em uma só residência.

Os jovens se mostraram dispostos a concederem a entrevista e foram eles próprios os agentes mobilizadores dos demais, facilitando assim o nosso trabalho. Os que estudam freqüentam as escolas públicas da redondeza, a exemplo das escolas Professor Edgar Santos e Manuel Novais. Suas famílias têm, em média, 4 pessoas convivendo na mesma residência.

AS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

Após a identificação dos jovens, focalizamos os projetos aos quais eles estão vinculados. Assim conheceu-se mais de perto a caracterização dos projetos e programas sociais vinculados ao bairro selecionado, buscando entender os objetivos de cada um deles. Identificaram-se as instituições descritas abaixo:

- **Programa Agente Jovem** – Criado pelo Governo Federal para atender aos jovens acima de 15 anos que eram obrigados a deixar o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) por causa da idade. O Agente Jovem estimula, através da concessão de uma bolsa, a continuidade dos estudos e o início em alguma atividade laboral que contribua para o desenvolvimento comunitário. Além disso, o jovem é convidado a desenvolver serviços comunitários, ao mesmo tempo em que se mantém na escola e/ou frequenta cursos e iniciativas profissionalizantes.
- **Cipó: Comunicação Interativa** – Organização não-governamental criada em 1999 por uma jornalista especializada em educação, a Cipó desenvolve atividades de “Educação pela Comunicação” e reforço ao ensino formal, atendendo adolescentes de baixa renda e baixa escolaridade do município de Salvador. Na dimensão da “Educação pela Comunicação”, meninos e meninas desenvolvem atividades profissionalizantes que lidam com as novas tecnologias da comunicação como *webdesign*, TV/vídeo digital, fotogra-

fia digital e artes gráficas. A idéia é despertar o prazer pelo aprendizado através dessas novas linguagens que, rapidamente, são absorvidas pelos jovens, e, ao mesmo tempo, contribuir para um melhor rendimento escolar e oferecer uma habilidade para o mundo do trabalho. Além de aprender um ofício voltado para a comunicação, a entidade estimula que cada indivíduo desenvolva o seu projeto de vida. Em paralelo, os próprios jovens produzem materiais educativos (*websites*, fotografias, murais, calendários, exposições, vídeos e outros) que são utilizados na capacitação de professores da rede pública de ensino e educadores de organizações sociais para lidar com essas tecnologias. A Cipó mantém uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação na capacitação de professores para trabalharem com as novas linguagens da comunicação que já estão disponíveis nas escolas.

Por outro lado, a ONG trabalha junto a comunicadores (jornalistas e radialistas) da Bahia e Sergipe, no sentido de contribuir com a ampliação e qualificação da cobertura da mídia em relação ao tema infância e adolescência. O intuito é fazer dos comunicadores aliados na promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente. Meninos e meninas de bairros da periferia de Salvador são atendidos na sede da entidade, na Pituba, e são selecionados em exames de admissão anuais. A entidade recebe financiamento de entidades nacionais e internacionais, além do setor privado.

- **Liceu de Artes e Ofícios** – Uma das mais antigas organizações não-governamentais de formação profissional para jovens de baixa renda de Salvador, o Liceu está sediado no Pelourinho e atende jovens de baixa renda da cidade, oferecendo cursos de informática, artes gráficas, reparação predial, marcenaria e design. Após um processo de modernização ocorrido na década de 90, a entidade aderiu aos padrões internacionais e nacionais de promoção e respeito aos direitos da criança e do adolescente e colocou a educação formal e complementar no centro de seu trabalho. O grupo empresarial Odebrecht, e depois o próprio Estado, foram os grandes financiadores das ações do Liceu (canalizando recursos tanto para a recuperação de seu prédio centenário como para o projeto pedagógico, centrado na arte-educação). O Liceu foi responsável pela articulação de mais de 30 entidades, o que resultou nos chamados Encontros Baianos de Adolescentes, nos anos de 2001 e 2002 .
- **Centro de Referência Integral de Adolescentes (CRIA)** – Organização não-governamental considerada como uma referência positiva no atendimento direto a adolescentes de baixa renda de Salvador. As atividades do CRIA têm sido citadas nacionalmente como um modelo em termos de ações complementares à escola e melhoria dos serviços de saúde e educação voltados para jovens. A ONG já levou sua ex-

periência de trabalho junto a jovens, educadores e famílias para Moçambique. Seu enfoque é a arte-educação através do teatro e da poesia. Criando e montando peças educativas, onde os jovens e educadores escrevem os textos a partir das suas próprias experiências, a entidade tem hoje um repertório de peças teatrais que trabalham com temas como DST/AIDS, drogas, relações familiares, escola e outros. A idéia é contribuir com o sucesso escolar e o desenvolvimento social e pessoal dos adolescentes atendidos, estimulando o diálogo com os pais, a convivência com o grupo, a leitura crítica dos meios de comunicação e a melhoria das políticas públicas de educação e saúde.

Por isso, a ONG mantém parceria próxima com centros de saúde, escolas públicas e comunitárias, conselhos de direitos e tutelares, além das secretarias municipais de saúde e educação. As peças são apresentadas em teatros, escolas e centros de saúde, seguidas de debates com a platéia e estímulo à participação dos jovens na vida comunitária. O intuito é dar voz aos jovens e fazer com que eles sejam ouvidos. O CRIA foi o responsável pela articulação de cerca de 80 entidades que lidam com crianças e adolescentes dentro e fora da Bahia, que culminou no Movimento de Intercâmbio Artístico e Cultural pela Cidadania (MIAC). Esta rede, criada em 1999, mantém atividades ao longo do ano, no sentido de fortalecer uma rede de proteção social à criança e ao adolescente e, a cada dois anos, realiza um festival para troca de experiências, informações e apresentações dos produtos artísticos.

- **Fórum Comunitário de Combate à Violência** – Entidade que agrega cerca de 40 instituições governamentais, não-governamentais e internacionais, o FCCV é um articulador e mobilizador de ações contra a violência na cidade de Salvador. Realiza seminários, estudos e debates sobre o tema, além de uma pesquisa anual intitulada “O Rastro da Violência na Cidade de Salvador”, que tem um recorte específico sobre as violências cometidas contra crianças e adolescentes. O FCCV produz também documentos e atos políticos voltados para as autoridades competentes, exigindo apuração dos fatos, o fim da impunidade e da violência institucional (polícias, sistema judiciário e outros). Outra ação do Fórum, iniciada em 2002, foi a criação do observatório da violência, com dados e análises sobre o tema disponíveis na Internet. Além disso, tem uma atuação direta nas comunidades onde há maior índice de violência (bolsões de pobreza), mobilizando as pessoas e envolvendo crianças e jovens em atividades sócio-educativas. Semanalmente, é distribuído um artigo na sessão “Leitura dos Fatos Violentos” sobre um fato que tenha se destacado no período.
- **Grupo Fatumbi** – Criado por um grupo de jovens residentes no bairro de Alto das Pombas, este grupo desenvolve ações educativas junto a adolescentes e jovens do bairro,

articulando parcerias e buscando financiamentos de entidades que lidam com a infância. O grupo promoveu o trabalho voluntário de jovens em uma creche e uma escola do próprio bairro, fez ações de combate à violência em toda a cidade como a vacinação do FCCV (distribuição de folder e fitinha promovendo a paz) e formou duas turmas de 20 jovens do bairro em informática, através de uma parceria desenvolvida com a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal ad Bahia.

- **CEAO/CEAFRO** – O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) é um órgão suplementar da Universidade Federal da Bahia, vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humana. Dentro do seu programa, há um projeto voltado para a educação profissionalizante de jovens afro-descendentes de Salvador, chamado CEAFO. Através de cursos e treinamentos, são atendidos jovens de baixa renda oriundos de escolas públicas que desenvolvem uma série de atividades educativas e culturais. Entre os cursos profissionalizantes oferecidos destacam-se o telemarketing, auxiliar administrativo e informática. Há também um projeto específico para as jovens negras trabalhadoras domésticas de Salvador, onde estimula-se o retorno à escola, o sucesso nos estudos e a complementação da educação formal através de cursos profissionalizantes.

Descobrimos que no bairro há mais quatro grupos de jovens, além do Fatumbi: o Panteras Negras; Juventude e Revolução; Fênix e Núcleo de Perseverança Juvenil (NPJ). Cada um com sua nuance e sua proposta. O Fatumbi tem um foco na complementação da educação de seus integrantes, encaminhando-os para instituições de educação não-formal que desenvolvem os programas sociais voltados para jovens de baixa renda. O grupo Panteras Negras é voltado para a questão da identidade racial dos jovens, fortalecendo e reafirmando a condição de “ser negro” de seus integrantes. Já os jovens do NPJ (Núcleo de Perseverança Juvenil) são ligados à igreja católica e desenvolvem trabalhos sociais e de catecismo junto a seus pares moradores do bairro. O grupo Fênix se propõe a discutir semanalmente questões acerca do bairro, tendo um forte vínculo com a atual gestão da Associação de Moradores do Bairro de Alto das Pombas. E, finalmente, o Juventude e Revolução tem um cunho de luta pelos direitos sociais e uma estreita ligação com o Grupo de Mulheres (assim como o Panteras Negras).

A COLETA DOS DADOS

O trabalho de campo foi desenvolvido durante dois meses, com duas entrevistadoras em campo, incluindo a autora da dissertação, realizando as entrevistas com os jovens e professores durante os dias da semana e, nos finais de semana, com os pais e lí-

deres comunitários. As entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas. A tabulação dos questionários foi por tópicos e os dados mensurados quantitativa e qualitativamente. A análise dos resultados se deu de forma comparativa. As entrevistas foram realizadas no próprio bairro, na sede do Grupo de Mulheres e em algumas escolas e moradias desses meninos e meninas.

Os jovens entrevistados participantes de projetos sociais são ou foram atendidos pelos seguintes programas/instituições: Programa Agente Jovem, Liceu de Artes e Ofícios, CEO/CEAFRO, CRIA e Cipó Comunicação Interativa e pelo Fórum Comunitário de Combate à Violência. A maioria deles também está vinculada a um grupo de jovens do próprio bairro. Como já foi dito, os não participantes dos projetos sociais foram indicados por seus pares no próprio bairro.

Quadro I

Atendimento dos jovens por projeto

ENTREVISTADOS	PROJETOS
Entrevistado A	Agente jovem
Entrevistado B	Agente jovem
Entrevistado C	Liceu
Entrevistado D	Liceu
Entrevistado E	Liceu
Entrevistado F	Agente jovem
Entrevistado G	Liceu
Entrevistado H	CEAFRO
Entrevistado I	Agente jovem
Entrevistado J	Liceu
Entrevistado L	Liceu e Cipó
Entrevistado M	CRIA
Entrevistado N	Cipó
Entrevistado O	Liceu e FCCV
Entrevistado P	Liceu e FCCV

Embora este conjunto de instituições listadas no quadro acima não possua sede no bairro pesquisado, buscam no Alto das Pombas o recrutamento de jovens para seus programas. Ao verificarmos a origem dos meninos e meninas destas instituições, percebemos que muitos deles nasceram ou cresceram neste bairro e, através de uma corrente natural ou rede social, o jovem busca a vaga para seus vizinhos/amigos e assim sucessivamente.

ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS ENTREVISTADOS

No que se refere à atividade profissional dos jovens, do universo de 29 entrevistados, 10, ou seja, 34,4%, disseram estar trabalhando ou desenvolvendo alguma atividade remunerada. As atividades laborais desenvolvidas pelos jovens são as seguintes:

- **Trabalho informal** – Vendedor ambulante, comerciante informal (barraqueiro), músico e trabalhador autônomo;
- **Empregados** – Mecânico, bancário (estagiário do Banco do Brasil), balconista e vendedor de cartão das lojas C&A.

Portanto, os demais entrevistados, cerca de 65,6%, disseram que estão a procura de trabalho e que sua renda contribui diretamente para a renda familiar, como estratégia de sobrevivência já demonstrada em inúmeras análises sociológicas (CARVALHO; ALMEIDA, 2003).

O tempo que os meninos e meninas estão participando de projetos sociais varia de 1 a 6 meses (20%), de 6 meses a 1 ano (62%) e de 1 a 3 anos (18%).

OS JOVENS MORADORES PARTICIPANTES DE INSTITUIÇÕES E O BAIRRO

O bairro parece constituir um universo de referência aparentemente fechado. Isso foi observado em trabalho realizado em bairros pobres de Salvador, focalizando a relação das famílias com uma instituição de política social para os jovens (CARVALHO; GUIMARÃES; SANTOS, 2003, p. 79): “são bairros sem infra-estrutura, com ausência ou condições precárias de serviços de educação e saúde, ou espaços para a prática de esportes e lazer”. Diante das dificuldades financeiras das famílias, os jovens têm acesso restrito ao consumo e lazer em outros espaços da cidade – como ocorre com jovens de classe média – e tendem a permanecer no espaço restrito do próprio bairro, defrontando-se com a precariedade das condições existentes.

Observamos, neste trabalho, a existência de um diferencial entre os dois grupos pesquisados – participantes e não participantes de instituições sociais. Enquanto os primeiros falaram várias vezes que querem lutar para transformar o bairro em um local bom para se viver, acolhedor para os jovens, os não-participantes constataram que falta muita coisa no bairro, a exemplo de quadras esportivas, cursos profissionalizantes, e outros benefícios. Os participantes de projetos acham, inclusive, que os jovens têm um papel fundamental na transformação social do bairro.

- *“Acho que as políticas estão aí para serem criadas e que essas medidas já deveriam estar postas em prática aqui no Alto das Pombas, (menino participante).*
- *“Sempre sempre fazia curso, conversava muito com o pessoal do CRIA, eu participei do MIAC... fui ativo e sou”,(menino participante).*
- *“...Buscar ser um jovem culto, que pense no coletivo, no social” (menina participante). -*
- *“...A gente procura sempre estar visitando alguns jovens, algumas famílias e fazer um trabalho não só com os jovens, mas com os pais desses jovens, para que eles consigam se integrar na sociedade”,(menina participante).*

O desenvolvimento desse discurso pode ser atribuído tanto à presença de um grande número de projetos sociais e instituições no bairro, conforme já destacamos no início desse capítulo, como também à certa tradição de mobilização e lutas decorrentes da Associação de Moradores e suas lideranças, como veremos adiante.

Em consequência desse contraste, é possível notar um tom de queixa e lamento nas palavras dos jovens não participantes dos projetos sociais que limitam-se a comentários mais corriqueiros sobre o bairro. Embora os dois grupos sejam unânimes em dizer que gostam de viver no Alto das Pombas, a grande maioria diz que se tivesse recursos optaria por sair do bairro, pois não há muitas oportunidades de lazer e de trabalho no mesmo.

- *“Gosto daqui porque tenho uma história aqui. Tenho um elo forte com o bairro e quero lutar para transformá-lo em algo melhor. Aqui faltam oportunidades para o jovem mostrar quem ele é. Aqui tem muito talento” (menina, participante de projeto).*

A identificação desse tipo de discurso, pode estar mais vinculado às lideranças e nem sempre se pode generalizar esse tipo de postura diferenciada para o restante dos jovens moradores de bairros pobres, como é possível observar no depoimento seguinte:

- *“Antigamente não tínhamos jovens com o pensamento de revolucionar, jovens com o pensamento de mobilizar. E esses jovens hoje são nossos pais, poucos têm um emprego digno, poucos têm uma casa digna. E com isso prejudicou bastante na formação do jovem. É o que indigna! O jovem cresce e vê que o mundo é tão cruel com os pais e com ele mesmo, que se indigna, ele se revolta. Mas aí apareceram jovens bacanas na vida da gente, não é? Eu acho que o Rodrigo (nota da autora: liderança jovem do Alto das Pombas) é um cara desses..”(menino, participante de projeto).*

A tradição de mobilização e lutas da Associação de Moradores e suas jovens lideranças, é percebida por um dos jovens entrevistados, como vemos a seguir:

– “O Alto das Pombas se divide em três fases: a fase da Ritinha, a época que Ritinha tinha idéias... Que hoje se transformou no grupo de mulheres que cuida das mulheres do bairro... Eram jovens, elas amadureceram. (Uma segunda fase), que é a fase que não tinha ninguém; e depois a época de Rodrigo. Com essa época de Rodrigo, apareceram muitos grupos de jovens. Eu acredito que não existia nenhum grupo de jovem com fator social, aqui não existia” (menino, participante de projeto).

Em função dessa relativa tradição de participação, mobilização e engajamento, os grupos de jovens foram mencionados nas entrevistas como fatores de estabilização e integração na comunidade, evitando que os mesmos resvalassem para a violência, como destacamos no depoimento seguinte:

– “Há muitos anos atrás, aqui era uma comunidade perigosa que as pessoas não queriam entrar. Hoje é muito bom viver aqui. É bom ser jovem aqui. Tem muitos grupos e jovens bacanas por aqui. Esses grupos precisam de apoio das instituições para abranger outros jovens. Com esse apoio, um despertar da conscientização dos jovens. O Alto das Pombas tem tudo para ter um futuro melhor com essa safra de jovens que tem hoje por aqui”. (menino participante de projeto).

Alguns aspectos da trajetória da liderança jovem, acima mencionada, foram destacados em entrevistas, mostrando o entrelaçamento que pode existir entre a formação espontânea de lideranças e o papel da igreja nesse bairro:

– “Rodrigo é quem trouxe esse olhar de jovem para a comunidade, mas houve uma pequena questão, houve uma pedra que empatou o caminho, até porque o grupo é religioso, não podia ser mais social porque era religioso (antes de se engajar em projetos sociais, o jovem Rodrigo participou do grupo da Igreja Católica). Então ele saiu para poder... Quería valorizar... E aí eu apareci, e convivendo com Rodrigo eu aprendi e tal... Ele já salvou muitas almas. E creio que eu, no caso, que andava com ele, me conscientizei muito novinho, vou conscientizar outros jovens. É o caso da multiplicação... Então, futuramente, o Alto das Pombas tem tudo para dar certo quanto a isso, os jovens procuram mais, procuram estudar, se mobilizar, buscando um rumo para eles e para a comunidade” (menino, participante de projeto).

Entre os jovens entrevistados, identifica-se um depoimento que indica a percepção das diferenças sociais em relação ao bairro:

– “Gosto daqui, o Alto das Pombas pra mim é um bairro de classe baixa, mas todos aqui são livres. Tenho amigos aqui” (menino participante de projeto).

Do mesmo modo, os entrevistados identificam, ao lado de uma relativa estabilização, no sentido de redução de perigo e violência, a continuidade dos demais problemas que atingem a juventude pobre no restante do país:

– *“Tem muita coisa pra fazer aqui, mas também tem menina que engravida com 13 anos de idade” (menina participante de projeto).*

O reconhecimento de que faltam oportunidades para os jovens no bairro é recorrente na fala dos jovens:

– *“...No Alto das Pombas tem muita gente alienada e muita gente correndo atrás para que isso não aconteça. O Alto das Pombas é um bairro que não oferece muito lazer, não oferece muita coisa...” (menino participante de projeto).*

Em seguida, destacamos alguns argumentos que demonstram uma percepção da continuidade dos problemas e principalmente de que não existe “um mar de rosas”:

– *“Nós somos os jovens do bairro. Nós somos o trabalho comunitário do Alto das Pombas... Uma comunidade que ao mesmo tempo ela é boa tem muito jovens que estão perdidos, estão à “migué”, não tem ligação com nada, não tem... A comunidade é legal, é boa, não tá totalmente na margem do absurdo mas não tá um mar de rosas, está no meio termo... A sociedade não acredita no jovem, te discrimina... ao mesmo tempo que te dá um dedo não te dá a mão”. (menino participante de projeto).*

O aspecto cultural é também valorizado pelos entrevistados, tanto na dimensão da valorização das práticas culturais locais, como na dimensão de aquisição de conhecimentos e de lazer e entretenimentos:

– *“O jovem do Alto das Pombas precisa de cultura. Muitos aqui nunca foram a um teatro, muitos aqui nunca leram um livro... Isso você sabe muito bem que atrapalha a formação de um homem. A gente já teve aqui projeto de livros, só que não deu certo porque não tínhamos apoio. A gente queria ter uma biblioteca comunitária. Têm tantos jovens bacanas, aqui, com pensamentos lá em cima, mas instituições, empresas que só pensam na barriga, não olham para isso”, (menino participante de projeto).*

– *“Eu gosto daqui, tem várias culturas para se ver, várias coisas interessantes neste bairro, tem amizade. Eu trabalho pela manhã, chego e vou para o colégio de noite”, menina participante.*

Como acontece na maior parte da população brasileira, a prática de lazer limita-se ao futebol para a população masculina:

– *“Normalmente, os jovens gostam de jogar bola, muitos deles não gostam de estudar. A gente procura sempre estar visitando alguns jovens, algumas famílias e fazer um trabalho não só com os jovens, mas com os pais desses jovens, para que eles consigam se integrar na sociedade”. (menina participante).*

Cabe também destacar a referência a práticas de integração, relativas não apenas ao bairro, mas também às famílias, e que são valorizadas pelos jovens:

– *“As pessoas nem sempre contam umas com as outras aqui no bairro. São poucos os que ajudam. O encontro entre as famílias é muito bacana. Porque é um bairro pequeno e todo mundo se conhece, todo mundo se fala, todo mundo se dá bem. As pessoas aqui, apesar de serem muito necessitadas, são muito orgulhosas...”. (menina participante).*

Como buscamos demonstrar até aqui, os depoimentos dos jovens participantes de projetos sociais demonstram a existência de certo compromisso de lutar para transformar o bairro, considerando-o como um local bom para se viver, acolhedor para os jovens, e enfatizando-se o papel das lideranças e dos projetos sociais em seus efeitos de melhorar a integração dos jovens à vida comunitária.

A maioria dos jovens gosta de viver na comunidade, não havendo distinção entre os dois grupos. Mas apesar disso, quase todos afirmaram que, se tivessem oportunidades, sairiam do bairro para um local menos violento e com mais oportunidades. Os dois grupos disseram que faltam espaços de lazer, quadras esportivas, escolas de ensino médio e cursos profissionalizantes para os jovens. Essa falta de opções levaria os jovens, segundo os não-participantes dos projetos sociais, a uma ociosidade juvenil que acabaria colocando o jovem em contato com as drogas e o mundo da criminalidade.

Ainda em relação ao bairro, os pais dos jovens participantes de projetos sociais consideram que há solidariedade no bairro e que o Alto das Pombas é um bom local para criar os seus filhos, uma vez que há uma certa solidariedade entre os vizinhos:

– *“Eu gostei, apesar do que muitas pessoas falam, mas gostei de criá-los aqui”.*
 – *“Se uma pessoa está doente, um socorre o outro: vai visitar, às vezes tem alguma coisa para fazer... Ajuda, sim, de certa maneira.”*

Entretanto, os pais reconhecem que há lacunas para o desenvolvimento e crescimento dos jovens moradores do Alto das Pombas:

– *“Aqui dentro do bairro eles precisam de um colégio, que não tem, precisam sair para estudar. E um trabalho assim, uma associação que fizesse uma atividade, que não tem*

aqui. O que é que tem aqui? Só esse grupo de Ritinha. Não tem mais nada! Não tem uma quadra de esporte para eles brincarem! Malmente o grupo dos Panteras, com Ritinha”

– “Acho que o que falta aqui é trabalho, é emprego, dar mais ocupação aos jovens. Não tem trabalho... Falta emprego, para eles terem ocupação. Têm muitos que ficam sem ter o que fazer. Vem do colégio, como não tem o que fazer, ficam pela rua”.

O papel determinante dos pais e da família na orientação de seus filhos é ressaltado no depoimento de um pai:

– “A vida dos jovens no Alto das Pombas é meio difícil. Não é? Se você não tiver... Se não correr atrás para ganhar o pão, não consegue sobreviver. Aqui, para os jovens fazer... Aqui não têm muitas coisas para fazer. A maioria deles fica aqui... É... Jogando bola aí, não é? Agora, alguns que têm seus pais, que sabem botar seus filhos num bom caminho... Como os meus mesmo eu sei botar. O bom caminho é aquele que os pais botam para trabalhar; se você tem trabalho, trabalhar junto com você, não é? Entendeu? É como meus filhos andam comigo”.

O fato dos jovens participantes de instituições contribuírem com o seu bairro e, sobretudo, apoiarem outros jovens, também é reconhecido pelos pais:

– “Às vezes tem inscrição no Liceu, ele avisa aqui, a quem quiser participar. Como agora mesmo, ele levou uns meninos daqui e muitos estão participando do Liceu. Então, eu acho que ajudou muito, não é? Tanto ajudou para eles quanto para os amiguinhos deles”.

Os líderes comunitários entrevistados concordam com os jovens e seus pais em relação à falta de oportunidades e espaços de lazer para os jovens no Alto das Pombas.

– “A vida dos jovens é uma sobrevivência porque ele não tem lazer, não tem uma educação no próprio bairro. Educação que eu falo, é local. Não tem escola no próprio bairro, ele tem que se deslocar daqui para outra localidade”.

As lideranças também notam que as diferenças nos níveis de renda da população, demonstradas através do tipo de construção das casas e da pavimentação da rua:

– “O grande problema aqui no Alto das Pombas é o paradoxo, é a diferença muito grande que se tem aqui. Se você passar apenas nas ruas principais, você vai dizer que tem um calçamento razoável, tem eletricidade, saneamento, as casas são mais ou menos... agora se você for na Baixada... Se você pegar a maioria das ruas num bequinho desses, você vai dizer como é que na frente as casas são de um jeito e aqui são de outro. Então aqui a gente sabe que tem família que os filhos estudam em escola particular dentro do próprio

bairro, tem outros que não tem o que comer dentro de casa. Vivem de cesta básica, da ajuda de uns e de outros”.

Da mesma maneira que os pais e os jovens, a falta de oportunidades de lazer e educação para os jovens do Alto das Pombas é percebida pelos líderes comunitários:

– “Falta, primeiramente, espaço para lazer, espaço realmente adequado, uma quadra poliesportiva, falta uma área para implantação de um centro cultural ou um centro multintegrado que pudesse abrigar várias coisas como laboratório de informática, aula de capoeira, essas coisas, tudo voltado para essas atividades lúdicas, etc. Uma das coisas principais que atrapalha o nosso trabalho da associação é a falta de espaço. Se a gente quer se reunir a gente precisa recorrer às escolas para conseguir uma sala de aula e é uma briga terrível, mas se consegue. Porque às vezes a gente até consegue um projeto, mas não tem aonde colocar...”

O lazer no bairro é restrito, como destaca uma liderança:

– “Sábado de noite, se você vier aqui, você vai ver que ali na frente da caixa de som da associação é o único lazer que tem no alto das Pombas. As pessoas ficam ali ouvindo um som, comendo um churrasco, vendo as pessoas passarem, tomando cerveja e acabou, depois é só ir pra casa”.

A violência, em particular a violência doméstica, é apontada como alta e recorrente por um líder comunitário:

– “É um bairro pacato, não tem grande índice de violência externa, mas de acordo com os estudos que nós temos, a gente sabe que a violência doméstica é um nível altíssimo. Esse é um dos motivos porque lá para junho, julho nós vamos implantar também aqui, um núcleo de atenção a pessoas de vítimas de violência no Alto das Pombas. Se você for ver os dados de violência externa, você vai dizer que não morre ninguém no Alto das Pombas, o pessoal não está se matando, para que colocar um núcleo? É como o caso do Engenho Velho e principalmente o Nordeste, mas só que tem outros aspectos também que precisam ser tratados exatamente para que o nível de homicídios aqui não chegue ao nível deles”.

A solidariedade e integração entre os moradores do bairro parece ser, segundo um líder comunitário, proporcional ao nível de renda da população:

– “Quanto maior o nível econômico, menor o nível de integração. Porque quem tem não quer ajudar o outro. Quem ajuda o outro? Por exemplo, é uma pessoa que quer fazer uma

laje para sua casa, quem vai ajudar é uma pessoa que ou não tem casa ou que também vai futuramente precisar de gente para fazer uma laje também, daí então eles se ajudam. Agora se numa rua dessa aqui, por exemplo precisar alguém de uma laje, ele vai contratar todo mundo. É de acordo com a situação da área, do nível”.

O aspecto cultural é ressaltado pelos líderes comunitários e no bairro do Alto das Pombas há talentos a serem descobertos:

– “Tudo que você imaginar aqui no Alto das Pombas é carente. É um bairro que tem um potencial muito grande artístico, cultural, você pode observar que qualquer tipo de projeto que você implante aqui ele tem um grande possibilidade de dar certo. Porque tem pessoas que tem o “feeling” para fazer aquilo, principalmente o jovem”.

Na fala das lideranças, há uma tendência em se falar sobre os jovens como “talentos” que não desenvolvem as potencialidades por falta de oportunidades. Quando há espaços, essas capacidades são desenvolvidas:

– “Agora é um bairro que tem uma quantidade enorme de artistas, artesãos mas que ninguém sabe porque eles produzem escondidos dentro de casa e vendem fora do Alto das Pombas. Tive uma experiência dessa com um amigo meu. Eu fui na casa dele e vi um quadro bonito, quando perguntei quem é que fazia ele disse que tinha sido ele, me levou até um quarto, um ateliê e me mostrou tudo o que ele faz com madeira, com pintura. Perguntei aonde ele vendia, daí ele me disse que vendia no Pelourinho. E ninguém sabe, e é um cara que conheço há 20 anos praticamente e eu não sabia que ele fazia isso. Assim como ele tem diversas pessoas que fazem coisas fantásticas aqui e eu não sei o que acontece com o bairro, não querem ficar expostos ou alguma coisa deste tipo, não quer expor aqui dentro, então aqui fabrica e manda para fora, “exporta”.

OS JOVENS MORADORES NÃO PARTICIPANTES DE INSTITUIÇÕES E O BAIRRO

Quanto aos jovens que não participam de projetos ou associação, os depoimentos sugerem, em geral, uma visão mais negativa em relação à comunidade, já que eles se limitam a constatar a falta de muita coisa no próprio bairro, a exemplo de quadras esportivas, cursos profissionalizantes, coisas para fazer (lazer, cultura), acesso a informação e educação. Poucos parecem perceber os aspectos positivos do Alto das Pombas.

Podemos agora compará-los com outros jovens que participam de algum projeto existente ou atuante no referido bairro, com o objetivo de verificar os possíveis contrastes em termos de percepções e atitudes diante dos acontecimentos locais.

– *“Falta curso para os jovens. O jovem fica sem fazer nada, falta informação. É difícil ser inserido no mercado de trabalho sem informática. Fica sem norte e acaba tudo indo para as drogas”, (menina não-participante).*

– *“O jovem não tem expectativas aqui. Fica vadiando depois que termina o ensino médio. Não tem projeto, não tem estágio para pegar experiência”, (menino não participante).*

– *“Faltam cursos e área de lazer no bairro. Quem termina o estudo não tem o que fazer, fica em casa dormindo. Devia ter trabalho porque os jovens querem ter as coisas, mas como não tem dinheiro, pensa logo em roubar pra ter”, (menina não participante).*

O fato de não participarem de instituição, parece levar, primeiramente, à valorização do bairro pela sua tranqüilidade, calma e relativa segurança, como se pode observar nos depoimentos que seguem:

– *“O bairro é bom, mas queria oportunidades de capacitação profissional e trabalho”, (menino não-participante).*

– *“A vida é boa no bairro, calma. Só frequento a rua à noite”(menina não participante).*

– *“Vida é boa, tranqüila e calma”(menina não participante).*

– *“A vida no bairro é normal, tranqüila, só um pouco de stress que é a violência. Mas gosto de viver aqui por causa dos meus amigos”(menina não participante).*

Todavia, encontramos uma constatação de que a relativa tranqüilidade equivale à ausência de acontecimentos, monotonia, falta do que fazer:

– *“Aqui é tranqüilo, é até chato de tão quieto. Gosto de morar aqui”. (menina não participante).*

Como é comum entre jovens, os grupos de amigos e as atividades de lazer são altamente valorizadas pelos jovens do Alto das Pombas:

– *“Gosto de morar no bairro, aqui tem minhas amigas. Às vezes saio do bairro para me divertir”, (menina não participante).*

– *“Gostava de ir ao pagode, mas agora não dá por causa da violência, mas à noite namoro. Aqui não tem muita amizade, só falsidade”, (menina não participante).*

Representando também um contraste com as constatações dos jovens participantes de projetos, os não-participantes referem-se a situações de violência:

– *“Gosto muito de viver aqui, sou nascido e crescido aqui. Mas tem muita droga e violência. As ações sociais deviam ser no bairro. Falo do preservativo”, (menino não-participante).*

– *“Fico muito em casa e participo de muitos grupos aqui do bairro, (menina não participante).*

O outro tipo de argumento muito presente entre os jovens que não participam de projetos ou instituições é a valorização da educação e de cursos de qualificação profissional no próprio bairro. Há uma tendência em associar a falta de acesso à educação formal e não-formal com a violência e o mundo das drogas:

– *“Falta curso para os jovens. O jovem fica sem fazer nada, falta informação. É difícil ser inserido no mercado de trabalho sem informática. Fica sem norte e acaba tudo indo para as drogas”, (menina não-participante).*

– *“Faltam cursos e área de lazer no bairro. Quem termina o estudo não tem o que fazer, fica em casa dormindo. Devia ter trabalho porque os jovens querem as coisas, como não tem dinheiro, pensa logo em roubar pra ter”, (menina não participante).*

Conseqüentemente, alguns desses entrevistados consideram que existe ausência de perspectivas e de oportunidades para os jovens que vivem nesse bairro, diferenciando-se dos anteriores.

Como ocorre em muitos bairros de baixa renda, os entrevistados acusam, também, a ausência de escola de segundo grau no próprio bairro:

– *“Aqui precisa ensino médio e trabalho. Quando a menina vai ao posto de saúde pegar preservativo é discriminada, porque fica falada, não é mais virgem”. (menina não participante).*

Diferentemente dos participantes, os não participantes percebem situações de promiscuidade e prostituição:

– *“Tem prostituição aqui, falta emprego”. (menina não participante).*

Provavelmente, devido à falta de acesso a informação, ou a uma rede social que facilite o acesso a projetos sociais, aqueles que não se encontram atualmente participando de algum destes, ou nunca participaram, citam a ausência de cursos ou projetos sociais. Isso parece indicar que em muitos desses bairros, esse tipo de instituição termina se constituindo nos únicos espaços existentes nos bairros, para as famílias recorrerem em qualquer situação, como foi constatado, também, por Guimarães (2002, p. 309) .

– *“Aqui precisa de curso ou projeto social. Projetos que falem da comunidade mesmo”. (menina não participante).*

A necessidade de qualificação e de trabalho é vista, ainda, como meio de se evitar que os jovens “caiam” na prostituição ou roubo:

– *“Aqui falta trabalho, trabalho honesto de pedreiro, de gari, não de prostituição e roubo. Faltam projetos e cursos de computação, ingles, etc...”. (menina não participante).*

Ao lado disso, existe ainda a valorização de cursos de arte e cultura em geral:

– *“ Eu gosto de teatro, devia ter um curso aqui, alguma atividade cultural” (menino não participante).*

– *“Faltam cursos e áreas de lazer e cultura no bairro (menina não participante).*

– *“Faltam cursos populares, de informática, inglês, espanhol”. (menina não-participante).*

Do mesmo modo, existe ainda a valorização de esportes:

– *“Aqui podia ter uma área de lazer”(menino não participante).*

– *“O que necessita mesmo em nosso bairro é a área de esportes”. (menino não participante).*

Os projetos parecem desenvolver atividades que são apreciadas pela juventude:

– *“Acho importante também os projetos sociais. Os jovens aqui têm capacidade e vão para os projetos. Porque eles distraem a mente, aprendem coisas novas assim... que eles gostam...”, (menina não participante).*

Portanto, como enfatizamos no início desse capítulo, e outros pesquisadores já constataram: “trata-se de bairros sem infra-estrutura, com ausência ou condições precárias de serviços de educação e saúde, ou espaços para a prática de esportes e lazer....e diante das dificuldades financeiras das famílias, os jovens têm acesso restrito ao consumo e lazer em outros espaços da cidade – como ocorre com jovens de classe média – e tendem a permanecer no espaço restrito do próprio bairro, defrontando-se com a precariedade das condições existentes (CARVALHO; GUIMARÃES; SANTOS; 2003, p. 79).

Essa questão fica patente em argumentos como os seguintes:

– *“De lazer aqui eu só converso mesmo com os amigos, mais nada... Só de vez em quando, quando surge a oportunidade, que eu vou ao teatro, quando consigo algum convite...”, (menina não participante).*

– *“...O Alto das Pombas é um bairro que não oferece muito lazer, não oferece muita coisa...”, (menino participante).*

Semelhante aos jovens inseridos nos projetos, existe ainda, entre os não participantes, a constatação de que a sociabilidade primária é muito importante, principalmente, as relações de vizinhança, que já foram muito abordadas em inúmeros estudos sociológicos:

– *“No Alto das Pombas tem uma relação boa entre os vizinhos. Quem menos tem é quem divide.... Com certeza”. (menina não participante).*

– *“Acho que existe mesmo. É, solidariedade pode contar com os vizinhos. Quem menos tem divide mais do que quem tem” (menino participante).*

– *“A convivência comunitária é considerada boa”, (menina participante).*

No argumento seguinte, constatamos, mais uma vez, a diferenciação entre as relações sociais espontâneas, a exemplo das relações de vizinhança, e as relações existentes (ou inexistentes) entre os grupos ou projetos no bairro:

– *“Sempre houve bom relacionamento entre as famílias, entre as casas, as ruas, um sempre está contribuindo com o outro, ajudando quando pode. Eu vejo a convivência de vizinhança, porém de uma maneira geral, quando se fala de grupo para grupo, se vê muito pouco ainda, mas se tenta fazer alguma coisa”. (menina participante).*

– *“Existe solidariedade porque se tem necessidade para algo que você precisa. Mas alguns tem mão aberta pode ajudar, os mais próximos que tem convivência”(menino participante).*

Uma visão mais realista das relações sociais internas ao bairro, e da sociabilidade primária, pode ser percebida quando os entrevistados ponderam ou relativizam esses aspectos positivos. Os não participantes parecem ter uma visão mais pessimista em relação à solidariedade comunitária do que os participantes, como constatamos a seguir:

– *“Tem alguns que se unem, outros não. Mas têm pessoa que não se dá muito bem com as outras...”. (menino participante).*

– *“Não vejo ninguém ajudando o outro, nada disso. É cada um por si mesmo. Não tem solidariedade”. (menina não participante).*

– *“Aqui não tem muita amizade entre as pessoas não”. (menina não participante).*

– *“O povo de lá da rua, ajudar só quando tá doente mesmo... o resto não tá nem aí”. (menina não participante).*

– *“Não tem muito atrito entre uma família e outra, não, vizinhança a gente conta muito com a solidariedade”. (menina participante)*

OS PROJETOS SOCIAIS E O BAIRRO

Em relação às políticas/projetos sociais voltados para jovens de baixa renda no bairro de Alto das Pombas, os jovens acham que são importantes, mas não são acessíveis para todo mundo. Faltam vagas e informações sobre como e quando acessar esses programas. A partir dos depoimentos, nota-se que o projeto é importante para manter o jovem ocupado durante o dia.

– *“No Consórcio da Juventude, por exemplo, não está dando oportunidade para todo mundo...”. menino participante).*

No argumento seguinte, há uma reflexão sobre a presença de um grande número de projetos sociais e instituições no bairro, fazendo um paralelo com a idéia de experiência ou de laboratório, como se pode ver a seguir:

– *“Pegam muito o Alto das Pombas como laboratório, uma necessidade que o país vem tendo de resgatar culturas de comunidades, culturas da cidade em geral”. (menina participante de projeto).*

– *“Nunca participei de uma instituição mas acho que o trabalho que eles desenvolvem é legal, eles tomam o tempo dos jovens, mas também alguns desses jovens não se interessam em atuar na comunidade. É ótimo para ocupar os jovens, não deixam eles soltos, à margem de se tornarem pessoas ruins, mas...”, (menino não participante).*

Os projetos ocupariam o tempo e mente dos jovens como argumenta o depoimento abaixo:

– *“Os projetos são importante porque beneficiam os jovens. Essas instituições ocupam um espaço deles e aí não dá espaço para pensar em besteira”, (menino não participante).*

Como buscamos demonstrar até aqui, existem diferenças expressivas pelo fato de vários jovens participarem de projetos ou associações, identificando-se, por exemplo, como já mostramos, uma visão mais negativa entre os não participantes de projetos em relação a seu bairro. Assim, compará-los em relação às suas opiniões sobre esses mesmos projetos nos permite observar uma graduação de argumentos, predominando o fato dos jovens acharem que são importantes, mas não são acessíveis para todo mundo.

– *“Não tem projeto social para todo mundo, é um problema de classe social. Precisa ter a informação e a formação. Cada dia que passa a comunidade vai crescendo, ou seja, necessitamos das instituições e necessitamos dos jovens multiplicadores”, (menina participante).*

– *“Tenho vontade de participar mas acho que falta informação aos jovens sobre esses projetos, como chegar... Vamos dizer assim muitos jovens têm um pouco de receio porque alguns projetos iniciam mas não terminam completamente e aí acabam ocupando um pouco o tempo dos jovens”, (menino não participante).*

Algumas críticas às instituições sociais foram observadas. Há depoimentos afirmando que muitas estão a procura de recursos financeiros ao apoiar os jovens de baixa renda e não propriamente preocupadas em apoiar os jovens:

– *“Para mim, a instituição social visa também o capital, visa entrar o dinheiro no projeto. Muitas instituições têm essa filosofia e isso é muito ruim...”, (menino participante).*

– *“Tem gente que ganha dinheiro, explorando assim mais nós, muito nossas mentes, os melhores, do Alto das Pombas para ganhar aí muito dinheiro”, (menino participante).*

Outra crítica às instituições sociais é em relação ao tempo de duração dos projetos. Os jovens observaram o fato do curto tempo de duração dos projetos, interrompendo as suas atividades e findando assim um curto ciclo de ajuda financeira e apoio social, que gerou certas expectativas neles.

– *“ONG é uma coisa que instiga os jovens, começa dando aquele tanto em dinheiro, a tal da bolsa, aí o jovem começa a freqüentar um curso que têm três a seis meses. E depois daqueles seis meses, como é que vai ser a vida dele? Ele já acostumado a ter aquela grana certa todo mês, o vale-transporte, o ticket... Tem menina mesmo que depois que acabou o tempo dela lá, ela ficou sem a grana, a única forma de conseguir renda foi se prostituindo”, (menino participante).*

Um outro limite identificado pelos próprios jovens é a participação dos jovens em sua própria comunidades. Parece que ao se envolverem com os projetos sociais, os jovens acabam, de uma certa forma, se desvinculando com a sua comunidade, o seu bairro de origem.

– *“Tem muitos jovens do Alto das Pombas nas instituições porque, eles mesmos correram atrás e conseguiram entrar... esse lado é bom, mas por outro lado eu acho que não é muito bom porque tem alguns deles que colocam uma falsa realidade na mente deles e de uma certa forma atrapalha porque afasta do bairro” (menino não participante)*

– *“Tinha essa inscrição no Liceu para trabalhar no Banco do Brasil – é uma coisa interessante que eles de uma certa forma utilizam o grupo para entrar nesses projetos e depois abandonam o grupo daqui da comunidade”, (menina não participante).*

– *“Modificam eles que até eles perdem a identidade com o bairro”, (menina não participante).*

A partir dos depoimentos, nota-se que o projeto é importante para manter o jovem ocupado durante o dia e desenvolver seu senso de responsabilidade.

– *“Não me deixava desocupada. De manhã ia pra escola, de tarde era futsal, voleibol, capoeira... até à noite eu comecei a tomar o curso de informática e fiquei como instrutora no curso. Aí depois pintou, apareceu o projeto do Liceu eu acho que agora eu estou com mais responsabilidade, mais desenvolvimento”, (menina participante).*

O efeito dos projetos sociais em suas vidas tende a se dar através do retorno à escola ou estímulo aos estudos, além de contribuírem com o diálogo dentro da família e da comunidade. O tempo também fica ocupado com atividades educativas e produtivas.

– *“Passei por duas instituições. Mudou muita coisa em minha vida, sou menos rebelde... Hoje em dia eu mudei isso, graças a Deus e às ONGs. Na escola melhorou também. Os projetos são importantes para os jovens, os jovens vão empolgados para a ONG, aí acabou a ONG, pronto! No Cidadão de Papel mesmo, eu não ganhava nada, estava lá só pelo prazer de estar aprendendo, fazendo algo que eu gosto que é o teatro. Mas os jovens só querem o curso se tiver uma bolsa”, (menina participante).*

– *“Projeto leva o jovem ao pensamento, a perspectiva de vida, pessoas que estão dentro dos projetos, o tempo todo estudando, trabalhando... então o pensamento é outro, as idéias, os projetos de vida são outros totalmente diferentes dos outros jovens que não participam dos projetos”, (menino participante).*

Os projetos sociais também contribuem com o desenvolvimento da comunidade na visão dos jovens:

– *“O projeto é importante para dar formação ao jovem, pela experiência de pessoas que já trabalharam com jovens e vê que aquilo tem resultado, que tem uma certa eficácia dentro da comunidade”, (menino participante).*

O senso de responsabilidade parece aumentar à medida que alguns desses jovens frequentam os projetos sociais:

– *“Antes do projeto eu não tinha nenhuma responsabilidade. Depois que eu entrei no projeto tive mais responsabilidade, aprendi mais para fazer valer o nome do Agente Jovem”, (menino participante).*

– *“Os jovens precisam muito dos projetos, por causa do estudo, que não tem muito estudo aqui, para saber mais da vida, como é... , mas de algum jeito devem estar aprendendo, quando ele não tava no Agente Jovem ele não procurava estudar mais, depois que Rodrigo encaixou ele no Agente Jovem ele conseguiu passar, graças a Deus está no segundo ano já”, (menino não participante).*

– *“Mas vale a pena, sim, porque leva a pessoa mais a frente, para saber mais, que estuda, saber mais sair... depois que ele entrou nesse projeto, mudou a vida dele...”, (menino não participante).*

Como demonstra o depoimento abaixo, algumas instituições parecem fortalecer a auto-estima dos jovens, mas o fato dele se envolver mais ou menos em atividades comunitárias vai depender muito mais deles próprios do que das instituições.

– *“Fiquei no Liceu por um ano e três meses. Aprendi a ser um jovem político. Aprendi muita coisa bacana. Hoje sou técnico em automação industrial. Fiz fotografia, webdesign.. as instituições são muito importantes sim, buscam na verdade a auto-estima do jovem” (menino participante).*

Porém o sucesso do efeito do projeto social nos jovens é variado, dependendo do próprio jovem e do seu contexto social, como argumenta este jovem:

– *“Mas depende muito do jovem para quem já tem um rumo, já venha buscando, elas são importantes. Digo isso porque aqui pode ser uma incubadora, para depois a gente tem que fazer um holding nas outras comunidades, a gente está fazendo um futuro melhor. Então, facilita bastante. Depende mais do jovem do que da instituição. Recomendo que todos participem de qualquer grupo de jovens, qualquer coisa que exista outro jovem para dividir pensamentos, desfrutar do pensamento do outro é importante”, (menino participante).*

Os projetos sociais parecem dar ferramentas e aparatos que podem contribuir e ajudar o jovem no ingresso no mundo do trabalho. Segundo eles, as instituições sociais são importantes porque ajudam os jovens a se desenvolver, fortalecendo a auto-estima e dando novas ferramentas para ingressarem no mercado de trabalho.

– *“Existe várias instituições atuando no Alto das Pombas pela necessidade e pela vontade também dos jovens de crescer. Entrei na Cipó, eu tive uma informação tão grande que hoje eu me sinto capacitada para muita coisa, principalmente para o mercado de trabalho. Não sabemos nos colocar e por isso existe uma certa exclusão. Ou seja, nós conseguimos nos incluir a partir disso. Mudou muita coisa em minha vida: mudou o senso crítico, au-*

mentou a vontade de leitura... Eu não tenho só a Cipó, eu tenho um projeto de vida que estou colocando em ação”, (menina participante).

– “As instituições são uma necessidade: cursos profissionalizantes e de aparato político, eles precisam, mais do que nunca, de ferramentas para trabalhar, eles precisam ser conscientizados também”, (menino participante).

– “Além de trabalhar com a auto-estima das mulheres, as mulheres negras e adolescentes quanto a cidadania, sexualidade, nós coordenamos o grupo pensando em atividades para a comunidade, pensando nas crianças, jovens, adultos e idosos”, (menina participante).

Como demonstramos acima, em relação aos projetos sociais que os atendem, percebemos que os jovens de ambos os grupos acham difícil ingressar nesses programas seja pela falta de informação sobre quando e onde se inscrever, seja pelo número restrito de vagas ou pela rigorosa seleção do candidato. Outro limite apontado pelos meninos e meninas é o fato do curto tempo de duração dos programas que, segundo alguns, cria uma certa “expectativa” de mudança na vida deles e, quando chegam ao fim de um período, eles se vêem diante das mesmas dificuldades de antes. Acrescenta-se a isso a limitação do fim do recebimento da ajuda financeira (a bolsa escola) que acaba criando uma certa “dependência” no jovem no sentido de se acostumar com uma renda no final do mês que, depois de meses ou um ano, acaba por se findar.

Os líderes comunitários também consideram que as instituições sociais apóiam os jovens, mas não dão o acompanhamento devido:

– “Eu acho que as instituições sociais são importantes, agora o foco do trabalho delas deveria ser mais voltado para o acompanhamento, não simplesmente chegar capacitar, dar uma bolsa de seis meses exatamente que era o curso e depois largar o menino novamente na rua da amargura. Falta um acompanhamento.

Há sugestões inclusive de como desdobrar esse acompanhamento:

– “Se você se propõe dar uma capacitação de restauro para um grupo de pessoas, aquele grupo quando concluir, tem um potencial muito grande para desenvolver uma pequena cooperativa, de começarem a desenvolver um trabalho não só no próprio bairro, como em outros locais. Então se você consegue fazer um projeto de acompanhamento complementar que consiga dar orientação para esses meninos se unirem em cooperativa, dar uma visão de associativismo e eles começarem a desenvolver um trabalho conjunto e começarem a ganhar a vida, daí pensaremos que cumprimos nosso papel social”

Assim como os jovens, os líderes criticam o fato de algumas instituições estarem preocupadas com a sua sobrevivência e como pagar o salário de seus trabalhadores:

– *“Na visão da maioria, não de todas as instituições, mas quando uma pessoa pensa no projeto, pensa primeiro em quanto que o coordenador vai ganhar e a equipe de trabalho, depois pensa na capacitação e se aquele menino vai fazer alguma coisa com aquela capacitação ou não”.*

– *“Na minha experiência de ONG, tive algum contato, a visão de trabalho social está deturpada. Hoje é muito fácil montar uma ONG, conseguir captar recursos e daí estar mantendo uma estrutura imensa de graduados, pós-graduados, doutores e realmente acaba o propósito deixando de ser o atendimento a essas pessoas que estão necessitadas, e passa a ser apenas uma forma de ganho para os donos da ONG, porque a ONG, a maioria tem donos”.*

Há, inclusive, uma citação de uma investigação do Ministério público em relação às ONGs:

– *“Até agora recentemente tivemos uma devassa do Ministério Público nas Ongs para saber realmente qual é o seu papel, e ficou provado que na maioria dos casos a questão era essa, a ONG estava mais voltada para buscar projetos para manter o quadro funcional do que para manter o próprio projeto, manter a vida cotidiana do próprio projeto”.*

Assim como os jovens, os líderes demonstraram preocupações em relação à identidade dos jovens moradores do Alto das Pombas como o seu bairro após ingressarem nas instituições:

– *“Veja só, vou dar um exemplo bem interessante a você. Teve um jovem aqui de um dos grupos que foi escolhido, porque foi oferecido duas ou três vagas aqui para a vizinhança do Alto das Pombas, daí mandaram ele para uma determinada instituição. Depois que ele começou a freqüentar esse curso, ele passou a discriminar os colegas, deixou de se sentir morador do bairro, foi uma coisa terrível. Ele era coordenador de grupo da associação, ele foi mandado para representar o grupo, trazer subsídios para nós, mas terminamos colocando ele para fora da associação. Então isso acontece freqüentemente no Alto das Pombas, quando alguém entra numa instituição, parece que muda a cabeça, dá uma reviravolta e aí começa a deixar de ter uma identidade com o bairro e passa a pertencer a determinada instituição”.*

Além da falta de acompanhamento dos projetos ao jovem, já observada acima, as lideranças afirmam que, após o período que o jovem passa nos projetos sociais, haveria

um certo vazio na vida dos meninos, uma vez que voltam a conviver com a sua realidade sócio-econômica:

– “Isso no período do curso é maravilhoso, mas quando o projeto acaba, parece que abriu um buraco no chão. Imagina você ter uma super estrutura em questão de projeto, que te ofereça tudo do bom e do melhor por seis meses e você participando daquele dia-a-dia, indo para diversos locais, conversando com pessoas diferentes, só que quando a atividade acaba você vê que não tem mais aquilo que foi oferecido, que tudo aquilo que foi oferecido foi uma ilusão, algo temporário e que você não vai ter auxílio depois para continuar desenvolvendo aquele trabalho. Antes ele tinha tudo e depois não tinha nada”.

– “As instituições não cumprem seu papel até o final, como é que é isso?”.

Entretanto, os líderes percebem alguns pontos positivos dos projetos sociais, reivindicando um atendimento mais qualitativo por parte das instituições:

– “Acho que os projetos sociais são fundamentais em comunidades carentes, agora projetos mais sérios, com acompanhamento. Nossa proposta de trabalho no Alto das Pombas é capacitação, orientação e acompanhamento, porque você pode dar capacitação para os meninos e sem acompanhamento, eles irem para o caminho errado. Jovem, você precisa acompanhar até eles estarem engajados. Muda o relacionamento com a família, muda a relação com os amigos, a partir desse momento em que ele deixa de participar daquilo, ele cai numa contradição e aí se perde. E na verdade todo esse processo, esse montante que foi investido nele, acaba indo para o ralo”.

A falta de vagas e informação sobre quando e como acessar esses projetos sociais é também levantada pelas lideranças:

– “O que acontece é que se a gente for parar pára contar quantas pessoas foram inseridas em projetos sociais não dá nem 50 jovens. Quantos jovens já foram para o Liceu, Cria? Se a gente for contar aqui agora dá para contar nos dedos – pouquíssimos! Então é uma questão da informação chegar. Muita gente não sabe o que a instituição faz, o que é a instituição... Muita gente não sabe. A Cipó tem vários cursos de comunicação muito legais, mas só que muita gente não sabe. Quem quer trabalhar com comunicação não sabe”.

A questão da identidade racial e consciência política oferecidas nos currículos de algumas instituições é valorizada pelas lideranças:

– “... temos uma instituição que tem dado um retorno muito bom à comunidade, que é a Ceafo – Centro de Estudos Afro-Orientais – então esta instituição tem dado um retorno a nível de conscientização política porque esses jovens vão para lá e quando retornam retornam com a consciência do papel deles na sociedade, consciência da qualidade deles na questão racial e consciência na formação política, porque passam a ser verdadeiros líderes na comunidade em relação às políticas sociais”.

Além disso, as instituições estariam ocupando o tempo desses meninos e meninas e os orientando de alguma forma, segundo os líderes comunitários:

– “Eu acredito que muda. Muda pelo menos nesse sentido: as crianças não estão nas ruas. As crianças estão sendo orientadas. Agora o que nos preocupa enquanto liderança comunitária, politicamente, é que essas instituições não estão fazendo o trabalho político, a conscientização política que esses jovens deviam ter. Pelo menos, dizer a eles: ‘Olhe, vocês têm direito a escola e não têm; vocês têm direito a ter um lar eficiente, e não têm; seus pais têm direito a ter um emprego, e não têm’; então isso tudo eu acho inclusive que é uma violência estadual”.

– “Eu creio que faça diferença porque pelo menos eles estão num meio social organizado, não é? Eles não estão soltos, estão de alguma maneira sendo orientados”.

A falta de estímulo e oportunidades para a continuidade dos estudos e a pressão de algumas famílias para que seus filhos contribuam com a renda familiar atrapalham o desenvolvimento dos jovens na opinião das lideranças:

– “Os jovens do Alto das Pombas não são diferentes dos jovens de outras comunidades. Eles são iguais nas deficiências, na política, na condição humana... O que eles precisariam nesse momento era de um empurrão a nível educacional, porque a gente percebe que nossos jovens até se esforçam para chegar ao 2º grau. Quando eles chegam no 2º grau, antes de terminar, muitas vezes, os pais já estão querendo que eles vão trabalhar porque não têm recursos, então eles perdem o estímulo pelo estudo e aí é menos um pobre e negro na universidade”.

– “Eles chegam à idade de 13/14 anos e os pais querem que eles saiam para ir trabalhar. Eles não vão conseguir trabalhar sem estudar. Então é um círculo vicioso: eles ficam na rua, eles ficam jogando buraco, eles ficam jogando baralho, é lamentável que a gente não possa dar um resultado melhor, a gente sabe que a gente não pode acabar com tudo isso mas pelo menos alguma coisa que viesse melhorar..”

Há um reconhecimento da necessidade de instituições sociais que atuem no próprio bairro e a valorização, por parte das lideranças dos grupos de jovens, dos moradores do Alto das Pombas, segundo as lideranças:

– *“Você percebe que aqui dentro do Alto das Pombas não tem uma instituição voltada para a criança no local, nem para criança nem para jovem. Agora, o que eu acho lindo são eles mesmo se organizarem, eles mesmos se organizarem. Eles discutem, se reúnem e assim eles vão levando... Com apoio, claro, de algumas pessoas do bairro, como o Grupo de Mulheres – que tem algumas mulheres que já se envolvem, que ajudam. Tem uma pedagoga no bairro, que não mora nem aqui, morava, mas tem dado uma força para que eles não esmoreçam, para que eles não debandem”.*

– *“Eu gostaria de fazer crítica ... eu acharia que os projetos sociais não se implantassem somente dentro daqueles lugares que vai à busca, que vai procurar... que fosse também procurar as comunidades que são carentes porque nós vamos, mas não somos atendidas. O maior problema é esse...”*

Os líderes afirmam que os pais querem que seus filhos sejam participantes dos projetos sociais:

– *“As mães querem que os filhos entrem nos projetos.. Nós temos aqui mães que a gente encaminhou filhos pro Ceafro, teve um bom resultado, encaminhamos pro Liceu, teve um bom resultado; fizemos trabalho de profissionalização dentro da comunidade mesmo, quando houve oportunidade da gente fazer um projeto de profissionalização e houve resultado, e eles estão sempre botando e confiando na gente onde cabe mandar eles. Realmente vêem diferença. Vê porque qual é a mãe que não quer ver seu filho no melhor? Toda mãe almeja o melhor para seus filhos..”*

OS GRUPOS DE JOVENS DO ALTO DAS POMBAS

Além das instituições sociais que recrutam seus jovens no bairro de Alto das Pombas, há cinco grupos de jovens que foram formados no âmbito da comunidade e congregam jovens participantes e não participantes de projetos sociais. São grupos criados pelos próprios jovens e que, na sua maioria, desenvolvem ações voltadas para seus pares. Eles se encontram nos fins-de-semana e/ou no fim da tarde para conversar, debater temas que lhes interessam e organizar atividades sociais dentro do Alto das Pombas. Cada um tem uma característica específica e está ligado a uma associação “mãe” do próprio bairro, excetuando-se o Fatumbi.

O grupo Panteras Negras trabalha questões raciais junto aos jovens e tem um vínculo com o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas; o Fênix está vinculado à Associação de Moradores do Alto das Pombas e tem um cunho social, desenvolvendo ações de geração de renda e distribuição de alimentos e roupas. O grupo Fatumbi está voltado para a inclusão de jovens em programas educativos e reforço ao ensino formal; o Núcleo de Perseverança Jovem (NPJ) faz também trabalhos sociais no bairro e está ligado à igreja católica e, finalmente, o grupo Juventude e Revolução que tem também uma relação próxima com o Grupo de Mulheres.

– “Faço parte do Pantera Negras. A gente trabalha na mobilização de jovens com relação à raça, à auto-afirmação, à identidade e também à politização de jovens. É um grupo de jovens comum como qualquer outro, a gente brinca, se diverte, mas também tem a parte séria do trabalho, discutindo a questão política do país. A participação política e a afirmação com relação a identidade negra. Os ideais. Aquela coisa de você tá querendo buscar diversão, conscientização, buscar integração com os outros jovens. O Alto das Pombas tem juventude, que pensa de formas diferentes”. (menina participante)

– “Os Panteras Negras onde a gente discute muito a questão racial, coisa séria de politização, o NPJ (Núcleo de Perseverança Jovem) que discute mais a questão religiosa, Juventude e Revolução que foi mais uma tentativa de pegar os jovens que estão mais à margem, marginalidade, drogas, tem o Fênix, que é um grupo que não se envolve muito com a comunidade. Eu ajudo o Fatumbi, criando projetos, elaborando entre aspas ‘o nosso futuro próximo’. Eu estou aqui para contribuir, a gente faz contato com gente de fora para dar uma formação melhor, dando uma direção para que o jovem se encontre’, menino participante de projeto social”.(menino participante)

– “O NPJ trabalha com o social. O Juventude e Revolução parte do grupo de mulheres, que é um grupo bem mais antigo, de outra geração. Mas os filhos dessas mulheres também criaram o Panteras Negras, o Fênix é o grupo mais novo que existe”, (menino participante).

O Grupo Fatumbi, fundado por um jovem líder do bairro, citado diversas vezes nas entrevistas, preocupa-se com a educação formal e não-formal, funcionando como uma espécie de agenciador entre os jovens e as instituições sociais. Seu objetivo central é fazer com que o jovem conclua o ensino médio e tenha acesso a cursos complementares como informática, telemarketing, entre outros.

– “O Grupo do Fatumbi foi criado para mobilizar o grupo de jovens excluídos na própria comunidade. Como aqui a naturalidade dos grupos eram de serem formados com o obje-

tivo de afro descendentes, da Igreja, religiosos, da associação – ficavam muitos jovens excluídos. Então a reunião era aberta para discutir temas de mobilização, assistir filme, montar uma peça teatral. Era dentro do bairro. Porque é natural daqui, depois que as pessoas conseguem chegar no objetivo na instituição que quer, a associação basta. Pela quantidade, tem tantos jovens aqui que não é justo que não tenha necessidade de agrupar. Nós temos aqui, naturalmente uma política de participação de pessoas que estão excluídas, então para mim, a idéia sempre de montar um grupo é exatamente para agregar pessoas que então não tem acesso a nada aqui. ...Nós temos acompanhamento escolar rígido, de ano em ano junto com os diretores. Em alguns casos a gente consegue até inserir alguns no mercado de trabalho. Nossa meta principal é essa....” (menino participante)

Na opinião dos líderes comunitários, os grupos dos jovens são importante e cada um tem seu papel na comunidade:

– “Cada um com uma identidade diferente.... Um grupo que é mais antigo, o NPJ (Núcleo da Perseverança Jovem) voltado mais para a questão religiosa. O Panteras Negras voltado para mais ao grupo de mulheres e racial. O grupo Fênix, é um grupo que foi pensado para inserir o jovem no trabalho na comunidade, dando uma visão de trabalho associativo e de caráter voluntário que possa mudar a vida no bairro. O Juventude e Revolução desenvolve alguns trabalhos sociais dentro do bairro, esse não tem vínculo com nenhuma instituição, é a característica própria dele. Então é um bairro que tem grupos totalmente diferentes com uma diversidade incrível, mas que tem um fator que não agrega a não ser quando tem interesse particular, que muitas vezes a gente se perde nisso, a gente está defendendo um interesse que é nosso, se utilizando da instituição do grupo, mas na verdade é nosso, individual. Então isso tem muito aqui”.

Há uma diferença dos jovens que participam desses grupos em relação a outros jovens do bairro:

– ‘...Se você chamar esses meninos para conversar... vá nos grupos você vai sentir a diferença. Com certeza absoluta. Você vai sentir por eles estarem juntos, você vai sentir o clima eles parecem quietos. Mas individualmente, você vai ver que eles estão sem expectativas de emprego, de estudo, não tem lazer, tudo isso então vai minando. Então um lugar que ele tem para extravasar é dentro do grupo, que ele tem amigo para conversar, se distrai é o tempo que com certeza ou está ocioso em casa ou está no grupo de jovens....”

A bolsa-escola pode atrapalhar o envolvimento dos jovens nas instituições e nos grupos de jovens do bairro, segundo um líder:

– “...Então eu não posso esperar um retorno financeiro de uma coisa que estou aprendendo. A pessoa está cedendo o tempo dele, em vez de estar trabalhando , ele está fazendo mais devagar para que eu aprenda, etc. Então, nesta questão dos projetos, nesta técnica de difundir muito a bolsa, acabou deturpando totalmente a visão do projeto social dentro do bairro. Eu sou totalmente contra, eu sei que tem gente que precisa, mas é preciso rever isso, que dê cesta básica, então , dê duas cestas básicas, então o que ele vai fazer? Vai ter que comer. Porque eles acabam mudando totalmente a visão... daí qualquer coisa que você chame , eles vem perguntando pelo o que vão ganhar com isso, se tem bolsa. Se não tiver bolsa não querem nem que se conte com eles...”

O próprio líder diz que já passou por projetos sociais e relata sua experiência:

“Já passei por alguns projetos. Eu tive um treinamento na época, eu fazia parte da Dow Química. Aí eles me colocaram. Foi bom. Aí no caso eu me destaquei e eles me colocaram. Na época foi o projeto social da Copene. Era pra jovens, mas não daqui. Era mais pro Lobato. Lá eu podia ver o seguinte: o pessoal de lá, os adolescentes, tomam os ensinamentos e levam para a comunidade. A gente atuava no bairro”.

CAPÍTULO III
A ESCOLA, A FAMÍLIA E OS JOVENS

A ESCOLA E OS JOVENS

A metodologia e os objetivos dos projetos sociais atuantes no bairro pesquisado apresentam diferenças, mas um dos seus pontos em comum é a valorização da educação formal e, em alguns casos, até mesmo o acompanhamento ou reforço escolar. Isso se torna muito importante para os jovens, diante das dificuldades existentes de acesso a uma educação de qualidade.

Em pesquisa realizada com o objetivo de analisar um projeto social que atua em vários bairros populares de Salvador, Carvalho, Guimarães e Santos (2002, p. 30) observaram:

“Todos os meninos e meninas estudam, mas com um significativo atraso escolar. No bairro de Saramandaia, por exemplo, 32.7 % dos meninos com 14 anos e 23.3 % daqueles com 15 anos encontram-se ainda na 5ª. série. Em Coutos esses percentuais alcançam, respectivamente, 29.8 % e 31.1 %”. Segundo esse estudo, as escolas públicas por eles freqüentadas não favorecem o desenvolvimento do seu potencial, não os motivam para os estudos, nem asseguram o seu bom rendimento. Assim, a maioria dos meninos atendidos nesse projeto se encontra bastante defasado em termos de idade / série (CARVALHO, GUIMARÃES E SANTOS, 2002, p. 88).

Essa observação pode ser ampliada para a população jovem focalizada no bairro pesquisado. Abordamos a seguir as opiniões dos jovens moradores de Alto das Pombas sobre a questão da educação e suas experiências com o sistema escolar. Observa-se que, ao comentarem sobre a sua escola e sua relação com os professores, tanto os jovens que participam como os que não participam de projetos e programas sociais afirmaram que educação é fundamental para o crescimento e desenvolvimento do indivíduo.

Ao lado disso, a maioria se refere aos cursos profissionalizantes como uma necessidade e lamenta o fato de não existirem mais escolas de ensino médio no bairro do Alto das Pombas, apesar de todos reconhecerem que as escolas públicas que freqüentam não têm boa qualidade de ensino. Alguns falam no sonho de freqüentarem uma universidade, mas sabem que o acesso ao ensino superior é difícil por falta de recursos financeiros e dificuldades de acessar as universidades públicas.

– *“As escolas daqui da redondeza são muito mal preparadas. Estou querendo fazer vestibular para Música e Direito, mas está difícil”. (menino participante de projeto social).*

– *“Se tivesse curso profissionalizante para todo mundo seria bom. O do Senac mesmo fica na Casa do Trabalhador, é bom”, (menina participante de projeto social).*

A observação citada acima de que os meninos e meninas estudam mas com um significativo atraso escolar pode ser também constatada na opinião do seguinte jovem entrevistado:

– *“Eu já perdi quatro vezes de ano. Aqui, os jovens precisam mais de estudo, procurar se envolver mais no estudo, na educação. Porque a maioria não tem educação, é desinformado das coisas. As escolas que tinha aqui já saíram...”*, (menino participante de projeto social).

Existe também a concepção ampliada de educação, incorporando a função da família na socialização dos jovens, o que se observa quando afirmaram que a educação começa em casa e os pais devem estimular seus filhos a estudar.

– *“A parte da educação... já vem de casa, já é da parte familiar, parte materna e paterna que deviam trabalhar mais em cima dos jovens. Muitos jovens entram nas drogas hoje por falta de educação forte”*, (menina não participante de projeto social).

Os jovens entrevistados também valorizam muito a relação com os professores e colegas, que é considerada muito boa, e alguns chegam a afirmar que seus professores são seus amigos e cúmplices.

– *“Todos os professores sempre foram meus amigos íntimos, cúmplices, como pais, muito próximos.”*, explica uma jovem participante de projeto social.

– *“A relação com meus professores foi muito boa porque geralmente os jovens acham que os professores são chatos porque pegam muito no pé”*. (menina não participante de projeto social).

Essa relação positiva com os professores encontra suas potencialidades e limites no sistema escolar, percebendo-se os esforços e problemas enfrentados pelos professores a partir das entrevistas realizadas. Uma professora entrevistada, trabalhando em uma escola com mais de dois mil e tantos alunos, por exemplo, afirma receber meninos que não sabem ler, não sabem escrever:

– *“Ainda ontem eu estava conversando com uma pessoa uma questão: a gente recebe meninos que não sabem ler na 5ª Série! Não é voltar ao passado, mas no passado a gente tinha aquela coisa de saber quem é quem; o professor pegava o aluno na 1ª Série e levava até a última série, e depois ele tinha que ir para o ginásio”*.

Tanto os jovens participantes como os não participantes dos projetos sociais consideram que a escola é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo e valorizam

o estudo como caminho para ascensão social. Muitos associam a falta de estudo ou a não frequência ao projeto e à escola com o envolvimento de jovens com o mundo da criminalidade e as drogas.

Entretanto, os jovens participantes de projetos sociais tendem a ser mais críticos em relação à qualidade de ensino das escolas públicas que frequentam, ao mesmo tempo que reivindicam uma unidade de ensino médio no bairro do Alto das Pombas, assim como a oferta de cursos profissionalizantes (especialmente de informática). Este grupo fala mais veementemente do desejo de cursar uma universidade e ter uma profissão de prestígio social. Dos 14 jovens participantes entrevistados, três estão frequentando cursos superiores em faculdades privadas de Salvador.

– *“As escolas daqui da redondeza são muito mal preparadas. Estou querendo fazer vestibular para Música e Direito, mas está difícil”, (menina participante).*

– *“...Se tivesse curso profissionalizante para todo mundo seria bom. (menino participante).*

Segundo o argumento de uma professora, as mudanças introduzidas no sistema escolar exercem efeitos nem sempre positivos sobre os educandos:

– *“Hoje o professor ensina a 1ª, a 2ª, 3ª, 4ª... Quer dizer, ninguém é ninguém, os meninos não sabem ler nem escrever... E vai se empurrando os filhos dos outros! Eu acho isso um crime! E a prova está aí: aluno sem saber; é a condição das escolas públicas! Todas! E a gente sabe da deficiência. Quem é culpado? Eu não quero menino fora de aula”.*

As dificuldades financeiras das famílias são apontadas em diversos momentos pelas professoras, refletindo-se na frequência à escola, na compra de livros e fardamento, tudo isso percebido como obstáculo aos alunos:

– *“As dificuldades são muitas; agora é disponibilizar, não é? A questão da carência, por exemplo: têm alunos aqui que me pedem dinheiro, quase sempre; pedem dinheiro à professora... A gente percebe que as mães dizem: – eu tenho dois filhos; tem dia que eu vou mandar um e tem dia que eu mando o outro. Então, a evasão, inclusive, no ano passado, foi alta! (vice-diretora de escola).*

O fardamento escolar é observado por uma professora como um elemento disciplinador para os jovens estudantes das escolas públicas:

– *“Eu acho que a escola pública deve ter uma farda, a secretaria deve estabelecer uma farda, a gente tem que organizar! Quer dizer, o menino vem com uma camisa para o co-*

légio com um desenho agressivo! Como é que fica? Tem que haver uma farda, a gente tem que educar! O aluno deve vir com um sapatinho fechado, mas eles vêm com alpercatas e chinelos mais caros, e aí a gente tem que educar, isso aqui é uma casa de formação e informação. Então, a gente educa na escola pública...”.(professora).

Entretanto, os problemas de aproveitamento escolar não são generalizados, ou seja, nem todos os meninos cujas famílias são pobres têm baixo rendimento escolar, como procura diferenciar essa professora:

– “Aproveitamento, existem meninos aqui que são excelentes alunos, em tudo: quantitativo, qualitativo; existem realmente excelentes alunos. Pra ver quem é quem, o que é que acontece. Aqui teve aluno que eu já chamei para conversar e perguntei: – Nando, você não gosta da escola? Porque realmente estava dando trabalho... Não querem nada, não escrevem nada, fugindo da escola... Eu tenho aqui dois que eu fiz parceria com eles, aí chamei, conversei, inclusive tem um que já faz três anos na 5ª Série, dando trabalho, chamando a mãe...”

Por outro lado, existem problemas comuns ao sistema escolar, mas o ensino público, quando comparado ao privado, no que tange à formação de professores e outros, acumula mais problemas, segundo o comentário dessa professora:

– “Se em casa não dá e a escola está com limitações, não está se sentindo capaz! O professor da escola pública é aquele também da escola particular. Se não trabalha nas duas, a formação é a mesma, são oriundos da mesma universidade, é a mesma formação... Por que trabalha diferente, eu não sei. Então, existe uma diferença na escola pública, está acontecendo alguma coisa”...

Constatamos, também, a existência de recursos relativos, que vêm sendo introduzidos no sistema de ensino público, a exemplo do citado por essa professora:

– “Existe a deficiência, lógico! Mas nós tentamos minimizar. Eu vou falar da minha escola: nós temos sala de vídeo, temos retroprojetores, multimídia, tem o laboratório que estamos tentando instalar. Agora, se procura buscar maneiras de minimizar as dificuldades. Com o projeto PDE – Programa de Desenvolvimento Escolar – é pedagógico... É uma verba que vem... Então, a gente monta o PDE com os professores, todo mundo da escola, a gente se senta e diz: – O que estamos precisando?”

Segundo a professora, a escola monta o PDE, manda para os órgãos competentes que, por sua vez, manda o dinheiro para que se possa fazer as modificações e melhora-

mentos na escola. Esse ano a prioridade na Escola Manuel Novaes foi colocar a informática no currículo, para ver se é possível fazer algo diferente. Ao lado disso, entre os problemas identificados por professores, destacamos no seguinte depoimento a percepção de uma professora sobre a necessidade de aumento de fiscalização na escola pública:

– “O que eu acho principalmente sobre a escola pública é que a fiscalização tem que ser mais... Existe inspeção, existe tudo isso, mas sou a favor de que seja assim: que não avise quando vem ou deixa de vir; entre e converse primeiro com os meninos, para depois... Para mim, inspeção, fiscalização é isso: ela chega, vem, conversa com os meninos... Quer dizer, está existindo falha!”.

Mas segundo os professores, existe uma complexidade de problemas que terminam se refletindo no aproveitamento escolar, a exemplo dos afetivos:

– “Deixei terminar a unidade, chamei, botei ele aqui sentado, conversei com ele, procurei saber dele... Porque mostrei a ele a desvantagem, até para adulto, estar procurando atravessar a rua... Conversei com ele, fiz um pacto com ele; no final ele aceitou, e eu disse: – Olhe bem... você tem que estudar. Por isso eu digo que falta muito amor...”

– Outro dia conversei com um aluno: – Olha, você está se comprometendo comigo, você vai nessa direção, você vai acompanhar as aulas, você vai estudar, esse ano você vai passar, porque você vai acompanhar; pode confiar. Aí levantei e disse: dê-me um abraço... Eles não abraçam direito!”.

Esse tipo de visão é convergente com o argumento de uma vice-diretora de uma escola que atende os jovens do bairro. As educadoras percebem uma fragilidade na autoestima e uma certa carência nos seus alunos como destacamos a seguir:

– “Fora dinheiro, o que eles precisam para se desenvolver, eu diria a auto-estima, a auto-estima deles é baixa, eles não acreditam neles, apesar de estarem buscando, tenho a impressão de que muitos têm aquela coisa de não acreditar em si”.

– “Nós somos todos negros; não vejo passar por aí, não... Eu acho que é a questão familiar. Porque, inclusive, eles buscam aqui muito... Eles são muito carentes! Eu tenho alunos que você pensa que são meus parentes, sabe? Aquela coisa de comunidade... Eu sinto uma honra quando consigo trazer para eles... Tem os que ficam arredios, eu chego, pego no braço: – Ah, está de óculos bonitinho! E lá vou eu, fazendo minha festa, pra ver se traço para mim”.

As professoras consideram também que a auto-estima dos jovens participantes das instituições se fortalece ao longo do tempo e eles passam a acreditar em suas potencialidades e capacidades.

– *“Eu diria a auto-estima melhora, a auto-estima deles é baixa, eles não acreditam neles, apesar de estarem buscando, tenho a impressão de que muitos têm aquela coisa de não acreditar em si”...*

– *“Os jovens estão precisando de incentivo, precisando perceber que eles são importantes... Essa coisa da auto-estima que está banalizada, mas é necessário... Porque sempre a gente está falando que eles fazem parte de um processo, que eles não são a escória da sociedade, pelo contrário, são eles que constroem a sociedade. Eles trabalham isso lá...”*

A idéia do fortalecimento da auto-estima aparece no discurso das professoras, pontuando que os jovens precisam de estímulos para se desenvolverem e se sentirem capazes de se desenvolver e “concorrer” como os jovens das classes médias e altas.

– *“A coisa do boné, por exemplo. É norma e todo mundo aceita, todo mundo cumpre... E eu estou dando testa a esses meninos! Quando foi hoje, que eu pinte: – Você vá pintar em outro canto, porque eu já estou cheia de você! Ele ficou parado. Eu fiz: – O que é, meu filho? Simplesmente ele inventou de dar alisante no cabelo e o cabelo estava caindo! Eu disse: filho, por que você não me contou antes, para eu dar autorização e você ficar com esse boné na cabeça, já que não é permitido... Sabe? Mas precisou eu ameaçar transferir, que ia chamar o pai, para ele se abrir! ...Na hora de jogar duro, eu jogo. Mas, a coisa que eles estão precisando é de afeto, carinho, atenção: Eles estão dizendo – Olhe para mim...”*

A questão afetiva aparece novamente como um ponto importante trabalhado pelas instituições que “acolhem” esses jovens:

– *“Lógico! Mas se falam que a ONG está podendo dar o que eles não estão tendo, lógico que é sempre bem vindo o projeto de valorização desses meninos. Eles são muito machucados, são muito pisados, você ouve casos de pai e mãe que você não acredita!”*

Concordando com os depoimentos de alguns jovens, as professoras reforçam a idéia do papel transformador da juventude dentro do bairro do Alto das Pombas:

– *“Por exemplo, no Alto das Pombas eu tenho oportunidade de entrar, de ir visitar, de ver como é que a coisa funciona....Esses alunos que residem nesses locais já estão trabalhando no sentido da melhoria de qualidade nesses lugares, justamente porque é um retorno para eles mesmos. Eles estão fortalecidos”.*

Em relação ao estudo e trabalho, uma professora lamenta que alguns de seus alunos tenham que se dividir entre as duas tarefas no cotidiano.

– “É um casamento mal feito, muito mal feito, porque existe aquela fase, não é... Tudo na vida é etapa, e etapa de estudante é etapa de estudante, não de trabalhador. Estudante é estudante! ... Eu acho que os pais deveriam até ver isso... Só no último furo! Gente, não vamos passar fome, não vamos roubar... Agora, se der, tropeçando, caindo, levantando, para pai e mãe agüentar filho estudando, tem que agüentar, sim”.

Para uma professora, os direitos sociais conquistados pelas crianças e jovens acabaram por gerar a impressão de que os meninos e meninas não têm limites. O fato de serem protegidos pela lei cria a impressão de que podem tudo, como demonstramos no depoimento a seguir:

– “É necessário, mas foi mal colocado. Porque hoje, todo mundo sabe, os meninos fazem alguma coisa e já vão gritando: – Sou menor! Tinha que haver uma consciência desse sou menor. ... o sou menor prejudicou, de certa forma. Ele tinha que ter todos esses direitos, mas de uma maneira educada: – Você tem esses direitos, mas também tem limites. Como não foi educado, ele está ultrapassando os limites. E ultrapassar os limites é a dor de cabeça social que nós temos hoje”.

A falta de limites parece estar levando os jovens a se envolverem no mundo da criminalidade segundo uma professora:

– “O adolescente, o jovem, ele não quer mais respeitar ninguém, ele é ele, os absurdos estão aí, até mesmo entre eles. A gente está vendo as agressões, a nível nacional... Bateu, apanhou; vai para um estádio, tem agressão; vai para uma boate, tem agressão e até morte! Então, a coisa ficou colocada: – Sou jovem, posso tudo... Não, não é assim. Você é jovem, tem direitos, mas também existem os deveres... Porque tem que haver limites. Quer dizer, ficou sem o limite da sociedade, porque ele não interpretou muito bem os direitos que foram colocados, e isso dificulta”.

Por outro lado, os projetos sociais tendem a apoiar os pais na criação dos filhos e/ou dando oportunidades e impondo limites aos jovens de baixa renda da cidade, na opinião das educadoras, como demonstramos abaixo.

– “Eu acho que os projetos freiam um pouco os jovens. Porque o trabalho que é feito é justamente para frear. Um trabalho todo em cima de valorização, conscientização do aluno”....

Segundo elas, ao mesmo tempo em que os projetos reconhecem os direitos da criança e do jovem, esclarecem quais são os deveres. Atualmente, os pais, especialmente as mães, não teriam tempo para se dedicar à criação dos filhos como antes e, por isso, os projetos estariam suprindo uma lacuna familiar, contribuindo com a educação dos jovens e impondo os limites.

– “... Os trabalhos com esses adolescentes, com esses jovens, são voltados para uma recuperação, para dar uma conscientização a eles. Você pode, você deve, mas você tem limites. Então, o trabalho é sempre feito em torno disso, da cidadania. E o cidadão tem que ter consciência de que têm direitos, tem deveres também e que os direitos deles não devem atingir o direito dos outros. E esses meninos que são trabalhados, muitos chegam com problemas e há uma recuperação. Eles chegam aos projetos cheios de dificuldades e quando são trabalhados começam a ter limitações, começam a perceber que eles têm direitos sim, mas também têm deveres”.

– “Os projetos são importantes, têm que existir, sim; têm que continuar... Se em casa não dá e a escola está com limitações, não está se sentindo capaz!”.

Em relação ao aproveitamento escolar dos alunos que participam dos projetos sociais, as professoras tendem a considerar que os alunos melhoram o seu desempenho nos estudos e se tornam mais responsáveis com o ambiente escolar, buscando participar mais da vida da escola e apoiar os colegas.

– “Eu disse a você que nós descobrimos que com o trabalho das ONGs, melhora. Tinham alguns que brincavam, mas até com a brincadeira melhorou. Eu descobri que faz parte! Faz parte do plano a brincadeira, porque em questão de conteúdo não eram fracos, era por brincadeira! Eu percebi que tem que dar uma resposta melhor e realmente melhorar...”

– “A diferença quando entram nos projetos é muito grande. Por exemplo, Fábio, um aluno que terminou o 3º ano no ano passado. Ele era um menino assim, que desde o 1º ano tinha um comportamento, uma postura um tanto quanto irresponsável, não ligava muito, escola para ele não era sinônimo de muita coisa.... Tanto é que foi reprovado, porque não tinha nenhuma expectativa aqui dentro. No momento em que ele começou a fazer parte desse processo, ele adquiriu muito mais responsabilidade, ele se tornou uma pessoa que não perdeu a essência da juventude, a brincadeira, mas passou a selecionar o que era importante na vida dele. Tanto é que ele está continuando com esse trabalho!”

Novamente a participação dos jovens participantes de projetos em seus bairros e na escola, além da questão dos direitos e deveres, é destacada por uma professora:

– “Então, a diferença é significativa... A gente nota que esses jovens inseridos nesses trabalhos, eles têm uma participação fundamental, inclusive na escola, mostrando aos colegas como é importante participar da comunidade, levar aulas de cidadania, mostrar os direitos, os deveres, como as pessoas devem trabalhar essa situação. Então, eu, como professora, que trabalho direto com essas questões, eu vejo a diferença gritante, em comportamento, em produção, em tudo.”

Aliás a participação dos jovens na vida comunitária e escolar, demonstrando uma preocupação com o social, é apontada pelas professoras como característica dos jovens que participam de instituições sociais, como constatamos a seguir:

– “Olha, esses meninos que são de projetos, na escola eles estão sempre querendo organizar palestras, tentando mostrar que o grêmio estudantil não é apenas um espaço para fazer festa, é uma instituição dentro da escola a serviço do alunado, que deve trabalhar numa linha de conscientização. Então, isso a gente deve muito aos alunos que estão dentro desses segmentos. Eles trabalham a conscientização da própria turma da qual fazem parte, quando o pessoal está com uma brincadeira que no momento não vai levar a lugar nenhum. Eles tentam mostrar que em cinquenta minutos de aula, se você perde trinta, só brincando, você está perdendo trinta minutos lá fora, no mercado de trabalho. Esses meninos conseguem fazer isso com discurso na sala de aula. Entendeu que é importante?...”

O discurso da cidadania é trazido para a sala de aula, segundo as professoras:

– “Trabalhando essas situações você cria um espírito de cidadania. E os alunos que fazem parte dessas ONGs, eles já têm essa visão, quando se começa essa discussão em sala, eles ampliam, começam a falar de seus bairros, do que eles vivenciam...”

Contrastando com os depoimentos de alguns líderes comunitários e até de alguns jovens, as professoras parecem constatar que há uma mudança no comportamento e aproveitamento escolar independente dos jovens estarem ou não recebendo uma bolsa escolar.

– “Bem, antigamente eu atribuía até essa questão do aproveitamento escola, porque na Cipó ainda funciona assim, eles tinham que freqüentar as disciplinas e estarem com as notas dentro da média para continuar no projeto... Eu não sei se continua... Aí eu atribuía muito a isso, à necessidade, porque às vezes é a questão econômica, porque alguns tinham bolsa e tal. Mas depois eu comecei a ver de uma outra maneira, entendeu? Alguns a

gente já nota que, independente dessa situação... Independente da bolsa, do vale-transporte que vai receber lá, eles já têm uma postura de seriedade, a exemplo desses que eu convivi bem de perto. Cássia, Fábio, tinham mais dois daqui de tarde, que a gente notava um processo e que eles não estavam ligando muito para essa questão econômica da ajuda, era uma questão de cidadania mesmo”.

Concordando com os jovens ao constatar que não há vagas para todos os jovens nos projetos das instituições sociais, uma professora levanta a possibilidade de desenvolver trabalhos semelhantes ao das instituições na própria escola:

– “Como não tem vaga para todo mundo nas instituições, eu acho que a idéia seria o quê? Que se criasse pelo menos alternativas de trabalho na escola, que é um espaço importante para isso, que necessariamente não tivesse a parte que seria de uma ONG, mas tivesse a conscientização de como fazer coisas que são tão simples e que as pessoas criam tantas dificuldades a fim de não fazer”.

Além de uma maior divulgação sobre esses programas e projetos sociais, as professoras gostariam de ter uma maior integração entre a escola e as instituições sociais:

– “E eu acho que precisa ter uma divulgação maior, porque têm pessoas que você conversa, elas não sabem nem da existência dessas instituições. Então, eu acho que essa questão da comunicação ainda está pecando; é preciso estabelecer parcerias com as escolas”

Os jovens alunos das escolas públicas parecem estar, na visão da professora abaixo, com receio de enfrentar os desafios da vida e do mundo do trabalho, pois são oriundos de escolas públicas, cuja qualidade de ensino não é considerada boa. Mas parece haver um esforço de suprir esta lacuna por parte de alguns professores:

– “O que eles mais reclamam, que eu sinto assim mais... É medo. Eu sinto que eles têm medo de, ao sair daqui, as portas ficarem muito mais fechadas do que abertas.... Então, por exemplo, se a gente começa a discutir um problema do MST, o aluno às vezes não vê isso como um assunto a ser discutido, porque ele acha que está fora da realidade; o que a gente está tentando fazer agora é contextualizar os assuntos. E isso é importante não só em História, em sociologia e filosofia, é importante que todas as áreas trabalhem essa situação, para o aluno perceber que todos os assuntos devem ser discutidos na escola”.

As escolas estariam tentando suprir a lacuna entre o ensino público e privado através da inclusão das novas tecnologias, visando estimular o aprendizado, como demonstramos a seguir:

– “Você coloca um retro, um vídeo... Tem professores que fazem um trabalho lindíssimo, com multimídia, retro-projetor, de tudo que se puder imaginar... Parece uma escola particular... Então, a partir do momento que você busca soluções de melhoria, diversificar para que eles aprendam, a gente está nesse caminho...”

– “Eu não vou me conformar se esse laboratório não funcionar.... Inclusive, a manutenção do laboratório já chegou, mas eu tenho que instalar; porque, o que será desses meninos sem eles saberem a linguagem digital, não é?”

As diferenças dos alunos das escolas públicas e privadas aparecem várias vezes nos discursos dos professores:

– “Estou falando de cadeira. Já ensinei e já trabalhei com todas as etapas da educação...alunos de escola particular de 8ª Série que a mentalidade é: eu estou aqui para ser comandante e não para ser comandado às classes inferiores, que são chamados dígitos pobres... Um aluno já verbalizou isso, que não tinha interesse de estudar sobre proletariado porque ele não era proletário. Entendeu? Então, até que ponto esses meninos também estão precisando fazer parte de processos como esses?”

Algumas instituições sociais tiveram experiências de atendimento de jovens oriundos das classes médias de Salvador, mas a agenda sobrecarregada desses jovens acabou por desvinculá-los dos projetos sociais, como analisa uma professora:

– “Porque a Cipó trabalhava com alunos da escola particular, mas o que aconteceu? Isso foi relato de Ana Penido em um seminário do jornal A TARDE, que os alunos da escola particular têm mil atividades: têm inglês, natação, não sei o que, e eles deixavam os projetos no meio do caminho. Então, não era justo deixar de contemplar um número maior de alunos pobres, carentes, mas que iam ter o retorno, do que ficar contemplando essas categorias. Mas essas categorias precisam ser trabalhadas também, no sentido de entender o processo deles dentro dessa situação de caos que o Brasil está”.

Mas, com o empobrecimento da população soteropolitana, os jovens das classes médias estão ingressando nas escolas públicas, o que estaria gerando um certo conflito de classes em sala de aula, como pontuam os depoimentos abaixo:

– “Olha, aqui no Manoel Novaes o perfil é o seguinte: é uma escola que está se tornando um bairro de classe média, e você nota que têm alunos de segmentos diferentes, você têm alunos que o pai trabalhava numa grande empresa e que perdeu o emprego, e que veio para aqui com a máscara de estar numa escola num bairro nobre, que supostamente seria uma escola num mesmo molde da escola particular... Isso a gente sabe que não é.

Agora, e o que acontece? Esses alunos, quando chegam aqui, eles têm um choque porque a maioria é de comunidades carentes; tanto têm alunos do subúrbio ferroviário, alunos do Alto das Pombas, do Engenho Velho de Federação, do Uruguai que é um bairro tido na mídia como violento... Então, às vezes tem um choque, inicialmente tem um choque de idéias e tudo mais... Alunos que têm um celular importado e alunos que não vêm para a escola porque não têm dinheiro para comer, não têm o dinheiro do transporte... A gente vive com essas duas realidades”.

– “Eu como professora de História vou falar muito particularmente: inicialmente eu faço um diagnóstico da turma, depois tento socializar as discussões e mostrar que todos são iguais, que todos devem caminhar juntos num sentido de aprendizado, de um ajudar ao outro, de fazer da escola um espaço de comunicação e de crescimento, e não um espaço de conflito. Até porque os conflitos quando acontecem são de natureza econômica, porque aquele aluno que perdeu o poder aquisitivo não se conforma de perceber que está num outro caminho, num outro momento; mas aqui ele pode conseguir muita coisa. Porque eu acredito que quem faz a escola são os professores e alunos conscientes do seu papel... Essa situação de brincadeira, de enrolação, na minha sala de aula não cabe!”

Os jovens das camadas médias também deveriam participar dessas iniciativas sociais, segundo uma professora, já que muitos deles também estariam precisando de apoio:

– “E eu não digo só no segmento público, no segmento particular também. Porque você vê os meninos de classe alta, mas que muitas vezes desconhecem a realidade que está próxima deles, de pessoas que perderam o poder aquisitivo e o pai está trabalhando para dar algum tipo de instrução, mas que está caminhando para algumas situações difíceis. Porque esses meninos do segmento particular têm o poder econômico, mas falta o conhecimento de direitos, de deveres e de como trabalhar situações de risco dentro da própria escola deles”

Parece também que os jovens participantes de projetos sociais tendem a ser mais responsáveis com o estudo, como explica o argumento a seguir.

– “Eu acredito que também melhora, porque se ele fica mais responsável, se ele quer chegar a algum lugar, ele passa a dar valor ao que está recebendo... Não tenho nenhum caso, não. Mas não é em vão que essas ONGs trabalham com os meninos. Deve haver algum caso do menino não ser aberto, mas eu acredito que, na grande maioria, os resultados são bem positivos”.

Quando perguntadas sobre os jovens do Alto das Pombas, as professoras observam que há um movimento juvenil no bairro no sentido de melhorar a vida dos jovens e da comunidade. Chegaram a citar que o fato dos jovens estarem envolvidos em projetos sociais fortalecem a relação dos jovens com a sua comunidade.

– “Olha, a juventude do Alto das Pombas, hoje, eu acho que ela está engajada num processo muito legal, que é essa de trabalhar com o protagonismo juvenil, oferecendo a oportunidade aos jovens, dentro da sua comunidade, fazer um trabalho social, um trabalho de esclarecimento, tirando esses jovens das drogas e de situações de risco, não é? Então, aqui na escola nós temos uma menina chamada Cássia, ela é da Cipó, que é uma ONG que trabalha com a juventude, e que traz esse trabalho para a escola...”

Os jovens participantes de projetos tendem a apoiar seus pares tanto na comunidade como no ambiente escolar:

– “Ela não só desenvolve esse trabalho lá no Alto das Pombas como na sala de aula. No ano passado, ela teve a oportunidade inclusive de ajudar colegas que estavam indo por caminhos não muito bons... E ela conseguiu! Através do diálogo e da demonstração de que ela poderia ser fruto de uma situação muito ruim, mas estava num outro processo. Então, ela faz isso na escola, na sala da qual ela faz parte. E a minha idéia é, junto com ela, disseminar esse trabalho na escola como um todo”.

Segundo observa uma professora, os jovens do bairro do Alto das Pombas parecem ter uma forte identidade com seu bairro e vontade de crescer:

– “Mas o que eu noto de diferença nos meninos do Alto das Pombas é uma garra muito grande, eles têm uma vontade de crescer, de que o bairro seja respeitado... Porque existe também um preconceito de achar que crimes acontecidos naquela região do Calabar sejam crimes pertinentes ao Alto das Pombas, e não é, são coisas muitas vezes isoladas, não tem nada a ver... Eles têm, eu sinto, os meninos do Alto das Pombas, daqui da escola... Porque eu já tive oportunidade de ser professora, independente de ser de alguma ONG ou não... Eles têm aquela coisa de querer resgatar a identidade do bairro”

O orgulho de ser morador do Alto das Pombas e a preocupação com a comunidade parecem ser características dos jovens moradores deste bairro da cidade:

– “Eles trabalham muito essa coisa de identidade, eles exigem ser respeitados. Quando tem alguma colocação desagradável ou as pessoas começam a falar alguma bobagem, por falta de conhecimento mesmo, eles defendem logo. A gente sente isso, a defesa dos

bairros. E as vezes a gente não nota em outros bairros. Alunos de outros bairros, às vezes, não ligam ou têm vergonha de dizer de onde são ou mentem, dizem que fazem parte de outra comunidade. E os meninos do Alto das Pombas, não; Eles falam: – Eu moro no Alto das Pombas... Já notei isso em vários e eles defendem”.

A FAMÍLIA E OS JOVENS

Em pesquisa realizada com o objetivo de analisar um projeto social que atua em vários bairros populares de Salvador, Carvalho, Guimarães e Santos (2002, p. 30) observaram que cerca de um terço das famílias atendidas pela instituição pesquisada tem renda familiar situada em até dois salários mínimos. “Considerando que essas famílias têm de quatro a seis membros, ou mais, sua renda per capita normalmente ficava bem abaixo do que é considerado o patamar de pobreza, ou seja, de meio salário mínimo”.

Quando perguntamos aos jovens de ambos os grupos quem eles consideravam como sua família, as respostas variaram em ambos os grupos. Alguns consideram apenas a família nuclear ou os que vivem em sua unidade residencial. Outros alargaram esse conceito para vizinhos, tios, tias e primos.

- *“Considero família minha mãe, minhas sobrinhas e meus afilhados”, (menino participante de projeto social).*
- *“Eu considero meus pais, meus irmãos, alguns tios, alguns primos e amigos. E minha avó”, (menina não participante).*
- *“Minha família pra mim é meu pai e minha mãe. Só. Sou filho único”,(menino não participante).*
- *“Minha mãe e meu padrasto. Eu moro com eles e meus irmãos”,(menino não participante.)*
- *“Para mim são os pais, irmãos e minha sobrinha”, (menino não participante).*
- *“Meus pais, minha avó e meus tios”, (menino não participante).*
- *“Minha família é meus pais e meus irmão”, (menina não participante).*
- *“Ah, eu considero minha família todos os integrantes dela, eu considero para caramba... mas eu não tenho um relacionamento muito aberto com minha mãe”. (menina participante de projeto social).*

Em outros depoimentos, observa-se a referência à residência, ou seja, ao grupo doméstico, abrangendo a noção de família, incluindo vizinhos e amigos:

- *"Eu também moro lá na casa de meus pais porque sou muito apegado a família. A gente é uma família enorme". (menino participante).*

- *"Família são os que moram comigo, porém eu acho que meus amigos estão muito relacionados à minha família, porque fazem parte desse bairro e estão comigo. E os amigos de bastante tempo eu considero como parte da família".(menina participante).*

Outro aspecto importante nas referências dos jovens entrevistados sobre família diz respeito à trajetórias que demonstram as interrupções das relações familiares:

- *"Meu pai foi preso e minha mãe passou minha autoridade a ele, mas quando fizer dezoito, eu não tenho que fazer o que ele mandasse". (menino participante).*

- *"Eu acho que é minha mãe, meu irmão e aquelas pessoas que no momento sempre nos rodeiam..". (menino participante).*

- *"Família é minha mãe, meus irmãos e meu pai. Minha família é mesmo só eles". (menina não participante).*

- *"Para mim são os pais, irmãos e minha sobrinha".(menino não participante).*

Os jovens normalmente se referem aos seus familiares como pessoas com quem podem contar e que lhes apóiam nos momentos difíceis. Muitos chegam a dizer que dependem de sua família para tudo: alimentação, vestuário, transporte e, principalmente, apoio emocional.

- *"Minha família é todo mundo que está perto de mim e está querendo o meu bem na medida do possível, isso aí é minha família. É preciso você estar com sua "família de rua". (menino participante).*

- *"Na minha família são sete pessoas ao todo. Eu dependo da família para tudo". (menino participante).*

- *"Considero todo mundo. Minha mãe e minha avó. Conto com a família pra tudo". (menino participante).*

Além disso, amplia-se a noção de família até para os vizinhos, como no seguinte argumento:

- *"Família é toda aquela pessoa que a gente pode contar, não é? Os meus vizinhos fazem parte da minha família, porque, afinal, estamos em contato o tempo todo, todos os dias". (menina participante)*

Os argumentos dos jovens indicam, como se pode verificar, uma ampliação da noção de família além do núcleo conjugal, refletindo, também, as próprias mudanças nos arranjos familiares que hoje ocorrem em todas as sociedades.

– *“Eu, minha mãe e meu padrasto que chamo de pai, e minha irmã de 6 anos. Mas considero família quem está do lado, em cada momento”. (menina participante).*

– *“Eu considero minha mãe, meu pai, minhas tias, minha avó, minhas primas. Conto com minha família pra algumas coisas sim, pra outras coisas, não...” (menina não participante).*

A maioria foi unânime em responder que seus familiares são opoios fundamentais para suas vidas, pois estão presentes nos momentos de dificuldades e alegrias. Os jovens normalmente se referem aos seus familiares como pessoas com quem “podem contar”.

– *“Minha família é todo mundo que está perto de mim e está querendo o meu bem na medida do possível, isso aí é minha família. É preciso você estar com sua “família de rua” também porque eles ajudam”, (menino participante).*

– *“Na minha família são sete pessoas ao todo. Eu dependo da família para tudo”, (menino participante).*

– *“Conto com a família pra tudo”, (menina não participante).*

– *“Minha família é a base de tudo. Minha mãe, meu pai é jogo aberto. Mas minha mãe, meu pai em termos de família são maravilhosamente bem, não tenho do que reclamar”, (menina não participante).*

Ao referir-se à relação familiar, a grande maioria dos jovens participantes e não participantes dos projetos sociais afirma que, de maneira geral, o relacionamento entre os membros da família é considerado muito bom. A família é vista como a base da estrutura afetiva e um importante elo com o mundo fora de casa. O que, em algumas momentos, parece ser retórica (...“Família é minha estrutura de base”, *menino participante*), mostra-se diferente quando são colocados fatos do dia-a-dia: os pais e outros membros da família aparecem como as pessoas com quem os jovens puderam se apoiar nos momentos mais difíceis que enfrentaram. Em certos momentos, os jovens parecem apresentar uma visão idealizada da família.

– *“A relação com minha família é ótima”, (menino participante).*

– *“Eu classifico a relação como boa, pelo menos a família que mora lá em casa”, (menino participante).*

- *“Acho que a relação lá em casa é ótima. Rola diálogo e apoio”, (menino participante).*
- *“Gosto muito da minha família. Eu conto com eles pra tudo”, (menino participante).*
- *“Minha relação com a família é muito boa”, (menino não participante).*
- *“Minha relação com minha família é excelente!”,(menina não participante).*
- *“Considero o relacionamento ótimo”, (menino não participante).*

Mas há o reconhecimento de que, às vezes, há atritos entre os familiares:

- *“Agora a gente anda estável, mas não tem aquela coisa de apego total. Essa afinidade tenho é com os amigos. Se eu dependesse de muita coisa que meu pai fala, meu pai queria que eu fosse daquele tipo que ficasse em casa, que vivesse para a família... Eu conto com eles, sim, por questão de família, Acho que posso contar com eles para tudo, porque agora eles conseguem me entender melhor”, (menina participante).*
- *“Gosto muito de conviver com minha família apesar de eu e minha irmã termos nossos atritos, mas nos amamos”,(menina participante).*

Observamos uma forte presença da mãe na vida desses jovens, como demonstram os depoimentos abaixo:

- *“Eu dependo da minha mãe pra tudo. E nisso ela sempre me ajuda, em tudo que eu preciso ela está ao meu lado, me apoiando. Ela é a estrutura da minha família”,(menino participante).*
- *“Minha mãe soube cobrir meus erros, soube me apoiar. Eu me seguro nela, dependo dela pra tudo”,(menina não participante).*
- *“Conto com minha mãe e com meu irmão Rogério”(menina não participante).*

À guisa de complementar a pesquisa sobre a relação dos jovens com sua família, entrevistamos duas mães e um pai de jovens participantes de projetos sociais sobre a vida de seus filhos antes e depois da participação nas instituições sociais.

Os pais confirmam que contam com a renda de seus filhos no orçamento doméstico e que com seus proventos os jovens suprem suas necessidades de consumo e ainda apóiam em casa. Eles sentem orgulho pelo fato de seus filhos estarem trabalhando e preocupados com o futuro.

- *“Eles estão trabalhando agora: Fabinho está com um ou dois anos no Liceu e já concluiu o 3º ano; ele quer fazer vestibular. E agora ele está nessa experiência com a C&A. Quando recebem eles ajudam. Eles compram a roupa, compram os perfumes deles, porque eles precisam sair, não é? Tem a namoradinha... Eles ajudam nas contas com o que eles podem ajudar... Me ajudam também”.*

– *“Esses projetos sociais estão ajudando a criar meus filhos porque eles recebem o dinheiro deles, o vale, o ticket deles. Já é alguma coisa, já é alguma ajuda. Eu acho que deveria ter... Que abrangesse mais pessoas, porque tem muita gente precisando ganhar quando nada os tickets”.*

Os projetos sociais são importantes para a educação de seus filhos na opinião de seus pais, porque dão aparatos e instrumentos para que consigam ampliar o seu potencial de “empregabilidade”, conseguindo melhores posições no mundo do trabalho e se tornarem adultos responsáveis.

– *“(a vida dos meninos antes e depois dos projetos) Mudou. Mudou muita coisa na vida deles! Eles aprenderam muita coisa. Fabinho tomou um curso de computação, ele desmancha e conserta tudo agora... Eu nem sei explicar direito, sei que Fabinho aprendeu. Nando também mexe com informática. Eles aprenderam muita coisa. Eles nunca tomaram um curso que eu pudesse pagar e lá eles aprenderam... Ficaram mais amáveis também. Ajudou pra conseguir trabalho. Ajudou porque eles ficaram mais amigos das pessoas, e eles tratam bem... Antes, eles não maltratavam ninguém... Mas eu acho que eles agora tratam as pessoas melhor ainda!”*

O envolvimento nos projetos sociais estaria afastando os jovens do mundo da criminalidade e da ameaça das drogas, segundo seus pais:

– *“...Eles aprendem muita coisa lá, eles não estão com a cabeça no que não devem, principalmente drogas, essas coisas. E lá eles estão aprendendo muito, para eles e para os outros. Ah, claro que a gente se preocupa com as drogas, não é? Eles aprenderam mais depois que entraram no Liceu. A cabecinha deles ficou mais... Mais aberta ainda! No estudo melhorou porque Fabinho já terminou o curso dele...E o projeto ajudou muito, estimulou muito, muito”.*

– *“Esses grupos de jovens e projetos são bons, sim, porque tira muitas pessoas, muitos meninos do mau caminho, não é? Então, ajuda em alguma coisa. Não é isso?”*

– *“É, eu acho os projetos bons, não é? Porque tira de algum mau caminho. Porque realmente, se não tiver alguma coisa para fazer, eles vão fazer o que? Seguir o caminho mau, não é?”*

Quando perguntados sobre o que mudou na vida dos filhos após a participação nos projetos, os pais apontam que os filhos estariam respeitando mais os outros e se dedicando aos estudos com mais afinco:

– “Ah, mudou muitas coisas, meus filhos sabem respeitar as pessoas e tratar as pessoas bem. Na escola e aqui no bairro mudou tudo, o comportamento deles e tudo, sabem tratar as pessoas direito. Melhorou, bonitinho! E os meus filhos não me dão combate. A mim não”.

“Acho que os projetos mudaram algumas coisas, não é? Pelo menos elas ficaram assim, com mais educação. Ajudou, melhorou. Lílian, por exemplo, melhorou muito. Os projetos ajudaram Lílian a entrar na Universidade, principalmente o CRIA, ajudou muito no conhecimento que ela adquiriu, passeou muito, fez muita viagem. Ajudou muito.”

Os pais vêem como positivo o fato de seus filhos estarem envolvidos não só nas instituições sociais, mas também nos grupos de jovens locais, pois ocupam o tempo de seus filhos com atividades vistas como positivas, como demonstramos nos depoimentos abaixo:

– “As meninas têm atividade aqui no bairro, estudam, algumas delas participam do grupo de jovens. Eu acho muito bom, com fé em Deus. Os grupos ajudam muito. Principalmente o grupo de jovens... Tem outro grupo aí... Como é o nome desse que Rodrigo está? Ajuda pelo menos na educação, mas... Ajudou Lílian, Joelma também. Por sinal, um sobrinho meu, o Siu, ajudou muito. Andava querendo se misturar com esses meninos que estavam crescendo junto com eles e que não tinham bons costumes. Eu acho que Siu veio para cá e melhorou muito, ajudou muito”.

– “Acho muito bom que ela participe de outros grupos daqui do bairro. É ótimo ela estar envolvida, porque ela passa o que sabe para os outros que não tiveram a oportunidade que ela teve. E desde os doze, treze anos que ela vive no grupo de jovens daqui”.

– “Pelo menos ela está cheia de atividade, ela pode ir ao grupo de jovens, aí no Calabar, com a Gente Jovem. Também está na Única, participa do grupo de jovens da igreja... Participa de muitas atividades. Ela é muito procurada!”

Há ainda uma tendência de melhorar o relacionamento familiar, como pontua o depoimento abaixo:

– “Mudou o jeito dela também. O jeito meigo com a gente, em casa, comigo e o pai, não se aborrece com nada, se a gente está agitado, ela sempre procura acalmar, faz de conta que não está vendo nada, fica na dela. Eu acho que isso parte do meio em que ela vive”.

Os pais disseram também que foram os próprios jovens que descobriram os projetos através dos amigos e dos grupos de jovens do Alto das Pombas. Eles não se envolveram diretamente no processo de identificação e seleção dos projetos sociais.

– *“O projeto do CEAFFRO, os colegas deles indicaram. Aí eles foram para lá, para o CEAFFRO... Só o Fabinho! E agora, pelo Liceu, foi com os Panteras, acho que foi Rodrigo quem falou... Eu sei que houve uma inscrição, eles fizeram e passaram”.*

Alinhando-se ao depoimento de jovens que atribuem à família o papel fundamental de educar seus filhos, os pais afirmam que cabe a eles impor limites e acompanhar a vida de seus filhos:

– *“Rapaz, aqui tem tanto menino que faz coisa errada! E também, por quê? Porque os pais não procuram ver seus filhos. Se o filho chega em casa às dez, onze horas da noite, para eles não está dizendo nada. Se chega às duas, três horas da manhã, é a mesma coisa. Se um filho chegar às dez horas e a mãe e o pai procurar saber por que ele chegou naquele horário, e no outro dia ele chegar às onze e você corrigir, eu acho que muda a vida do jovem. E se você largar à toa, acaba um dia ele chegando às duas, três horas da madrugada e acabou... Aí começa a decadência da vida”.*

OUTROS TEMAS LEVANTADOS PELOS JOVENS

Ao longo da pesquisa de campo, alguns temas emergiram durante as entrevistas com os jovens. Julgamos pertinente incluí-los em nosso trabalho, uma vez que apontam preocupações e desejos do universo trabalhado, trazendo novos subsídios para a nossa análise.

PERSPECTIVAS DE FUTURO

Os planos para o futuro dos jovens participantes e não-participantes de projetos sociais passam por entrar na universidade e/ou desenvolver atividades artísticas. A formação está no centro dos seus planos, assim como o desejo de ter filhos e formar uma família:

– *“Eu queria ser Pediatra. Estudo para isso”, (menina participante).*

– *“Quero tentar seguir a carreira com teatro, ter uma família, ter minha casa, ajudar principalmente dentro da casa que eu moro hoje”,(menina participante).*

– *“É trazer as pessoas comigo, é me formar, abrir meu consultório. Mesmo sendo psicóloga, quero a carreira de palco”, (menina participante).*

– *“Pretendo me formar em fisioterapia e tentar arrumar um emprego”, (menino não participante).*

- *“O maior sonho era entrar na faculdade, mas agora já entrei, vamos para a parte mais difícil que é sair de lá, me formar.Faço Administração Pública”, (menino não participante).*
- *“Tenho um sonho de ter um filho, um dia quem sabe conseguir fazer uma faculdade de música, ser músico, só”, (menino não participante).*
- *“Meu sonho é me formar em Administração de Empresas. Ter filhos, dar educação a eles... só”, (menino não participante).*
- *“O que eu luto é que eu quero me formar em pedagogia e não só realizar um sonho meu, mas também contribuir com a melhoria do bairro,(menina não participante).*
- *“Eu queria ser advogada. E jogadora de futebol” ,(menina não participante).*
- *“Eu quero fazer artes cênicas, teatro. Trabalhar com televisão”,(menina não participante).*
- *“Eu gostaria de dar andamento em computação, eu gostaria de ser investigador no sistema de documentação”,(menino não participante).*

Apenas uma jovem se referiu ao desejo de ser policial:

- *“O que eu queria ser era polícia, mas eu queria ser do FBI”, (menina não participante).*

Portanto, quanto ao futuro, os dois grupos de jovens citam a formatura como um sonho a ser realizado. As profissões que desejam para seu futuro variam de administrador de empresas e médicos a atividades artísticas. Ter uma família também aparece como desejo recorrente.

Os pais demonstraram preocupação com o futuro dos filhos. Mas parece que alguns não conhecem muito bem os desejos e perspectivas de futuro de seus filhos, como constata o depoimento abaixo:

- *“Aqui não tem acesso ao lazer, à educação de qualidade. É da casa para escola, da escola para casa. Então não tem perspectiva de vida, você vê que a maioria deles não sonha em ter uma profissão. Então eles dizem “estou aqui, qualquer coisa que aparecer é lucro . Então um vai para fazer uma faxina, o outro vai trabalhar numa oficina. Então aquilo que a gente via sempre algumas décadas atrás, de perguntar ao jovem “O que você quer ser quando crescer?”, hoje eles não tem mais essa perspectiva”.*

TRABALHO

O envolvimento no mundo do trabalho parece ser maior entre os jovens participantes de projetos sociais. Muitos deles têm ou já tiveram alguma relação de trabalho. Outros recebem uma ajuda financeira das instituições (bolsa-escola).

– *“Já trabalhei demais, a carteira já foi carimbada umas duas vezes e tem muita coisa de serviço aí que eu já fiz”, (menino participante).*

– *“Oportunidade de trabalho quem me deu foi o Liceu. Fizemos as inscrições, uma metade ficou para fazer cursos no Liceu e a outra metade foi trabalhar no Banco do Brasil”, (menina participante).*

– *“Não trabalho. Recebo a bolsa de cem reais mensais” (menina participante).*

Observamos um compromisso desses jovens com suas famílias, no sentido de apoiar os pais e familiares quando necessário. Como já foi dito, a renda dos jovens é uma importante contribuição financeira para a família.

– *“Sou músico. Sou guitarrista. Ganho grana com isso e ajudo minha família”, (menino participante).*

– *“Quando está faltando alguma coisa dentro de casa, claro que tem que ajudar os pais”, (menina participante).*

– *“Eu ajudo já minha mãe, da forma que eu posso”, (menino participante).*

– *“Divido o dinheiro com a família, eu ajudo sempre”, (menino participante).*

Eles reconhecem que há poucas oportunidades de trabalho para os jovens.

– *“Acho que não tem trabalho para jovem hoje em dia”, (menino participante).*

Os jovens não participantes de projetos sociais falaram da vontade de ingressar no mercado de trabalho e se colocaram à procura de emprego no momento.

– *“Tenho vontade mas não acho. Queria fazer qualquer coisa que dê para ter meu dinheiro no bolso” (menino não participante).*

– *“Já trabalhei uma vez... Tinha vontade de estar trabalhando na área de informática mas não acho”, (menino não participante).*

– *“Nunca trabalhei, não...Tenho vontade, muita vontade de trabalhar”, (menina não participante).*

SONHO DE CONSUMO

A casa própria – geralmente para ser oferecida à mãe – é o sonho de consumo mais comum entre os jovens participantes e não participantes de projetos sociais. O primeiro grupo cita o carro, viagens e dinheiro para pagar a faculdade como sonhos complementares. Os não participantes também falam em ajudar sua família, sua comunidade, os mais necessitados e até as instituições de caridade.

- *“Meu sonho de consumo é minha casa, casa própria, minha universidade”, (menina participante).*
- *“É comprar uma casa e fazer uma viagem”, (menino participante).*
- *“É o sonho de consumo de todo jovem... Comprar um carro! Primeiro eu comprava uma casa para Mainha morar”, (menino não participante).*
- *“Eu primeiramente comprava uma casa para mainha”, (menino participante).*
- *“Meu sonho é dar uma casa para minha mãe, aqui mesmo”, (menina participante).*
- *“Eu compraria um apartamento, uma casa de praia e dois carros - um para veraneio e outro para ficar na minha porta, no apartamento”, (menino participante).*
- *“Paris a cidade-luz, queria conhecer, é o meu sonho de consumo”, menina participante*
- *“Meu sonho de consumo é ter tudo o que sonhei ter, casa, uma pessoa que me ajude e eu ajude também”, (menino não participante).*
- *“Se eu tivesse dinheiro muito eu fazia uma casa pra minha mãe, pra minha avó”, (menina não participante)*

A ajuda a mãe é uma preocupação recorrente dos jovens, aliás, a forte relação desses jovens com suas mães foi comprovada em vários momentos da pesquisa.

- *“Um sonho meu assim é botar minha mãe para parar de trabalhar, investir em minha sobrinha, comprar um carro... só...”, (menina participante).*
- *“Se eu tivesse um valor maior, dinheiro grande mesmo, eu ia pensar em ajudar minha mãe. A ela ter uma casa, porque ela mora de aluguel”, (menino não participante).*

Observamos ainda que alguns jovens se referiam em adquirir sua casa no próprio Alto das Pombas, enquanto outros falam que gostariam de sair do bairro se tivessem condições:

- *“Compraria uma casa aqui mesmo, não pretendo sair daqui”, (menina participante).*
- *“Eu arrumaria minha vida fora do bairro... Se eu tivesse dinheiro eu ajudaria uma instituição de caridade...”, (menino não participante).*
- *“Se tivesse grana compraria uma casa para minha mãe, fora do bairro e pagaria minha faculdade”, (menina participante).*

O desejo de crescer na vida e se estabelecer como profissional também foi colocado por uma jovem:

- *“Meu sonho de consumo é crescer na vida. Crescer profissionalmente”, (menina participante).*

Os jovens também sonham em ajudar a sua comunidade e ao próximo, como demonstrado nos depoimentos abaixo:

- *“Um dos meus sonhos é ajudar aqui a comunidade, da melhor forma que eu puder” (menina participante).*
- *“Meu sonho de consumo... Eu queria um carro e queria uma ONG. Eu faria trabalhos sociais. Nós também percebemos que muita gente sai e corta a relação com o bairro”, (menina participante).*
- *“Se eu tivesse uma grana agora eu ia investir em minha sobrinha, é deficiente auditiva”, (menino não participante).*
- *“Se eu tivesse dinheiro aqui agora eu sairia daqui para ajudar meu avô que hoje ele está numa cadeira de rodas, (menino não participante).*
- *“...Eu deixava uma conta no banco e fazia uma casa para esse pessoal que vive na rua, que não tem o que comer...”, (menino não participante).*

VIOLÊNCIA

A violência é uma constante ameaça na vida dos jovens moradores do Alto das Pombas. Quando não foram eles próprios vítimas de assaltos e dos desmandos da polícia, foram seus amigos e vizinhos as vítimas. Os participantes de projetos sociais falam que há dois tipos de violência que os atingem: a física (quando são assaltados ou abordados pela polícia) e a moral (quando sofrem chantagens ou se sentem desrespeitados).

- *“A violência mais que a gente sofre é aquela violência moral, da falta de respeito, da falta de informação. Depende só da gente ter um direcionamento” (menino participante).*
- *“Já fui assaltado, já fui abordado, chantageado...Abordado por uma pessoa aí, para tentar me roubar... E fora as violências que são psicológicas que a gente sofre na família, na escola, que também eu não vou querer dizer que eu vivo a mil maravilhas porque isto não existe”, (menino participante).*
- *“Além da violência física – que graças a Deus aqui no bairro eu nunca sofri – mas também já fui assaltado, já fui agredido, acho que há também violência também é psicológica...”, (menino não participante).*
- *“Eu acho que a própria forma de abordagem dos policiais é uma verdadeira agressão porque eles fazem isso aqui que é uma comunidade carente, pobre. E já sofri violência também de policiais assim, na abordagem...”, (menino não participante).*

O Alto das Pombas é considerado pelos jovens como um bairro violento. Muitos fazem uma associação direta da violência com a presença do tráfico de drogas na comunidade. Notamos que o medo está presente na fala dos jovens de ambos os grupos.

– *“O bairro como antigamente era muito violento aí os policiais eles não distinguem, eles chegavam e achavam que os jovens que jogavam bola eram todos marginais, ladrões, faziam e aconteciam”, (menino não participante).*

– *“Todos os bairros são violentos e aqui não é exceção”, (menina não participante).*

– *“Devia ter mais paz, que a violência tá demais aqui”, (menino não participante).*

– *“Se passar em algum canto aqui você vai ver como está a feira de crack, eles compram a R\$10, a R\$5... O álcool ninguém liga, ninguém acha que é uma droga. Muita gente acha que é só uma diversão. É difícil o pessoal aceitar que o álcool é uma droga...”, (menino não participante).*

O envolvimento de jovens no mundo do crime foi também observado pelos meninos e meninas entrevistados:

– *“Tem muito jovem envolvido na criminalidade aqui. Alguns estudam e tudo, mas caíram na asneira de usar drogas pelo fato de se achar mais forte, acha que isso dá força”, (menino participante).*

– *“A galera fica no largo, em frente a uma caixa de som, dançando e consumindo álcool, que tá também com um número crescente no bairro. Uma forma de jovens de 16, 17 anos trabalhar é vendendo cocaína, maconha e crack nas periferias do bairro. Jovens que jogavam bola com a gente, hoje comandam quadrilhas enormes articuladas entre Alto das Pombas e Calabar. Então o índice de criminalidade aumentou muito e aumentou muito nessa faixa”, (menino participante).*

Durante as entrevistas, uma jovem citou, inclusive, um caso de violência sexual sofrida por sua prima:

– *“Eu não sei direito, mas acho que uma das minhas primas já foi estuprada. Não, não foi no bairro. Ela saiu com o namorado e na hora que tava lá praticando o ato apareceu algum ou alguns...” (menina não participante).*

CAPÍTULO IV
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos, agora, a hipótese inicial desta pesquisa, que sugeria que os jovens participantes de projetos sociais estariam reelaborando suas práticas na família, na escola e no bairro, a partir do contato com as instituições sociais voltadas para a ressocialização de jovens de baixa renda de Salvador. Observamos se esses meninos e meninas estariam adquirindo recursos de “poder” suficientes para lutar contra a estigmatização de uma juventude pobre ameaçadora, com acesso limitado às fontes de prestígio social, buscando rever a relação do tipo estabelecidos e *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000) vivenciada em Salvador no bairro do Alto das Pombas.

Ao confrontarmos o discurso das políticas e projetos sociais com os depoimentos dos próprios jovens e dos adultos que os apóiam (pais, professores e líderes comunitários), notamos que parece haver mudanças no plano subjetivo do indivíduo, reforçando sua auto-estima e estimulando a desenvolver as suas capacidades e potencialidades, mesmo diante de condições sociais adversas. Segundo os depoimentos, ao acessarem seus direitos e deveres, os jovens participantes de projetos sociais tendem a se sentirem mais responsáveis dentro do ambiente familiar e da escola, além de serem estimulados a desenvolver atividades que contribuam com o desenvolvimento social da sua comunidade.

Por outro, observamos um certo tom de crítica em relação às instituições, especialmente no que se refere ao curto tempo de duração dos projetos sociais. De acordo com os jovens, eles se sentem “abandonados” após seis meses ou um ano de convivência nas instituições. Notamos também críticas em torno da questão dos recursos financeiros. Na visão dos meninos e meninas, algumas ONGs parecem estar “utilizando” o jovem como meio para aquisição de fundos para manutenção do seu quadro funcional e programas sociais (e não necessariamente focalizando o desenvolvimento do jovem como prioridade). Alguns depoimentos de jovens participantes de projetos sociais chegam a afirmar que as instituições estão à procura dos jovens não só para apoiá-los, mas também à procura de recursos financeiros para elas próprias.

A partir das falas dos dois grupos pesquisados (jovens participantes e não participantes de projetos sociais) sobre escola, família e bairro, percebemos as aproximações e distanciamentos entre as práticas, ou seja, o *habitus*, de ambos os grupos.

Em relação à escola, como já foi observado, parece haver o desenvolvimento de um certo senso de responsabilidade entre os jovens participantes de projetos sociais sobre a necessidade da educação formal. Os depoimentos sugerem o desejo de cursar a universidade e ter uma profissão. Vale registrar: dentre os 14 jovens participantes de pro-

jetos sociais entrevistados, três ingressaram no ensino superior, o que, talvez, poderia ser associado com o contato com as instituições sociais.

O fortalecimento da auto-estima e o reconhecimento das suas capacidades parecem estar contribuindo com o aprendizado dos jovens participantes na escola formal. Os não participantes também reconhecem a importância da educação formal para as suas vidas mas parecem não desenvolver este senso de responsabilidade em relação aos estudos, como o primeiro grupo revelou nas suas falas. As professoras afirmaram observar, em sala de aula, que os jovens envolvidos em projetos sociais tendem a diminuir as brincadeiras e chamar a atenção dos colegas para a necessidade de se prestar mais atenção no conteúdo das aulas. Os participantes, na ótica das professoras, estariam trazendo para a escola discussões e debates do seu cotidiano e da vida política e social do país.

Entretanto, observamos que o fato de participarem em instituições sociais não é suficiente para garantir o sucesso escolar desses jovens. A continuidade dos estudos parece depender muito mais dos próprios jovens do que da escola e instituições sociais. É o desejo de crescer e “ser alguém na vida” que moveria esses meninos e meninas para o caminho da aprendizagem, apesar das limitações da rede pública de ensino constatadas por ambos os grupos.

Os jovens de ambos os grupos demonstraram interesse em participar de cursos complementares ao ensino formal e profissionalizantes, especialmente o de informática, porém apenas os participantes de projetos sociais puderam acessar esses cursos, seja na própria instituição social ou por elas encaminhados. Tal fato parece nos indicar que um dos objetivos das instituições, no que tange à questão da profissionalização, estaria sendo atingido pelos participantes, na medida em que oferecem aos jovens oportunidades para frequentarem esses cursos profissionalizantes e complementares ao ensino formal.

Em relação à família, os depoimentos dos jovens participantes e não-participantes de projetos sociais variaram. Uns consideram família seus pais e irmãos, enquanto outros englobam os tios, primos, avós e vizinhos como membros da sua família – ainda considerada importante agência de socialização de crianças e jovens. Todos foram unânimes em dizer que a família é fonte de apoio emocional e seus membros os ajudam a resolver as coisas práticas da vida. Nos momentos difíceis, é com a família que contam.

O relacionamento com os pais e outros familiares é considerado bom para ambos os grupos, com o reconhecimento de que há atritos de vez em quando – visto como normal pelos jovens. Geralmente, o ambiente familiar é percebido como acolhedor e protetor. Durante os depoimentos, jovens dos dois grupos afirmaram que os vizinhos fazem

parte da sua vida e acompanham suas experiências nos bons e maus momentos. Percebemos que os jovens de ambos os grupos falam em ajudar seus pais – principalmente as mães – inclusive financeiramente. Tanto os pais como os jovens, independentemente de participarem de projetos ou não, afirmaram que a contribuição financeira dos meninos e meninas é importante para a renda familiar.

O diálogo dos jovens dentro da família e o respeito por seus membros são apontados pelos pais como mudanças perceptíveis no comportamento dos seus filhos após o ingresso nos projetos sociais. Os jovens estariam mais abertos para conversar com seus pais, irmãos e vizinhos e tenderiam a respeitar mais as pessoas, principalmente os mais velhos. Entretanto, os pais reconhecem que essas questões não dependem só das instituições sociais, mas também dos limites dados por eles aos seus filhos dentro de casa. Esta opinião é convergente com a das professoras quando afirmaram que os participantes de projeto social se tornam mais respeitosos, os ajudando na tarefa de convencer seus colegas a prestar atenção nas aulas e a ouvir suas educadoras.

Ao contrário do que preconizam as instituições sociais, não observamos um incremento do envolvimento dos pais na vida escolar dos seus filhos a partir da frequência em um projeto social. Os adultos colocam que sentem os jovens mais responsáveis com os estudos, o que certamente estaria levando a um melhor aproveitamento escolar, mas não falam em um maior acompanhamento dos pais em relação aos estudos dos filhos.

Em relação ao bairro, a diferença entre os jovens participantes e não-participantes de projetos sociais parece se apresentar através de um discurso de luta e transformação do Alto das Pombas em um local mais acolhedor para crianças e jovens. Segundo aqueles que participam de instituições sociais, os jovens deveriam lutar para transformar o bairro em um local “bom para se viver”, com oportunidades de educação e lazer para todos. E, para eles, os jovens têm um papel fundamental na transformação social do bairro, melhorando a convivência entre seus moradores. A conscientização em relação aos problemas sociais do bairro e a mobilização social seriam os meios necessários para melhorar a vida da comunidade, segundo os participantes. Isso parece revelar que a inserção nos projetos, onde discutem questões de cidadania e direitos sociais, ecoaria nas atitudes desses jovens moradores do Alto das Pombas. Dessa forma, a “juventude transformadora” manheiniana parece se revelar nos jovens do Alto das Pombas.

Para eles, o bairro é um bom local para se viver, mas, paradoxalmente, a maioria dos jovens de ambos os grupos fala que, se tivesse recurso iria morar em outro bairro da cidade. A falta de oportunidades para o desenvolvimento de atividades culturais, esporti-

vas e de lazer parece ser o obstáculo para se viver no Alto das Pombas, na ótica dos seus jovens moradores.

Em suma, na perspectiva dos participantes, a juventude do Alto das Pombas é vista como uma força transformadora e com talentos a serem descobertos e, por isso, seria preciso criar grupos de jovens e espaços para encontros e debates dentro do próprio bairro para que eles possam desenvolver esse potencial e se expressar.

Para os jovens de ambos os grupos, o fato de alguns dos seus pares se envolverem com a violência está diretamente ligado à falta de atividades que despertem o interesse dos jovens, além da pouca “consciência” desses meninos e meninas em relação ao valor da educação.

A convivência comunitária é considerada boa pelos jovens participantes e não participantes de projetos e a maioria considera que há solidariedade entre os moradores do Alto das Pombas, apesar de alguns reconhecerem que há momentos de atrito entre os vizinhos. Os jovens participantes de projetos sociais afirmam que trabalham juntos aos vizinhos e seus pais para que se integrem na vida do bairro.

Já os não participantes dos projetos sociais acham que a juventude do Alto das Pombas é vista com maus olhos pelos adultos que, muitas vezes, os rotulam como “vagabundos” ou pessoas ligadas ao tráfico de drogas. As meninas seriam vistas como “periquetes” e até “prostitutas”. Eles dizem que o jovem não é valorizado pelos adultos, em geral, dentro da sua própria comunidade. Porém eles contrapõem essa observação com o argumento de que os seus amigos estão se esforçando, estudando e procurando crescer, mas a maioria não encontra espaço no mundo do trabalho.

Aqui notamos uma nítida diferença entre as posições dos dois grupos. Enquanto os participantes apresentam uma visão positiva da juventude, colocando-a como pessoas transformadoras capazes de lutar para melhorar as suas vidas e a do seu bairro, os não participantes tendem a associar a juventude à violência e às drogas. A auto-estima do primeiro grupo se destaca em relação ao segundo, na medida em que vê a juventude interagindo de uma forma mais positiva e proativa dentro do bairro.

Os jovens não participantes de projetos sociais consideram que alguns dos seus vizinhos que estão vinculados às instituições sociais acabariam, de uma certa forma, se afastando do bairro, o que os levaria a perder a identidade com seus pares. Entretanto, os dois grupos acham que os projetos sociais são importantes para os jovens, pois oferecem novas oportunidades de aprendizado, seja através das conversas e debates com os educadores e colegas, ou através das oficinas artísticas e cursos profissionalizantes oferecidos. São espaços voltados para as questões do desenvolvimento juvenil que, de alguma

forma, complementariam a sua formação educacional, oferecendo novos instrumentos para buscarem um espaço de maior prestígio social no mundo do trabalho.

A partir das falas dos jovens e dos adultos que os rodeiam, observamos que o contato dos jovens com as instituições sociais parece indicar que há uma certa aquisição de recursos “de poder”, ou capital social (BOURDIEU, 2002), por parte desses meninos e meninas. Isso se demonstraria através do discurso e da luta por seus direitos sociais e também através da busca por uma vida melhor para eles, seus familiares e vizinhos. Nesse aspecto, poderíamos fazer uma certa aproximação entre a relação estabelecidos e *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000) com os dois grupos pesquisados. Enquanto os participantes tendem a conhecer seus direitos e suas capacidades, o que, de alguma forma, lhes confere poder simbólico para lutar por seus sonhos e desejos, os não participantes parecem não perceber essas potencialidades e direitos sociais, tendendo a uma certa acomodação diante das condições sociais adversas em que vivem.

Nesse sentido, o distanciamento entre os jovens participantes de projetos sociais moradores do Alto das Pombas e os jovens oriundos das camadas médias da cidade de Salvador parece ser menor do que os não participantes. A consciência em torno dos seus direitos e do seu potencial como jovem; a compreensão dos limites para a efetivação desses direitos e o desenvolvimento dessas potencialidades estariam diminuindo esta distância. Como pontuam Elias e Scotson (2000), a percepção por parte dos *outsiders* da sua condição de grupo com menor prestígio social seria um primeiro passo para denunciar a distribuição desigual de poder que se estabelece numa relação estabelecidos X *outsiders*. A questão da estigmatização da juventude pauperizada também pode ser analisada nesse contexto. Ao conhecer as suas capacidades e despertar para a necessidade de continuar os estudos e “crescer na vida”, os jovens do Alto das Pombas participantes de projetos sociais parecem estar levando para suas escolas, suas famílias e seu bairro uma visão de juventude com talentos e potenciais a serem descobertos que tem muito a contribuir com o desenvolvimento social das comunidades e não uma juventude pobre ameaçadora e sem compromissos com a vida. Caberia, portanto, às instituições sociais de socialização e ressocialização de jovens oferecer os aparatos para que suas capacidades sejam desenvolvidas.

Percebemos também que os jovens moradores do Alto das Pombas, sejam participantes ou não de projetos sociais, tendem a formar grupos e abrir espaços voltados para a discussão sobre as suas próprias vidas. Funcionando como uma espécie de “laboratório” – termo dito por um menino participante durante as entrevistas – o bairro conta com cinco grupos de jovens que discutem questões sociais, econômicas, culturais e raci-

ais. Talvez a tradição de luta e conquistas sociais da associação de moradores local e do grupo de mulheres, aliada ao grande número de instituições atuantes no bairro, estimule os jovens a pensarem sobre suas vidas e a do seu bairro. Muitos desses grupos são, inclusive, pontos de ligação entre os jovens e as instituições sociais, a exemplo do Fatumbi e do Panteras Negras, pois, apesar das críticas que tecem sobre os projetos sociais, os meninos e meninas consideram que são importantes para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Observamos, portanto, o efeito das instituições sociais nos jovens, quando estas os ajudam a reelaborar as práticas a partir do fortalecimento da auto-estima, do estímulo para o estudo e da conscientização em torno dos seus direitos e deveres. Entretanto, percebemos, a partir do discurso dos jovens e dos adultos que os apóiam, que os projetos sociais não são suficientes para promover uma mudança de *habitus* ou uma reelaboração das práticas sociais dos jovens de forma mais radical e duradoura. A frágil situação econômica das suas famílias, as limitações do ensino público, a falta de oportunidades de lazer e de educação complementar (inglês, informática, etc) e a frágil infra-estrutura dos bairros onde vivem parecem estar inibindo e/ou restringindo a inclusão social dos jovens das camadas empobrecidas da população. Portanto, por mais que as instituições sociais – e principalmente os jovens – se esforcem, há questões estruturais de iniquidades sociais que precisam ser enfrentadas com políticas sociais e econômicas de largo alcance.

Ao mesmo tempo em que esperamos ter trazido luzes para a discussão sobre as instituições sociais voltadas para a ressocialização dos jovens de Salvador, notamos que se faz necessário aprofundar questões em torno deste tema para melhor percebê-lo. Estudos sobre as diferenças e aproximações entre os projetos de organismos governamentais e os das ONGs, sobre as questões relativas ao gênero e ao impacto da bolsa-escola na frequência dos jovens nas instituições e na escola, entre outros, certamente trariam novos olhares e análises sobre o efeito das instituições sociais na vida de milhares de jovens do país. Entendemos que ouvir os próprios jovens é sempre um bom caminho a se trilhar.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA DE NOTÍCIA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. *Na idade média*. Brasília: ANDI, 1997.
- ALVAREZ, Marcos César. *O Código de Menores de 1927*. Trabalho apresentado no seminário As Crianças e o Habitat da Pobreza, Clacso, Cedec, São Paulo: USP, 1987.
- ALVIN, M.R.B.; PRADO VALLADARES, L. Infância e sociedade no Brasil: uma análise da literatura. In: Prado Valladares, L. (Org.). *A infância pobre no Brasil: uma análise da literatura, da ação e das estatísticas*. Rio de Janeiro: IUPERJ/Ford, 1988.
- ALVIM, Maria Rosilene B. *Constituição da Família e Trabalho Industrial: Um Estudo de Caso sobre Trabalhadores Têxteis numa Fábrica com Vila Operária*. Tese de Doutorado. PPGAS–Museu Nacional–UFRJ, Rio de Janeiro: 1985.
- _____et alli. *Quem tem Medo do Menor*. Tempo e Presença, 1987.
- ARAÚJO, André Vidal. *Pré-Delinquência Infantil em Manaus*. Manaus, Edições do Governo do Amazonas:1965.
- ARAÚJO, Silvana M. *De Pivete a Criança, um Estudo em uma Instituição de Menores*. Dissertação de Mestrado, PPGAS, Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRJ: 1979.
- ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- ARRUDA, Rinaldo. *Pequenos Bandidos*. Editora Global, São Paulo: 1983.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BERQUÓ, E.; BAENINGER, R.; FONSECHI, G. Situação demográfica brasileira. *Dados Demográficos*, Campinas, n. 2- 5, 1996.
- BILAC, Elizabete D. *Famílias de trabalhadores: Estratégias de sobrevivência*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- BILAC, Elizabete D. Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil. *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo: Anpocs, p. 73, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papi-rus, 1996.
- _____. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. (Org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. Fieldwork in Philosophy. In: *Coisas ditas*, São Paulo, Ed. Brasiliense:1990.
- _____. CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Área de saúde do adolescente e do jovem*. Brasília, 1999. (Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento, 1).
- CARVALHO, I. M. M.; ALMEIDA, P. H. Família e proteção social. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 109-122, 2003.
- CARVALHO, Inaiá; GUIMARÃES, Iracema B.; SANTOS, Lícia M. S. *A Fundação Cidade Mãe: relato de uma experiência*. Salvador: Unicef / Fundação Cidade Mãe/ Prefeitura de Salvador, 2002.
- CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados*. São Paulo, Cia das Letras: 1987.

- CASTRO, Mary G. Família e Rendimento: o trabalho infante-juvenil. In: Ministério da Ação Social; Centro Brasileiro para Infância e a Adolescência. *Bahia, suas crianças e adolescentes. O que está acontecendo?* Salvador: UNICEF, 1991.
- . ABRAMOVAY, Miriam. Cultura, identidades e cidadania: experiências com adolescentes em situação de risco. In: COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998. v. 1 e 2.
- CEBRAP. *A Criança, o Adolescente e a cidade*. São Paulo. Cebrap:1972.
- COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998. v. 1 e 2.
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. *Propostas aprovadas pela III Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente*. Brasília: CONANDA, 2000.
- COSTA, Heloniza. *Rastros da violência em Salvador*. Fórum Comunitário de Combate à Violência - Projeto UNI. Salvador: UFBA, 1997.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FAGUNDES, Terezinha L. *Boys and Girls in the Brazilian Labor Force*. Tese de Doutorado, American University, Washington, 2000.
- FAUSTO, Boris. *Crime, Cotidiano e Poder*. São Paulo, Brasiliense: 1985.
- FISHER FERREIRA, Rosa Maria. *Meninos de Rua*. São Paulo, Comissão de Justiça e Paz de São Paulo-Cedec: 1979.
- FONSECA, Cláudia. Família e desigualdade social no Brasil. In: *A criança no Brasil hoje. Desafio para o 3º Milênio*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.
- . *Socialização de Crianças em um Grupo de Baixa Renda*. Trabalho apresentado na VI Reunião da Anpocs. Nova Friburgo: 1982.
- . *Valeus Marchande, Amour Maternel et Survie: Aspects de la Circulation d'Enfants dans un Bidonville Brésilien*, Les Annales ESC, v.40, n.5, 1985.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *Adolescencia en America Latina y el Caribe: orientaciones para la formulación de Políticas*. Santafé de Bogotá, 2000. Mimeografado.
- . Um mundo para as crianças. Relatório da Sessão Especial da Assembléia Geral das Nações Unidas sobre a Criança - As metas das Nações Unidas para o Milênio. Nova York:2002.
- GOMES DA COSTA, A. C. et alii. *Educação e vida: Um guia para o adolescente*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1998.
- GONÇALVES, Margareth de A. Expostos, Roda e Mulheres: A Lógica da Ambiguidade Médico-Higienista. In: Almeida, Angela Mende et alii. *Pensando a Família no Brasil: Da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo: 1987.
- GONÇALVES, Zuila. *Meninos de Rua e a Marginalidade Urbana em Belém*. Belém, Ed. Salasianos do Pará, 1979.
- GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

- GUIMARÃES, Iracema Brandão. Revisitando a família no cenário da pobreza. *Caderno CRH: Gênero e Família*, Salvador, n. 29, jul./dez. 1998.
- _____. Moradia, família e trabalho: as demandas urgentes na experiência popular. In: LUZ, Ana M. C.; LIMA, Paulo C. (Org.). *Quem faz Salvador?* Salvador: Edufba; Prefeitura de Salvador, 2002.
- HOBBSAWN, E. J. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária*. Tradução Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Coleção Oficina da História, v. 2).
- JURGENS, Esther. *Adolescents in Brazil*. Local: Unicef, New York, 2000. Mimiografado.
- KOWARICK, Lucio. *Trabalho e Vadiagem: A Origem do Trabalho Livre no Brasil*. São Paulo, Ed. Brasiliense: 1987.
- LIPSITZ, George. *We know what time it is: race, class and youth culture in the Nineties*. In: Microphone Friends: Youth Music & Youth Culture. New York: Ratledge, 1994.
- LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. *Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses*. 2. ed. Salvador: Edufba, 2003.
- MACHADO NETO, Zahidé. *Meninos Trabalhadores*. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, Rio de Janeiro: 1979.
- _____. *As Meninas: Sobre o Trabalho da Criança e da Adolescente na Família Proletária*. Ciência e Cultura, v.32, 1980.
- MADEIRA, F.; BERCOVITCH, A. A onda jovem e seu impacto na população economicamente ativa masculina em São Paulo. *Planejamento e Políticas Públicas*, Rio de Janeiro, n. 8, jan./dez. 1992.
- MADEIRA, R. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou reclusão. In: *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.
- MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. (Org.). *Educação e sociedade. Leituras de sociologia da educação*, 1978. p. 91–100.
- _____. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (Org.). *Mannheim*. (Col. Grandes Cientistas Sociais, 25) Grandes Cientistas Sociais–25). São Paulo: Ática, 1982.
- MARGULIS, Mario (Org.). *La juventud es más que una palabra*. 2. ed. Buenos Aires, Argentina: Biblos, 2000.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação; Fundação Odebrecht. *Afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. Belo Horizonte, 2000.
- MUZA, G. M. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto. I – Prevalência do consumo por sexo, idade e substância. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo:1997a.
- _____. Da proteção generosa à vítima do vazio. In: SILVEIRA, P. (Org.). *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b.
- PARSONS, T. *La familia em la sociedad urbana industrial de los Estados Unidos*. In: Ensayos de Teoría Sociológica. Buenos Aires: Paidós, 1967.
- PASSETTI, Edson. *A Política Nacional de Bem-Estar do Menor*. Dissertação de Mestrado, PUC, São Paulo: 1982.
- PINTO, Louis. *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- QUEIROZ, José. *O Mundo do Menor Infrator*. São Paulo, Ed. Cortez, 1984.

RIBEIRO, Rosa da Silva. Educação e trabalho do menor: dimensão nacional e manifestações regionais. In: RIBEIRO, Ivete (Org.). *Menor e sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1987. p. 40-59.

SADER, Emir et alli. *Fogo no Pavilhão*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.

SANTOS, Lícia Maria Souza. *Mudança de habitus? A trajetória de ex-educandos de políticas sociais voltadas para a criança e o adolescente de camadas pobres da população*. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia, 2002.

SERRÃO, Margarida; BALEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a ser e a convencer*. São Paulo: FTD/Fundação Odebrecht, 1999.

SIMÕES, Carlos. *O Direito do Menor*. Trabalho Apresentado no seminário As Crianças e o Habitat da Pobreza, Clacso, Cedec, São Paulo, USP, 1987.

SPINDEL, Chewya. *O Menor Assalariado Registrado: Condições de Trabalho em Áreas Metropolitanas*. São Paulo, Textos Idesp:1985.

TOURAINÉ, A. *A crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

WEBER, Max. Introdução. _____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1981.

VALLADARES, Lícia. *Growing Up in a Favela*. Trabalho apresentado no XI World Congress of Sociology, Comitê de Pesquisa, n.38, Biography and Society, sessão 8, Nova Delhi: 1986.

ZALUAR, Alba. Condomínio do Diabo: as Classes Populares Urbanas e a Lógica do “ferro” e do “fumo”. In: Pinheiro, Paulo Sérgio (org). *Crime, Violência e Poder*, São Paulo, Ed. Brasiliense: 1983.

_____. *A Máquina e a Revolta, as Organizações Populares e o Significado da Pobreza*. São Paulo, Ed. Brasiliense: 1985

ANEXOS

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA GRUPO FOCAL – JOVENS

O Bairro

- 1 – Vocês poderiam falar um pouco sobre como é a vida aqui no bairro?
 - 1.1. Como as famílias vivem? Sustento / Condições de vida
 - 1.2. Como é que os jovens vivem aqui no bairro: o que fazem e o que deixam de fazer (o que gostariam de fazer)

A Vizinhança

- 2 – Vocês acham que existe um bom relacionamento entre as pessoas aqui no bairro? (solidariedade)
 - 2.1. As pessoas contam umas com as outras?
 - 2.2. Existe ajuda? Em quê? Pra quê?

A Família

- 3 – Com que vocês vivem – quem é a sua família?
 - 3.1. Como é sua relação com a sua família?
 - 3.2. Vocês costumam contar com a família pra quê?

O Jovem

- 4 – Quais são as principais necessidades dos jovens nesse bairro?
 - 4.1 Outras necessidades além do padrão de consumo?
 - 4.2 Qual é o sonho de consumo?

A instituição

- 5 – A partir dos problemas e necessidades dos jovens desse bairro vamos discutir:
 - 5.1. Por que vocês acham que existem vários projetos nesse bairro?
 - 5.2. Eles são importantes por que?
 - 5.3. Vamos comparar um pouco como era a vida de vocês antes e depois da participação no projeto.

ANEXO II

ROTEIRO DE ENTREVISTAS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS

O Bairro

- 1 – Você poderia falar um pouco sobre como é a vida dos adolescentes aqui no bairro?
 - 1.1. Como as famílias vivem? Sustento / Condições de vida
 - 1.2. Como é que os adolescentes/jovens vivem aqui no bairro: o que fazem e o que deixam de fazer

A Vizinhança

- 2 – Vocês acham que existe um bom relacionamento entre as pessoas aqui no bairro? (solidariedade)
 - 2.1. As pessoas contam umas com as outras?
 - 2.2. Existe ajuda? Em quê? Pra quê?

O Jovem

- 4 – Quais são as principais necessidades dos adolescentes/jovens nesse bairro?
 - 4.1. Outras necessidades além do padrão de consumo?
 - 4.2. Relação com a escola
 - 4.3. Relação com o mundo do trabalho

A instituição

- 5 – A partir dos problemas e necessidades dos jovens desse bairro vamos discutir:
 - 5.1. Por que vocês acham que existem vários projetos nesse bairro?
 - 5.2. Eles são importantes por que?
 - 5.3. Vamos comparar um pouco como era a vida dos adolescentes/jovens antes e depois da participação no projeto.

ANEXO III

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PAIS

O Bairro

- 1 – Você poderia falar um pouco sobre como é a vida dos adolescentes aqui no bairro?
 - 1.1. Como as famílias vivem? Sustento / Condições de vida
 - 1.2. Como é que os adolescentes/jovens vivem aqui no bairro: o que fazem e o que deixam de fazer
 - 1.3 O que você e seus filhos acham de viver e conviver no Alto das Pombas?

A Vizinhança

- 2 – Você acha que existe um bom relacionamento entre as pessoas aqui no bairro? (solidariedade)
 - 2.1. As pessoas contam umas com as outras?
 - 2.2. Existe ajuda? Em quê? Pra quê?

O Jovem

- 4 – Quais são as principais necessidades dos adolescentes/jovens nesse bairro?
 - 4.1. Outras necessidades além do padrão de consumo?
 - 4.2. Relação com a escola
 - 4.3. Relação com o mundo do trabalho

A instituição

- 5 – A partir dos problemas e necessidades dos jovens desse bairro vamos discutir:
 - 5.1. Por que você acha que existe vários projetos sociais nesse bairro?
 - 5.2. Eles são importantes por que?
 - 5.3. Vamos comparar um pouco como era a vida dos adolescentes/jovens antes e depois da participação no projeto.
 - 5.4. E a relação com a escola?
 - 5.5. E o mundo do trabalho?

ANEXO IV

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PROFESSORES

O Bairro

- 1 – Quais são suas impressões sobre o bairro Alto das Pombas?
 - 1.1. Como as famílias vivem? Sustento / Condições de vida
 - 1.2. Como é que os adolescentes/jovens vivem aqui no bairro: o que fazem e o que deixam de fazer

O Jovem

- 4 – Quais são as principais necessidades dos adolescentes/jovens que são seus alunos?
 - 4.1. Outras necessidades além do padrão de consumo?
 - 4.2. Relação com a escola
 - 4.3. Relação com o mundo do trabalho

A instituição

- 5 – A partir dos problemas e necessidades dos adolescentes/jovens desse bairro vamos discutir:
 - 5.1. Por que vocês acham que existem vários projetos atendendo seus alunos?
 - 5.2. Eles são importantes por que?
 - 5.3. Vamos comparar um pouco como era a vida dos adolescentes/jovens antes e depois da participação no projeto.
 - 5.4. Muda algo em relação à escola/aprendizagem?
